

MYRNA ANDREZA

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman, Myrna Andreza, has curly brown hair and is wearing a black sleeveless dress with red lipstick. The man has dark hair and a beard, wearing a blue pinstripe suit and a dark bow tie. They are in a dark setting with dramatic lighting.

ATÉ O FIM

E SE O AMOR NÃO SUPERAR O DESEJO DE VINGANÇA?



Ate o Fim

MYRNA ANDREZA



FÊNIX PRODUÇÕES EDITORIAIS

2018

Copyright © 2018 – Myrna Andreza

Projeto Editorial: Murillo Magalhães (Fênix Produções Editoriais)

Revisão: Nadja Moreno (Fênix Produções Editoriais)

Capa: Murillo Magalhães (Fênix Produções Editoriais)

Diagramação: Denilia Carneiro (Fênix Produções Editoriais)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreza, Myrna

ATÉ O FIM| 1ª ed.

São Paulo / 2018

ISBN: 978-85-54324-01-8

1. Literatura Brasileira. I. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da Editora na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

SUMÁRIO

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[BÔNUS 1](#)

[BÔNUS 2](#)

[EPÍLOGO](#)

Agradeço...

À faculdade Ciências Médicas da Paraíba, por ter possibilitado o lançamento da primeira obra, “Até o Limite”. À minha mãe, a mulher mais guerreira e batalhadora que existe, enfrentando todas as dificuldades junto a mim. Felipe, por estar ao meu lado, me apoiando sempre. Ao meu pai e madrastra, por todo o incentivo dado. À minha família: Herika, Mayra, Mayara, Hemerson e Josivaldo, Valdir e Iara, que me acolheram como uma filha. À Anna, que me ajudou de uma forma inexplicável, com palavras e ideias. À Marianne, por ter sonhado e contribuído na primeira obra. Às amigas especiais como a Fernanda e a Priscilla. Aos grupos “Jampa Literária”, “Bordel da Kristen” e “Os Ginas”. À Dra. Tânia, Graça Rezende e Daniella Ranconi. A todos os meus amigos em geral. E aos meus leitores, eu não estaria aqui se não fosse por eles, se não fosse pela força e coragem que me deram para ir atrás deste sonho.

CAPÍTULO 1

Um ano depois...

Daniel

Um ano se passou. Um maldito ano e eu ainda não tinha nenhuma notícia dela, deveria estar feliz com seu sumiço, afinal eu que mandei que ela desaparecesse da minha vida, mas simplesmente não conseguia. Sentia-me morto por dentro, como se um pedaço de mim tivesse ido embora. Ainda me perguntava como, do nada, tudo mudou. Tentava formular um porquê na minha cabeça, mas nada me convencia, ela estava se entregando para mim, dizendo que me amava, e por trás armava um plano para me destruir? Será que ela mentia o tempo todo? Perguntava-me diariamente.

Segundo a carta que ela me deixou — maldita carta —, cada “eu te amo” fora verdadeiro e que ela tinha motivos para agir como agiu, mas que motivos seriam? Eram essas dúvidas que acabavam comigo e faziam-me arrepender de não tê-la deixado explicar, mas eu estava transtornado. A maneira que eu descobri tudo foi demais para mim, eu me sentia um completo idiota.

Conforme os dias passavam eu via meu inferno astral piorar, depois de tudo o que aconteceu cá na bebedeira, não queria saber de mais nada. Esqueci um pouco da minha empresa, minha vida se resumia a acordar para beber e beber para dormir. A raiva e mágoa que eu sentia me impediam de reagir a tudo aquilo, e o resultado foi trágico, eu adquiri uma gastrite crônica e era tudo culpa dela, daquela maldita, aquela infeliz que eu deveria odiar com todas as minhas forças, mas que eu não conseguia, porque eu ainda a amava. Pelo menos minha empresa, graças ao Davis, ainda estava bem, era o que me restava de bom.

O seu sumiço me intrigava, nem o irmão dela sabia de seu paradeiro. Como eu sabia? Nós nos tornamos dois cães de caça atrás dela ao longo de um ano, decidimos unir forças para localizá-la, e nem assim tivemos sucesso, nos unimos desde aquele fatídico dia.

Flashback on

Uma noite nunca fora tão longa para mim. Eu me encontrava sem rumo, sem chão. Minha cabeça dava voltas e parecia que nunca iria parar. Suspirei pesadamente tamanha dor que estava sentindo.

Após horas dirigindo sem saber para onde ir, decidi voltar para casa. Com o carro estacionado na garagem, estanquei no lugar. O que seria da minha vida? O que eu iria fazer?

Meu coração havia sido pisoteado, esfaqueado e destruído... pela única mulher que amei na vida. Segurei as lágrimas sem saber como agir. Tudo estava tão perfeito, tão real. Não podia acreditar que o que vivemos não passou de uma encenação.

Nicole só podia ser uma desgraçada sem sentimentos! Como ela podia ter feito aquilo comigo? Depois de tudo que havia feito por ela? Rezava para que tudo aquilo não passasse de um simples pesadelo, que quando acordasse teria a mulher da minha vida ao meu lado. Que tudo não havia passado de um sonho ruim, que acordaria e teria Nicole em minha cama, depois de uma longa noite de amor.

Soquei o volante com raiva enquanto suspirava novamente. Decidi sair do carro e, a passos curtos, caminhei em direção ao meu apartamento. Parei na porta, com receio, será que ela ainda estaria ali? Esperava que não, pois eu não tinha a mínima condição de vê-la. Para falar a verdade, tudo que eu queria naquele momento era que aquilo não passasse de uma brincadeira de mau gosto e que ela negasse todas as acusações. Entretanto não foi assim.

Encontrei o apartamento silencioso quando entrei e bati a porta com força. Eu estava completamente acabado. Olhei todos os cômodos, porém Nicole não estava mais lá e agradei por isso. Não sabia o que era capaz de fazer se a visse novamente.

Chegar em casa e ver tudo calmo acabou comigo. Caminhei roboticamente até o escritório e avistei uma carta em cima da mesa. Foi o golpe de misericórdia, ela realmente tinha ido embora, ela tinha me deixado, as palavras da carta nunca mais saíram da minha cabeça...

...Estou saindo da sua vida, como você me pediu, ou melhor, exigiu...

...Você não tem noção do quão difícil foi abrir mão de tudo que eu acreditava...

...Pode ser que você não acredite, mas eu me apaixonei por você, cada “eu te amo” que disse foi verdadeiro...

Naquele momento a única coisa que eu podia fazer era pôr minha raiva para fora e chorar, quebrei coisas e destruí boa parte do apartamento, mas nada fazia aquela dor passar, até que me encolhi no sofá agarrado a uma garrafa de whisky, só assim para eu conseguir esquecer das coisas.

Não sei em que momento foi, só sei que fui acordado por um Garret aflito me dizendo que o Senhor Sullivan estava subindo. Mal tive tempo de levantar quando um furacão entrou no meu apartamento, vindo para cima de mim.

— Onde está a minha irmã? — perguntou, transtornado.

— Isso é algo que eu também queria saber, Oliver — respondi de forma sarcástica.

— Ora seu desgraçado, minha irmã sumiu e eu sei que a culpa é sua!!! — gritou ele, avançando para cima de mim e agarrando a gola da minha camisa em um piscar de olhos.

— A CULPA É MINHA? VOCÊ SÓ PODE ESTAR LOUCO, VOCÊS IAM ME DAR UM GOLPE, EU DESCUBRO ANTES E IMPEÇO. ELA SOME PARA NÃO SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS E EU SOU CULPADO? AH FODAM-SE VOCÊ E ELA!!! — respondi usando o mesmo tom que ele e me livrando de seu aperto.

— O que você disse? — perguntou retoricamente, como se não soubesse do que eu estava falando.

— Isso mesmo que você ouviu, eu sei de tudo... Que sua irmãzinha tão inocente estava me usando para dar um golpe, que ela pretendia me roubar a empresa, me deixar falido... Logo eu que sempre fui tão correto e sempre fiz de tudo para ela, então não me venha com esse papo de ‘o que você disse?’ que você sabe muito bem, vocês estavam juntos nessa que eu sei.

— Então foi isso... — ele falou e se sentou no sofá com as mãos no rosto.

— Foi isso sim, não se faça de inocente que eu sei que vocês estavam juntos, então me poupe de seu teatrinho e, por favor, me deixe só, o Garret irá lhe acompanhar até a porta, passar bem — falei já me encaminhando para meu quarto, deixando-o com Garret.

— Daniel, espere... — ele começou a falar, mas eu interrompi sem pestanejar.

— Não, não espero, se tem uma coisa que eu odeio é ser passado para trás, ser feito de idiota, e foi isso que vocês fizeram, agora, se retire da minha casa — falei e continuei meu caminho.

— Você acha mesmo que se eu soubesse dela, estaria aqui tão desesperado? Eu sabia do plano, mas era contra, tanto que por diversas vezes

tentei fazê-la desistir e se afastar de você, por isso era contra esse namoro — ele suspirou e eu vi sua expressão de dor — Estou desesperado, eu só tenho ela e ela a mim. Porém ela sumiu, só me mandou uma mensagem e agora seu celular só dá desligado, eu conheço minha irmã, se ela disse que ia embora e não ia mais entrar em contato é exatamente isso que ela vai fazer. — Pausou, olhando nos meus olhos. — Você tem irmãs e sei que mesmo que elas errassem você iria apoiá-las, eu estou desesperado e só você pode me ajudar, então, por favor cara, vamos deixar tudo de lado e me ajude a procurá-la, eu te peço, eu sei que você quer ouvir uma explicação dela, assim como eu.

Olhei para trás e vi um Oliver derrotado, com olhos vermelhos e lágrimas presas. Uma parte de mim lutava para dizer não a ele, e o mandasse embora... Porém cheguei à conclusão que eu também faria isso pelas minhas irmãs, também me humilharia, além do que, eu precisava ouvir dela o porquê de tudo aquilo. Eu precisava saber dos seus motivos.

— Okay... Você me convenceu, vou entrar em contato com o meu pessoal — falei e já fui discando o número do meu chefe de segurança. — Eleazar, Campbell falando, eu preciso que você rastreie o último sinal do celular da senhorita Sullivan e o localizador de seu aparelho, também procure pelo rastro do cartão de crédito e do banco para ontem, estou no aguardo. — Desliguei e me virei em direção a Oliver. — Eu posso ver a mensagem que ela mandou para você?

— Claro — respondeu, me passando seu celular.

Oliver, estou indo embora e você deve saber o motivo, não pensei que você pudesse agir contra mim, meu próprio irmão... Espero um dia conseguir te perdoar... Eu ficarei bem. N.

Li e reli a mensagem incrédulo.

— Agir contra ela? — questionei.

— Ela pensa que fui eu quem te enviou os documentos que ela pegou em seu escritório, até porque eles estavam em minha posse quando tudo ocorreu, só não sei explicar como eles chegaram até você, já que eu não fiz isso — confessou.

— Nisso eu não posso ajudar, já que recebi de forma anônima — menti, não podia dizer a ele que foi Kate quem me mostrou tudo, ela se mostrou fiel a mim e eu não podia colocá-la em maus lençóis.

E assim se passaram duas horas, até que Eleazar nos passou toda a movimentação dela por e-mail.

Infelizmente não tivemos sucesso em nossa primeira busca, mas eu não iria

desistir, eu iria encontrá-la ou mudaria meu nome!

Flashback off

Engraçado como em um ano tudo muda, quem era o meu maior inimigo se tornou um dos meus grandes amigos, além de quase cunhado. Ele e Heloise pensavam que me podiam enganar, eu sabia que ali tinha alguma coisa, mas deixava-os livres, se quisessem me contar algo, eu estaria ali para ouvir.

Eu e Oliver nos empenhamos tanto na busca por Nicole que nos aproximamos, e nos tornamos ponto de apoio um do outro, desenvolvemos uma grande confiança e amizade. No início não foi nem um pouco fácil, pois ele ainda me culpava por sua irmã ter ido embora. O que até então eu não entendia eram os ‘tais motivos’ que tanto Oliver falava. Apesar de sermos amigos e nos darmos super bem, sentia que algo não se encaixava. Algo ainda precisava ser compreendido por mim e ele sabia muito bem o que era. Como também sabia que eu esperava por alguma explicação, porém nunca me revelava. Ele falava que Nicole que teria que me dar respostas.

Ele se tornou meu braço direito junto com Davis, que segurou a onda da empresa quando eu mais precisei. Ter Oliver por perto me trazia um pouco de Nicole, havia dias que eu acordava amando-a e dias que acordava odiando-a.

Não sabia de seu paradeiro, apesar de continuar monitorando sua movimentação bancária. Qualquer compra com seu nome, multas de trânsito, enfim, o que ela pudesse fazer eu acabava descobrindo. Mas continuava sem saber sua localização. Não sabia como ela poderia ter evaporado daquele jeito.

Chegando na empresa fui fazer o que sabia fazer de melhor, lidar com meus investimentos. Mexer com números ocupava tanto minha mente que nem tinha tempo para pensar em mais nada. Estava tão ocupado que não ouvi Kate bater na porta, só percebi quando ela entrou na sala.

— Senhor Campbell, desculpe interromper, mas foi deixado esse envelope para o senhor com aviso de urgente — falou uma Kate desconfiada.

— Pode deixa aqui na minha mesa, quando tiver tempo olho — falei e continuei meu trabalho.

Já na hora de ir embora me lembrei do maldito envelope e decidi abri-lo, encontrando nele uma mensagem digitada e uma foto em anexo, eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar. Era ela. Aquela que desgraçou minha vida. Bastou ver a foto que um misto de amor e ódio se apossou de mim. De repente tudo o que ela me fez voltou à tona. Até que resolvi ler o bilhete:

Parece que sua Nicole não se escondeu tão bem assim, e ela tem mais coisas a esconder do que você pensa, se eu fosse você iria atrás de explicações...

CAPÍTULO 2

Daniel

Li e reli o maldito bilhete e saí em disparada para minha cobertura, lá eu conseguiria pensar melhor, ali não era lugar para eu perder a cabeça. Chegando lá, me servi de uma dose de whisky e em seguida de outra, apenas algumas doses me fariam pensar melhor no que fazer, não me importava se iria me fazer mal, afinal, o álcool era mesmo o meu companheiro por diversas noites.

Andei até a escrivaninha ao lado da cama e peguei o bilhete que tinha deixado lá quando cheguei e reli pela milésima vez e sorri ironicamente. Só poderia ser o destino me pregando uma peça por, depois de tudo, uma pista surgir assim do nada. Tirei meu celular do bolso e disquei um número já tão conhecido.

— Nove horas, no local de sempre — falei e não deixei nem o incompetente do Demitri responder, fazia meses que havia contratado aquele maldito e até então ele não conseguira nem uma pista.

Me servi de outra dose e fiquei andando pelo quarto, respirando fundo. Não podia me perder daquele jeito, ela não merecia meu sofrimento, não merecia meu perdão. Não depois de tudo o que ela fez, não depois de tudo o que eu passei, do quanto me sacrifiquei.

— Ah Nicole, eu vou te encontrar... Ah, se vou! E você vai pagar caro por tudo o que me fez — murmurei olhando para a carta que ainda estava em minhas mãos.

Tomei banho e me arrumei, fazendo tudo no automático. Peguei minhas chaves e fui em direção à garagem, peguei o carro e dirigi sem rumo organizando meus pensamentos, até que chegou a hora marcada e fui para o local combinado. A calma que eu transparecia escondia a tempestade que se passava dentro de mim, o ódio me dominava e a ideia de vingança começou a me parecer atraente demais, apertei o volante com força ao lembrar as últimas palavras trocadas.



— *Eu tinha planos para a gente... Eu imaginei tantas coisas... Eu queria me casar com você, eu queria ter filhos com você... Construir uma família ao seu lado... Mas não... Você só me usou, você só queria meu dinheiro. VOCÊ NÃO PRESTA, VOCÊ NÃO VALE NADA, É UMA GOLPISTA, UMA VAGABUNDA!* — gritei, a raiva me cegando.

— *CALA SUA BOCA SEU IDIOTA* — ela gritava enquanto pegava um livro qualquer e jogava em minha direção. — *VOCÊ NÃO SABE DE NADA, SEU CRETINO.*

— *EU NUNCA MAIS QUERO TE VER, NUNCA MAIS.* — A mágoa me cegava. — *SAIA DAQUI AGORA... SAIA, NICOLE!*

— *EU NÃO VOU SAIR* — rebateu. — *Não antes de dizer tudo que eu tenho para falar a você.*

— *Desculpe, mas não estou a fim de escutar nenhuma desculpinha — ironizei cheio de sarcasmo. — Se você não sair... Saio eu.*



Era uma terça-feira, portanto o local não estava lotado, sentei na minha mesa de costume e uma atendente veio em minha direção, mas a dispensei, não estava com sede. A sede que eu tinha nenhuma bebida saciaria. Só descansaria em paz quando finalmente colocasse as coisas nos trilhos.

No horário marcado Demitri chegou indo diretamente ao meu encontro.

— Boa noite senhor Campbell, é muito bom vê-lo. — Sua postura séria combinava com a expressão fechada.

— Não posso dizer o mesmo. — Mesmo sem querer, o sarcasmo em minha voz preenchia o ambiente. — Chega de conversa fiada e vamos direto ao assunto.

— O que o senhor deseja? — perguntou, curioso.

Sem nenhuma cerimônia coloquei a mão no bolso da calça e joguei em cima da mesa uma fotografia.

— Por que diabos eu não tive uma merda de notícia? — perguntei começando a me alterar. — Vou ser bem claro mais uma vez... Eu quero saber tudo. Trabalho, amigos, cada minuto da vida dela. Quero que você a encontre. Entendeu? Não poupe esforços e nem dinheiro. Sabe que não há problema em relação a isso.

Diante dessas palavras me levantei e joguei o dinheiro sobre a mesa.

— Quero isso para ontem, adiante-se.

Saí do restaurante e segui na direção de casa. Abri a porta do apartamento já retirando o paletó, ansioso, mas precisava esperar até o dia seguinte. O bilhete não dizia muita coisa e eu precisava ter notícias dela, não importava qual fosse, um ano sem nenhuma informação era demais para mim. Trezentos e sessenta e cinco lentos e tortuosos dias.

Desabei no sofá, cerrando meus punhos com força. Não valia à pena, eu sabia, podia até estar errado, mas nunca iria dar o braço a torcer. Estava magoado demais para pensar direito. Levantei, me sentindo sufocado, sem ar, conhecia aquela sensação de velhos tempos. Tinha consciência do que se tratava, mas não me importei. Conhecia a solução dos meus problemas, e se para ficar em paz tivesse que fazer tudo de novo, não faria, preferia me acabar, nunca mais ter paz, sofrer dia após dia, mas não cometeria os mesmos erros.

Já estava acostumado com a ausência e ir atrás dela era como quebrar todas as minhas crenças. Mas afinal, não era isso que eu estava fazendo? Indo atrás dela mais uma vez? Fraquejando, como sempre? Porque quando se tratava de Nicole todas as minhas barreiras eram quebradas, a coerência se esvaía junto com o pingo de consciência que ainda me restava. E aquilo tudo era demais para mim.

Levantei-me do sofá e fui em direção ao escritório, precisava ocupar a minha mente então decidi trabalhar um pouco, a única coisa que me mantinha na realidade. Meu mundo podia parar sem Nicole, mas não podia deixar a empresa na mão, muitas pessoas dependiam dela para sobreviver. Mas ao abrir uma gaveta e pegar uns relatórios, fui surpreendido com uma foto de Nicole, linda como sempre, sorrindo para mim. Foto que fora tirada em um momento feliz, na nossa viagem para o chalé, com toda a tranquilidade que precisávamos. Pelo menos para mim havia sido, em relação a ela já não sabia. Me perguntava se ela fingira aquele tempo todo, ou se em algum momento ela fora sincera.

Decidi não avisar ao Oliver ainda, iria esperar algo mais concreto para poder conversar com ele, eu precisava saber da localização dela, o que ela estava fazendo e com quem estava se relacionando, para só então decidir o que fazer e avisar a ele. Naquele momento eu não pensava na amizade que construímos, ou na promessa que fizemos de que caso um soubesse de algo avisaria ao outro, naquele momento eu só pensava no que fazer quando a encontrasse, e mais uma vez a ideia de vingança me pareceu cada vez melhor...

— Ah, Nicole, eu vou te achar, e você vai pagar por todo o sofrimento que

você me fez passar, nem que essa seja a última coisa que eu faça na minha vida.

CAPÍTULO 3

UM ANO ANTES...

A estrada passava como um vulto para Nicole, que pisava com força no acelerador fazendo o carro dar o máximo de si. Seus olhos estavam desfocados com tantas lágrimas que insistiam em cair e molhavam seu rosto macio. Fungou várias vezes enquanto tentava respirar com dificuldade.

Depois de fazer o que devia, dirigiu com pressa até o local. A viagem duraria algumas horas, mas ela pouco se importava. A única coisa que queria no momento era estar bem longe de tudo e de todos, e isso ela conseguiria. Jurou a si mesma que nunca mais voltaria à sua, a partir daquele momento, antiga cidade. Era quase madrugada quando estacionou o carro na vaga mais próxima. Desceu, batendo a porta com força, observando o imóvel. Havia séculos não ia até ali.

Depois da terrível morte de seus pais, tanto ela como Oliver ficaram aos cuidados de uma tia, irmã de sua mãe. Mary era uma mulher amável e dócil, sempre os tratou bem e nunca deixou nada a desejar. Porém ela não era sua mãe, muito menos seu pai. E por mais que o amor que ela dava fosse acolhedor, não se comparava, nunca, ao amor de pais. Os dois eram crianças pequenas, Nicole na época tinha oito e Oliver, onze.

Ao entrar no apartamento, espirrou de imediato. Após a venda da casa e ter pago o que seu pai devia, havia sobrado algum dinheiro e como o local não era mil maravilhas, ainda conseguiram comprá-lo por um preço razoável. Então, de todo modo, pertencia aos filhos do casal. Desde a morte deles nenhum dos dois havia retornado ao apartamento, que agora se encontrava cheio de poeira e com lençóis brancos cobrindo todos os móveis. Nicole caiu ajoelhada, tamanha dor em seu peito. Nunca sentira tanta falta dos pais como naquele momento.

Não era justo que eles tivessem morrido! Não era!

Sem se importar, deitou-se no chão frio, abraçando seu próprio corpo, enquanto as lágrimas voltavam sem parar. Ela se sentia perdida, sem rumo, sem saber o que fazer. Nunca havia pensado que chegaria a uma situação como aquela... Ela só queria vingança. Que alguém pagasse por todo seu sofrimento,

que alguém pagasse pelo que havia acontecido com seus pais.

Nicole sempre soube o que era certo ou errado. Mas ela estava aí para isso? Não. Não se importava. Seus pais estavam mortos e nunca iriam voltar. Seu pai não podia cumprir a promessa que lhe fizera, porém ela iria cumprir. Não tinha nada a perder, nada.

Depois de ficar quase uma hora deitada, levantou-se com sofreguidão e retirou os lençóis sem pressa, espirrando sem parar no processo. Ainda lembrava-se de cada parte do apartamento. As lembranças ainda estavam vivas na sua memória e parecia que havia sido apenas um dia antes que estavam brincando com seus pais em uma noite qualquer. Mas, naquele momento, as únicas coisas que lhe restavam era raiva, mágoa, tristeza e lágrimas que a acompanhavam desde sempre.

No dia seguinte, Nicole levantou cedo e saiu para fazer compras. Óbvio que não iria usar cartão de crédito nem nada do tipo, não era nenhuma idiota. Havia feito uma movimentação bancária antes de sair da cidade e só lhe restava aquele dinheiro. Faria o possível para que nada levasse a ela ou ao local onde estava. Não queria encontrar Oliver e principalmente Daniel, apesar de compreender um pouco seu lado.

Na volta para casa, ela observava as pessoas, refletindo sobre sua vida e como chegou àquela situação. Não pretendia voltar à sua antiga cidade, então teria que arrumar um emprego, mas em nada que fosse grandioso, para não chamar atenção. Com um sorriso nos lábios, entrou no apartamento, já imaginando o que poderia fazer.



ATUALMENTE...

Mais uma noite mal dormida para Daniel. Se revirava na cama com a cabeça cheia. Estava cansado daquela vida. Sentia-se mal, não queria ter chegado àquele ponto. Uma parte de si odiava Nicole, porém a outra ainda a amava. Ela havia sido a única mulher na vida que ele amara realmente. Só em pensar que ele a admirava por ser diferente, por nunca dar atenção ao seu dinheiro... Como havia sido tolo... Como pôde ser tão ingênuo? Como não pôde ver que por trás daquele rosto delicado existia uma mulher cruel e sem escrúpulo que só tinha em pensamento seu dinheiro?

Em sua mente, sempre lhe passava pela cabeça se em alguma vez ela falou

a verdade. Se todo “eu te amo” dado havia sido falso. Não era possível! Nicole só poderia ser uma atriz de primeira, pois ele havia caído direitinho em seus planos.

Após um banho rápido e um café da manhã apressado, Daniel dirigiu em direção à sua empresa, sendo logo atendido por Kate.

— Chegou cedo, senhor Campbell — a loira se aproximou sorridente. — Deseja algo?

— Não — respondeu sério, observando a mulher à sua frente.

Depois que ela havia entregado as provas para ele, nenhuma palavra a mais foi dita. Daniel olhou carrancudo para Kate, estava no limite. De início, a mulher não tentou nenhuma aproximação, mas depois de um tempo, caiu matando em cima de Daniel. Ele agradeceu por ela nunca ter tomado uma atitude drástica a ponto de agarrá-lo, apesar de achar que ela seria capaz. Insinuava-se quase todas as vezes, porém nenhum sinal de afirmação ela recebia.

Depois do ocorrido e a bomba ter explodido, Oliver “terminou” com Kate. Ela ainda correu um bom tempo atrás dele, mas só recebia não. A única pessoa que teria acesso àqueles documentos era ela. E esses tais documentos foram parar imediatamente nas mãos de Daniel. Era óbvio, só podia ter sido Kate, apesar de a loira jurar de pés juntos que não. Oliver também não sentiu a menor falta dela. Okay, o sexo era bom, porém não era tudo. E ele não queria ao seu lado uma mulher que não confiasse.

Quando a noite enfim chegou, Daniel dirigiu com calma para seu apartamento. Sem nenhuma pressa abriu a porta e deu dois passos e ouviu um barulho. Ao olhar para baixo, deparou-se com um envelope. Seu coração gelou ao perceber que era do mesmo que recebera antes. Nervoso, caminhou em direção ao seu escritório, depositando uma grande quantidade do whisky no copo com um pouco de gelo. Sentou-se em sua poltrona cara de couro e suspirou antes de abrir e ler o conteúdo.

...De namorada do magnata a garçone... Parece que Nicole prefere lavar copos a ficar com você...

Levou alguns segundos para compreender a mensagem e para perceber que além do conteúdo, havia uma foto no envelope. Com as mãos trêmulas, segurou uma fotografia dela com roupa de garçone, pelo que parecia, em um simples restaurante. Daniel estava tão focado na imagem que quase deu um pulo quando escutou o barulho da porta de seu escritório sendo aberta.

— Daniel, você... — parou bruscamente ao se deparar com o estado de seu irmão. — Eu não acredito nisso. Sério, Daniel? — exclamou raivosa. Se seu

irmão estava bebendo, era por um motivo e ela sabia qual. — Por que você não esquece essa mulher hein?

— Catherine, o que vocês est... — ele tentou falar, mas foi interrompido.

— Eu não quero saber, chega de desculpas. Já se passou um ano e você continua na mesma, não dá mais. — Ela bufou indignada.

— Por que você não vai cuidar da sua vida? — Daniel nunca era mal-educado, entretanto sua irmã estava se tornando um tormento para ele. Ela não compreendia, não entendia, nem ao menos tentava.

— Olha o jeito que você me trata! — Se aproximou da mesa com uma expressão raivosa. — Você nunca me trataria desse jeito. Nunca. Depois que essa maldita mulher apareceu, tudo mudou. Ainda bem que você teve o mínimo de decência de não ficar com ela. Porque, sinceridade, você seria o cara mais otário do planeta em ficar com uma mulher que só queria o seu dinheir...

— Cala boca Catherine, cala a sua maldita boca! — Daniel havia chegado a seu limite. — Você não sabe de nada, ouviu?! De nada. Você nunca tentou entender. Então guarde sua preocupação para si. Eu te amo, você é minha irmã, mas não permito essas intromissões na minha vida. Chega! — explodiu.

— Por isso mesmo — rebateu, se aproximando ainda mais. — Eu sou sua irmã. Como você acha que eu me sinto vendo meu irmão sofrendo por causa de uma vagabunda?! Eu me sinto péssima Daniel, não consegue compreender isso? Eu quero o melhor para você, e se faço o que faço, não é por mal. Entenda, por favor!

— Desculpe por gritar desta maneira — ele respirou fundo, vendo que de nada adiantaria e sabia que tudo que sua irmã estava fazendo era porque o amava. — Eu só queria que você entendesse, ou tentasse, pelo menos um pouco. Você nem a conheceu, nem chegou a falar com ela.

— Daniel... — A loira ficou de frente para o irmão, que permanecia sentado. — Eu sei que é difícil, meu irmão, eu sei... Mas não é o fim do mundo. Você é novo, bonito, inteligente... Milhares de mulheres morreriam para estar com você e você joga tudo isso para o alto. Já faz um ano Daniel... Ela não vai voltar e eu espero sinceramente que você tenha parado de procurá-la.

— Não é assim tão fácil... — Com o coração pesado Catherine abraçou o irmão, em uma tentativa de consolá-lo.

— Ela é uma vagabunda. — Cuspiu as palavras com raiva, vendo o sofrimento dele. Daniel lhe devolveu um olhar reprovador, que ela ignorou. Ele falava mal dela, mas não admitia isso de outra pessoa. Odiava escutar xingamentos voltados para Nicole.

No início, Heloise também ficou totalmente enfurecida com Nicole. Xingou-a de todas as piores coisas possíveis existentes... Depois se entristeceu e começou a chorar. Havia gostado realmente dela e não acreditava que Nicole poderia ser aquele tipo de pessoa. Mas, depois de tudo, preferia nem citar o nome dela. O assunto 'Nicole' estava totalmente fora de cogitação para Heloise, porém Catherine era um caso à parte, já que ela sempre trazia o assunto à tona.

— Eu não quero brigar com você — a voz de Daniel se tornou branda. — Vamos para de falar nisso, certo?!

— Então que tal você parar de encher a cara, hein? — perguntou de forma sarcástica dando um olhar sugestivo para a mão esquerda dele. — O que é isso?

— O quê? — perguntou confuso.

— Na sua mão direita — respondeu observando-o demonstrar um sorriso amarelo.

— Nada — respondeu simplesmente. — Nada importante. — Observou o envelope em sua mão, sentindo-o pesar toneladas, e guardou em uma das gavetas de sua mesa.

— Que tal jantarmos? — Catherine perguntou, indo em direção ao sofá e se sentando.

— Ótima ideia — respondeu, para a surpresa dela.

— Sério? — A pergunta foi feita de forma retórica. — Okay... Então vamos logo antes que você desista — terminou, sorrindo.

— Vamos aonde? — seu tom era curioso.

— Lá em casa, seu ingrato — reclamou com o irmão. — Se esquece de seu sobrinho.

— Hey... — exclamou em protesto. — É claro que eu não esqueço dele! — Os dois sorriram com a brincadeira.

— Vou na sua frente para adiantar o jantar. — Ajeitou sua bolsa e se levantou. — Te espero lá em casa em meia hora. — Foi em direção à porta do escritório. — E não se atrase, ouviu?!

— Okay, okay. — Estendeu as mãos em rendimento.

Daniel sorriu. Apesar das brigas, amava sua irmã com todo seu coração, era sangue do seu sangue e mesmo que ela fizesse mil besteiras, ainda assim a amava. Seu sorriso foi sumindo ao lembrar-se da palavra "irmã". Foi um dos motivos pelo qual aceitou procurar Nicole, junto a Oliver.

— *Você tem irmãs e sei que mesmo que elas errassem você iria apoiá-las.*

Este fora o argumento usado, que fez com que ele aceitasse procurar Nicole

junto a Oliver. O início não havia sido nada fácil. Tanto para Daniel quanto para Oliver. O irmão de sua amada estava passando por cima de todo seu orgulho vindo procurá-lo, pedindo ajuda. Havia contratado detetives, mas nenhum lhe trouxera resultado, por isso ele foi atrás de Demitri.

Daniel sentia raiva de si mesmo, pois qualquer coisa fazia que se lembrasse dela. Qualquer mínimo detalhe fazia referência à maldita mulher. Pegou o envelope da gaveta, e foi em direção ao seu cofre, que ficava bem escondido. Pelo menos era o que ele achava. Colocou o papel lá dentro e, antes de fechar, deu uma última olhada, encontrando a carta que Nicole havia lhe deixado antes de partir. Mordeu os lábios em dúvida. Não deveria mexer naquilo. Só lhe trazia tristeza. Porém, como ser humano, caiu na tentação. Pegou a carta em suas mãos e em pé mesmo, releu-a pela milésima vez.

Daniel...

Estou saindo da sua vida, como você me pediu, ou melhor, exigiu. Só quero que saiba que não nego nada do que eu fiz. Eu não poderia ter agido de outra maneira, mesmo em relação a você, levando em conta o quanto eu estava confusa na época.

Você não tem noção do quão difícil foi abrir mão de tudo que eu acreditava... Pode ser que não acredite, mas eu me apaixonei mesmo por você. Cada “eu te amo” que eu disse foi verdadeiro.

Eu não imaginaria que você fosse essa pessoa tão linda, por dentro e por fora, e isso levou meus planos para o ralo. Desestabilizou-me, deixou-me totalmente confusa... Eu tive medo. Medo dos meus sentimentos, medo de como a nossa relação se tornou tão importante para mim.

Era o passado lutando contra o meu presente e o meu provável futuro.

Há uma porção de coisas minhas que você não sabe, e que precisaria saber para compreender minhas atitudes. São coisas difíceis de serem ditas e mais difíceis ainda de serem compreendidas. Se um dia a gente se encontrar de novo eu lhe contarei todas elas, caso contrário não será preciso.

Eu só queria que você soubesse do muito amor e ternura que eu tinha (e ainda tenho) por você.

Só peço que um dia você me entenda e me perdoe.

Te amo

Sempre sua. Nicole.

CAPÍTULO 4

Daniel dirigia pela noite silenciosa com pensamentos de infortúnio. Recordando-se das desgraças que haviam acontecido em sua vida. De todas elas, perder seus amados pais havia sido a pior. Entretanto, perder a mulher da sua vida também estava sendo.

Suspirou antes de estacionar o carro em um dos melhores condomínios da cidade. Antes de chegar, sua irmã abriu a porta como se pressentisse que ele estava chegando.

— Você veio — exclamou sorridente.

Após a partida de Nicole, tudo havia se tornado um inferno na vida de Daniel. Depois de todos os acontecimentos, Catherine aproximou-se mais do seu irmão mais velho. Morria de desgosto vê-lo naquela situação.

Os dois brigaram muito antes de poderem se acertar da forma que estavam naquele momento. Eles nunca entravam em um consenso e acabavam brigando, ficando um tempo sem se falar, até voltar ao normal, para depois tudo ocorrer novamente. Catherine estava feliz por ter finalmente se entendido com ele e esperava do fundo de seu coração que ele fosse feliz e esquecesse a tal Nicole.

Por mais que suas atitudes a transformassem em uma pessoa ruim, Catherine não era. Ela só não admitia que alguém machucasse sua família. E por mais que tivesse escutado maravilhas da tal mulher, nunca havia chegado a conhecê-la. E deu graças a Deus por isso. Catherine não a odiava, só tinha raiva e até pena, pois se ela realmente prestasse, fosse uma boa pessoa, iria ser a mulher mais sortuda do mundo. Seu irmão a amava de verdade, e ela sabia que ele faria o possível e o impossível para fazê-la feliz, entretanto Nicole perdeu essa chance e, se dependesse dela, nunca mais a teria de volta.

— Eu falei que vinha. — A voz de Daniel tirou-a de seus devaneios.

— É claro — resmungou baixinho, perdida em pensamentos. — Entre, entre. Davis está lá dentro, vá lá.

Daniel deu um beijo amoroso no rosto da irmã e entrou, não caminhou muito e logo deu de cara com o cunhado, totalmente abobalhado com seu filho. Sorriu com a cena à sua frente. Sua irmã tinha muita sorte em ter um marido como Davis e ter tido um filho maravilhoso.

— Hey — chamou a atenção de Davis. — Como está o pequeno?

— Não grite — chamou-lhe a atenção também. — Ele está dormindo. — Apontou para o bebê em seus braços. Colocou a criança no carrinho e deu um abraço no cunhado. — Achei que não viria.

— Por que todos dizem isso?! — perguntou retoricamente e sorriu em brincadeira. — É claro que eu viria.

— Quer whisky? — ofereceu, indo em direção às bebidas.

— Não. — Catherine apareceu na sala. — Ele já bebeu demais por hoje. — Olhou para o irmão fazendo cara feia.

— Não, Davis, obrigado de qualquer forma — rebateu olhando para a irmã. — Estou faminto, porém estou com medo de comer. Foi Catherine que fez, não foi?! — Os dois homens riram e a loira apenas bufou e saiu em direção à cozinha.

Eles conversavam tranquilamente quando escutaram a campainha, ao atender, encontraram uma Heloise sorridente acompanhada de Oliver. Os homens se entreolharam e deram um sorriso malicioso entre si. Todos sabiam que os dois se gostavam, porém nenhum deles assumia.

Daniel não tinha nenhuma de raiva Oliver, até porque eles haviam se tornado grandes amigos. Ele só não entendia o porquê de Oliver não lhe contar a verdade. Até brigaram uma vez por esse motivo, entretanto o loiro se mantinha calado, nunca revelava o tal motivo. Dizia que aquele assunto era entre ele e Nicole, e não seu.

Após o rompimento com Kate, Oliver ficou muito próximo de Daniel fazendo, assim, com que se aproximasse de Heloise. Os dois ainda haviam conversado antes da bomba explodir, porém depois daquilo tudo, se afastaram, voltando a se aproximar por causa do irmão da moça. Em um ano, nada rolou. Não por falta de querer, óbvio. Porém nenhum tomava uma atitude. Heloise, por mais que fosse desinibida, esperava uma atitude de Oliver e, bom, ele queria e não queria se envolver com ela. Gostava dela, de verdade, mas negava a si mesmo que a amasse. Não queria um envolvimento daquele tipo. Eles ficaram amigos, okay, porém a situação era muito mais complicada.

Por mais que ele não culpasse os Campbells pela morte de seus pais, eles tiveram um envolvimento. Um grande envolvimento. Não esperava ficar tão amigo de Daniel, porém aconteceu e aquilo já era demais. Aquela aproximação toda o fazia lembrar constante dos seus familiares. Namorar com Heloise, então, era realmente demais, por mais que ele quisesse.

— Daniel. — Com seu jeito maluco, a baixinha correu em direção ao irmão. — Que saudades.

— Também estava com saudades de você. — Abraçou a irmã com força.

Os homens se cumprimentaram e sentaram-se novamente no sofá. Enquanto isso, Heloise foi em direção à cozinha, procurando Catherine. A loira estava tão entretida finalizando as comidas que não percebeu a chegada da irmã. Se assustou quando sentiu um abraço.

— Heloise! — Reconheceu o perfume.

— Eu mesma. — Sorriu. — Quer ajuda? — perguntou, mas a loira respondeu que não e ela foi sentar-se em uma cadeira. — Hey... — Chamou sua atenção.

— Oi. — Escutando o tom de sua irmã, virou-se.

Espero que não fique com raiva, mas... — fez cara de cachorro sem dono —, eu chamei o Oliver, espero que não se importe.

Nenhum deles se opusera a Oliver, exceto Catherine, é claro. Não que não gostasse do rapaz, porém ele era irmão de Nicole e por mais que não estivesse tão a par da situação, sabia que ele tinha conhecimento do que sua irmã iria fazer. Também tinha consciência que Heloise gostava realmente dele, e a loira até simpatizava com ele, porém sempre com o pé atrás e a mais nova sabia disso.

— Não tem problema — respondeu em um fio de voz.

— Eu já te falei que ele não tem nada a ver com aquilo — rebateu após escutar o tom usado pela sua irmã.

— Okay — sussurrou. — Eu fiz as pazes com Daniel hoje, e não estou a fim de brigar. Está tudo na paz agora. — Expôs seu lado. — Eu sei que você gosta dele, mas não consigo confiar totalmente. Ele me parece uma boa pessoa, porém não sei... Nicole também parecia e olhe no que deu. — Vendo que sua irmã iria interromper, prosseguiu. — É sua vida. Se você quer ficar como ele, fique. Você tem meu apoio, pode acreditar. — foi sincera. — Entretanto, estarei sempre de olho.

— Obrigada. — Com os olhos marejados, abraçou a irmã novamente. Sabia que aquilo não era fácil para ela. Catherine era uma pessoa realmente difícil e estava fazendo aquilo por ela, por sua felicidade. — De verdade, irmã.

— Não tem porque me agradecer. — Beijou a bochecha da mais nova. — Agora vamos deixar de conversa e colocar as coisas na sala de jantar. — Havia dispensado a empregada. Naquela noite ela cozinhará e arrumará. — Eles devem estar famintos.

Após mais vinte minutos de arrumação e de correria de um lado para o outro, elas terminaram de ajeitar tudo. A mesa havia ficado impecável e o cheiro maravilhoso de comida estava no ar. Todos já estavam sentados e se servindo.

— Está realmente delicioso, amor. — Davis elogiou a esposa, que sorriu em resposta.

— Então — começou Daniel —, até que dá para comer. — Brincou e Catherine lhe mostrou a língua, para a surpresa de todos que começaram a rir.

— Minha irmã sabe cozinhar, viu — defendeu Heloise e a loira sorriu novamente, vitoriosa.

— Parabéns, Catherine — Oliver elogiou. — Está divino.

— Obrigada. — Foi realmente simpática pela primeira vez, surpreendendo a todos.

O jantar seguiu tranquilamente em meio a brincadeiras e risadas. O clima estava totalmente confortável e eles conversavam como uma família. Comeram até não aguentar mais e quando todos estavam se levantando, algo os surpreendeu.

— Vou te ajudar a arrumar as coisas. — Heloise se prontificou.

— Não precisa. — A voz da loira era calma. — Oliver me ajudará.

Os demais congelaram no lugar. A loira nunca fora muito simpática com o rapaz e por mais que soubessem que ela não faria nada de mais, se assustaram.

— Oliver? — perguntou a mais jovem ainda não acreditando.

— Sim — respondeu calmamente. — Você se importa?

— Não — respondeu educado, enquanto os outros se entreolharam novamente.

Os dois se encaminharam para a cozinha, enquanto os demais se dirigiram para a sala de estar, sentando-se no sofá macio.

— Porque ela pediu ajuda de Oliver? — Heloise perguntou apreensiva. Não entendia Catherine, há pouco lhe dera o maior apoio e em seguida quis falar com seu amado? Ela confiava totalmente na irmã mas tinha medo de que ela dissesse algo que não devia, até mesmo sem intenção.

— Não se preocupe. — Davis tentou acalmar a cunhada. — Acho que ela só quer conversar com ele.

No outro cômodo da casa, Catherine e Oliver retiravam coisa por coisa da mesa e levavam para a cozinha. Quando todos os utensílios e a comida estavam lá, a loira se virou para Oliver.

— Pode deixar isso aí em cima. — Apontou para a bancada e ele logo fez o que ela pediu.

Oliver sabia perfeitamente que ela não o havia chamado apenas para ajudá-la. Sabia que ela queria conversar, ou algo do tipo, porém não fazia ideia de qual

seria o assunto.

CAPÍTULO 5

— Então... — Catherine encostou-se à bancada.

— Então... — Oliver repetiu.

Os dois se entreolham por alguns instantes até que ela suspirou.

— Você sabe que nunca aprovei sua aproximação com Daniel para procurar a... — parou um instante —, você sabe...

— Sei. — Ele ainda não sabia onde ela queria chegar. — Sinto muito se você não gosta da minha aproximação com o seu irmão. Se você me chamou para conversar porque vim hoje, peço desculpas. Heloise me chamou e eu não tive como recusar, porém, não se preocupe, não virei mais...

— Não é por isso que quis falar com você — confessou olhando em seus olhos. — Sua irmã fez algo terrível... Você sabe. Porém a minha irmã gosta de você. — Respirou fundo antes de continuar. — Sei que vocês não estão juntos, mas sei que você também gosta dela... Minha pergunta é... Porque você nunca tentou nada?

— É complicado... — Oliver respondeu coçando a garganta. A conversa estava tomando um rumo no qual ele não estava gostando nada.

— Meu irmão já saiu ferido dessa história e não quero que minha irmã também saia. — Catherine mudou de tom. Só em pensar que sua amada irmã poderia sofrer, seu coração apertava.

— Minha intenção não é machucá-la. Jamais... — confessou, sendo sincero.

— Você tem outra? — perguntou curiosa.

— Não — respondeu com sinceridade.

— Você gosta de outra pessoa? — Arqueou a sobrancelha.

— Não. — Suspirou.

— Então porque diabos você não toma uma atitude? — Sua voz soou indignada.

Oliver tinha uma resposta, porém não poderia lhe dar. Por mais que quisesse contar, não era certo. Não queria admitir que ainda sentia um pouco de rancor de sua família. Que por mais que o acidente tivesse sido causado por seu

pai, em sua mente eles também tinham uma parcela de culpa. Se seu pai não tivesse ido atrás do pai deles naquela noite, nada teria acontecido. Tudo seria diferente, hoje eles teriam outra vida.

— Oliver? — ela chamou sua atenção.

— Eu não sei... — Escolheu bem suas palavras. — Acho que não é certo — respondeu. Não era totalmente verdade, porém não era uma mentira.

— Vocês têm alguma notícia dela? — perguntou, mudando de assunto, totalmente curiosa. Como ela sempre se mostrava arredia a saber de Nicole, Daniel nunca contava nada.

— Não — respondeu com pesar. — Nada. Nenhum sinal.

— Porque não desiste, então? — A pergunta da loira enfureceu Oliver.

— Porque ela é minha irmã! — Elevou um pouco seu tom de voz, suspirou e voltou ao normal. — Se ponha em meu lugar e me diga se você não faria o mesmo. — Pelo silêncio dela, teve sua confirmação. — Por mais errado que ela esteja eu nunca vou deixar de amá-la, de desejar o bem para ela e querê-la perto de mim.

— Entendo — Catherine respondeu, sabia que a situação não era fácil. — E se você a achar? O que vai fazer?

— Não faço a mínima ideia. — Foi sincero. — Ela é minha única família, não tenho mais ninguém no mundo. Você sabe como é, também perdeu seus pais, mas ainda tem seus dois irmãos e seu marido para apoiar. E o que ela tem? Apenas eu.

— Ela teria Daniel. — Mesmo sem querer, seu tom era acusatório. — Porém, preferiu perdê-lo.

— Você não sabe de nada... — Oliver a olhou sem emoção. — Você acha que sabe, mas apenas acha.

— Então me explique o que eu não sei — pediu com pesar. — Me diga.

Oliver respirou fundo, tentando se acalmar. Não adiantava brigar, só iria causar tristeza nas pessoas que ele gostava e aborrecimento para si.

— Isso não é algo que eu deva explicar, Catherine. — Apelou pelo bom senso dela. — Eu te garanto que tudo que Nicole fez, foi por um motivo. Por algo que ela achava certo. — Fez uma pausa, tentando fazê-la entender, ao menos um pouco. — Nicole não é uma pessoa ruim, nunca foi. Só escolheu um caminho errado e agora está pagando por isso. Não basta?

Catherine então ficou em silêncio, tentando se pôr no lugar de Nicole e compreendendo um pouco. Não havia perdoado o que a mulher havia feito,

porém a fala de Oliver amenizou seus sentimentos.

— Okay — respondeu. — Você não quer falar sobre esse assunto e eu não vou te atazanar com isso... Só não faça minha irmã sofrer, por favor — pediu com calma.

Os dois se entreolham e deram um olhar cúmplice.

— Tem a minha palavra. — Se comprometeu.

Após tudo estar arrumado na cozinha, eles caminharam tranquilamente, conversando sobre amenidades até chegarem à sala e cada um se sentar no seu respectivo canto, Catherine junto a Davis e Oliver junto a Heloise.

— Terminaram tudo? — a baixinha perguntou curiosa.

— Sim — Oliver respondeu, dando um olhar significativo para Catherine que lhe ofereceu um singelo sorriso, sendo observada por todos.

Antes que alguém dissesse algo, um choro infantil soou no andar de cima. A loira começou a se levantar quando Daniel se colocou de pé mais rápido.

— Eu vou — Só havia casal naquela sala e ele não queria segurar vela.

— Tem certeza? — ela perguntou.

— Sim — respondeu. — Estou com saudades do meu sobrinho.

Subiu as escadas apressadamente em direção ao quarto da criança. O bebê continuava a chorar e ele entrou de fininho indo a caminho do berço. Sorriu observando o menino, fazia algum tempo que não o via. Com cuidado, retirou-o do berço e se sentou na cadeira de balanço.

Ele não parava de chorar então Daniel brincou com ele até se acalmar. Sentiu seu coração pesar quando viu o bebê olhando diretamente para ele, com o rosto cheio de lágrimas. Limpou com cuidado o rostinho e continuou a balançar a criança.

— Você é tão lindo — disse, carinhoso. — Puxou ao tio, certeza. — Sorriu.

Anthony, o bebê, fazia uns barulhos com a boca, chamando a atenção de Daniel para si. De repente, o sorriso dele sumiu. Olhou o pequeno em seus braços, olhou o quarto cheio de brinquedos e decorado especialmente para a criança e o desejo de ser pai preencheu seus pensamentos.

Daniel sempre desejou ser pai, porém antes queria se estabilizar e ter uma esposa ao seu lado. Sentiu seu coração pesar ao recordar-se de quantas vezes imaginara ter um bebê com Nicole. Ele havia sonhado com isso tantas vezes.

Era a vida que ele queria. Ter um emprego digno, trabalhar, e quando chegasse em casa, poder ser acolhido e bem recebido pela mulher que ele amava, junto ao seu filho. Entretanto isso nunca iria acontecer. Fazia um ano que ele não

via a mulher da sua vida, nenhum sinal dela.

E depois de tudo que havia acontecido, as chances de eles voltarem a ser um casal estavam praticamente nulas. Daniel perguntava o que seria de sua vida. Não queria outra mulher e muito menos se imaginava sendo pai de uma criança que não fosse dele e de Nicole.

Voltou à realidade e olhou para baixo, Liam voltara a dormir tranquilamente em seus braços e ele havia perdido a noção da hora. Com cuidado, levantou-se e pôs o bebê no berço, não antes de lhe dar um beijo na testa.

— Até logo, pequeno — se despediu indo em direção à porta.

Desceu as escadas tranquilamente, tentando parecer bem e isso ficou impossível quando ele deu de cara com a cena em sua frente. Catherine e Davis de mãos dadas, abraçados em um sofá e Heloise e Oliver sorrindo um para outro enquanto conversavam. Cada casal em sua bolha particular.

Daniel sentia-se feliz pelas irmãs, mas não podia deixar de sentir uma pontada de inveja. Queria poder estar com Nicole daquele jeito. Estar com ela em um dia normal, jantando com sua família em um clima acolhedor. Todo mundo com a pessoa amada. Sentia-se sozinho e desamparado.

— Ele está dormindo. — Interrompeu os casais que não haviam percebido sua chegada.

— Ele deu muito trabalho? — a mais velha perguntou.

— Não, ele voltou a dormir — Daniel respondeu. — Está tarde... Eu já vou indo.

— Mas já? — Heloise se opôs.

— Sim... Mas podem ficar aí — disse, ainda em pé. — Estou com um pouco de dor de cabeça, vou tomar um remédio e dormir.

— Certo, então — Catherine disse. — Eu te levo até a porta.

Daniel se despediu de todos e seguiu em direção à porta. Antes de ir, virou-se para a irmã.

— Obrigada pelo jantar, estava maravilhoso — falou com sinceridade.

— Obrigada você — respondeu. — Você não sabe como é importante sua presença.

Os irmãos se abraçaram e Daniel seguiu em direção ao carro. Buzinou para a irmã, que ainda encontrava-se na porta, e seguiu para o seu apartamento. Colocou uma música calma e tentou se distrair um pouco.



— Senhor Campbell. — O porteiro chamou sua atenção.
— Boa noite — respondeu educado, olhando o senhor à sua frente.
— Boa noite também — falou acanhado. — Entrega para o senhor.
— Obrigado. — Pegou o envelope e seguiu para seu apartamento.

Ligou as luzes e foi em direção ao seu quarto. Colocou a entrega em cima de sua cama e caminhou para o banheiro. Após um longo banho, trocou de roupa com calma e foi se deitar. Com o controle na mão, ligou a televisão em seu quarto.

Estava tão cansado, física e mentalmente, que logo se rendeu e adormeceu meia hora depois. Não teve nenhum sonho naquela noite. O sol da manhã bateu em seu rosto e ele acordou assustado.

— Oh, merda. — Olhou o despertador em seu criado mudo e foi em direção ao banheiro. Tomou um banho rápido e frio, em uma tentativa de despertar completamente. Caminhou apressadamente em direção à porta quando sentiu falta de algo. — Merda — praguejou novamente e voltou para seu quarto.

Assim que pegou a chave de seu carro, viu o envelope caído no chão. Havia esquecido totalmente dele. Iria deixar para abrir depois, mas, curioso, apanhou o papel.

Estava tão perdido na noite anterior que não reconheceria o envelope. Ao abri-lo, deu de cara com algo inusitado. Arqueou a sobancelha em dúvida. Era um mapa. Abriu-o completamente e deparou-se com um local marcado de vermelho. Será que era ali que ela estaria?

Sentiu algo estranho atrás do papel e o virou. Um bilhete.

Parece que tanto poder não serve para nada... Não consegue nem mesmo achar sua amada.

Daniel estancou no lugar por vários minutos. Olhou para o mapa novamente e bufou duas vezes. Era lá que ela estaria? Ou aquilo era apenas uma piada de mau gosto? Alguém estava querendo brincar com ele?

Então se lembrou da foto. Aquela era a mesma mulher que importunava seus pensamentos. Com raiva, pegou seu Iphone do bolso e procurou um determinado número.

— Alguma novidade? — perguntou entredentes.
— Não. — O detetive que contratou respondeu sem jeito.

O homem era um dos melhores detetives do país e há um ano procurava a maldita mulher, porém nenhum sinal dela. Nenhuma pista, nada. Ela havia evaporado do mundo e ninguém sabia o seu paradeiro.

— Estou pagando fortunas para você achá-la e em um ano não trouxe nenhuma pista. — Aumentou seu tom de voz. Sem esperar uma resposta, continuou. — Estou recebendo mensagens anônimas com pistas de onde ela está e você nada. Chega. Seu serviço está suspenso por hora. — Desligou o telefone raivoso, sem esperar que o outro respondesse.

Sua paciência estava esgotada. Por mais que ainda estivesse com raiva da mulher, havia prometido a Oliver que o ajudaria. Sabia que estava sendo errado, não contando que estava recebendo as mensagens, mas achou melhor manter segredo, por ora. E se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira? Não queria ver o amigo triste.

Ele suspirou. A quem estava querendo enganar? Morria de medo que Oliver encontrasse Nicole primeiro que ele. Sabia que nada os prendia àquela cidade. E se os dois resolvessem partir de vez?

Tinha consciência que Nicole com certeza não queria ver sua cara. Assim como ele também não queria ver a dela — uma grande mentira que dizia para si mesmo — porém ele merecia uma explicação. Não era justo.

Tomado pela emoção, foi às pressas em direção ao carro, ainda com o papel na mão. Iria atrás dela e exigiria uma satisfação. Olhou para o mapa novamente e viu que seria uma longa jornada, mas não se importou.

Daniel dirigia o mais rápido que podia. Sabia que aquilo era muito perigoso, porém estava desesperado para vê-la novamente. Ele precisava escutar sua voz, ver seu rosto, tocar em sua pele macia, beijar aquela boc... Merda, o que ele estava pensando? Não ficaria com uma mulher que só quisera seu dinheiro. Não. Ele tentava a todo custo colocar isso em sua cabeça, mas a única coisa que pensava era que necessitava tê-la perto de si novamente.

O trajeto durou algumas horas, mas para ele parecia que nunca iria acabar. Não parou uma só vez, seguiu o caminho sem olhar para trás. Só esperava que aquela informação estivesse correta e que não fosse uma armadilha. Ele não fazia ideia de onde exatamente ela estava, porém conhecia a cidade. Não seria tão difícil achá-la... Ou seria?

Era uma cidade pequena, pobre, de classe média baixa. Por que Nicole estaria vivendo em um local como aquele? Por onde ele passava, as pessoas olhavam. Um carro com aquele porte não era visto todo dia na cidade. Rodou ruas e ruas, indo de restaurante em restaurante, entretanto nada. Por que ele

havia sido tão ingênuo em acreditar que ela estaria ali? Estava prestes a desistir de procurar, mas resolveu passar por outro lado da cidade. Como fez anteriormente, dirigia com calma, tentando encontrar o tal lugar. Quase bateu o carro quando a viu a poucos metros de si.

Depressa, Daniel estacionou do outro lado da rua. Sua primeira atitude foi abrir a porta do carro, porém estancou no lugar. Iria mesmo atrás dela em pleno local de trabalho? Sem saber o que fazer, decidiu ficar esperando. Era quase meio dia, então, com certeza, ela logo teria uma pausa para o almoço. Não teria?

Daniel observava-a de longe, sentindo seu peito inchar. Fazia tanto tempo que não a via. Ela continuava linda, um pouco abatida e mais pálida, porém linda. Seu corpo necessitava do dela. Ele estava com tantas saudades! Queria correr em sua direção e tomá-la para si, porém sabia que não poderia fazer isso. Talvez se eles tivessem oportunidade de conversas direito... Se ela apresentasse sua versão para ele... Se ela lhe contasse tudo... Talvez eles ainda tivessem uma chance.

Seu coração bateu de forma desesperada, vendo-a sair do tal restaurante. Cauteloso e tomando uma boa distância, a seguiu. Nicole caminhou calmamente por três quarteirões e entrou em um prédio antigo e um pouco acabado. Daniel estacionou na primeira vaga que encontrou, ignorando os olhares curiosos. Sabia que não deveria ter ido daquele jeito, ainda estava de terno e gravata, mas a remota possibilidade de encontrar sua amada novamente o fez esquecer completamente desse detalhe.

Daniel se enfureceu, vendo que o prédio não tinha nenhuma segurança. Nem um mísero porteiro havia! De uma determinada distância, observou Nicole subindo as escadas, chegando no primeiro andar. Ela colocou a chave na porta e entrar, fechando-a em seguida.

Daniel ficou vinte longos minutos parado em frente à sua porta. Depois de tanta espera por encontrá-la, não sabia que atitude tomar. Andou de um lado para o outro, e em um ato impensado, bateu com força na porta. Escutou passos em sua direção, fazendo-o gelar completamente.

— Nicol... — Daniel parou rapidamente quando não encontrou uma figura feminina em sua frente, mas sim, um homem alto e musculoso, com trajas casuais.

— Pois não? — o moreno perguntou olhando de forma séria para Daniel.

— Quem é? — Nicole perguntou distante, se aproximando da porta.

O clima mudou rapidamente enquanto Daniel continuava parado na porta. O moreno se mantinha de cara fechada e Nicole estancou no lugar, com um

pequeno bebê em seu colo, olhando-o de forma assustada.

CAPÍTULO 6

Parecia que havia se passado horas, entretanto, foram apenas alguns minutos. O olhar de Daniel se prendeu no de Nicole e, naquele momento, tudo parou. Ele sentia seu coração bater tão forte que seria possível escutar a quilômetros de distância, assim como ela.

— O que deseja? — Uma voz os trouxe à tona, quebrando o contato visual. Daniel coçou a garganta antes de finalmente conseguir pensar em algo.

— Necessito falar com Nicole. — A menção do nome dela o fez engolir em seco.

O moreno olhou para trás, dando de cara com a moça estática, totalmente pálida.

— Tudo bem?! — perguntou preocupado e ela apenas acenou devagar.

Vendo a incômoda situação, ele pegou o bebê do braço dela, que não conseguia emitir nenhum gesto, e levou a criança para o quarto, deixando os dois a sós.

Aquele momento não parecia nem um pouco real, tanto para Nicole como para Daniel. Ele estava transtornado com a situação. O que diabos um homem sem camisa estava fazendo na casa de sua mulher? E ainda por cima, porque ela estaria com um bebê no braço?

A ideia de a moça ter seguido em frente, estar com outro e ter tido um filho com ele, não lhe pareceu nada agradável. Daniel fechou as mãos em punho só em pensar na possibilidade. Ela não podia ter feito isso! Ou podia? Mil coisas passavam em sua cabeça naquele momento e ele praguejava mentalmente por estar pensando aquelas coisas.

Nicole continuava branca como um papel. O que diabos ele estava fazendo ali? Como ele conseguiu encontrá-la? Será que Oliver também estaria por perto? Por mais que amasse o irmão e amasse Daniel, ela ainda não estava preparada para encontrá-los. Estava tudo tão recente. Certo que um ano é muito tempo, porém ela era uma mulher difícil. Não perdoava tão facilmente, por isso estava naquela maldita situação.

— Nicole — ele pronunciou o nome mais uma vez, sua voz denunciava o quanto ainda estava sentido.

— O que está fazendo aqui? — Daniel foi tirado de seus devaneios e ficou surpreso, não esperava uma atitude daquelas.

— Podemos conversar? — pediu em um fio de voz, buscando pelo bom senso da moça.

— Não — respondeu, se elevando. — Não podemos conversar.

Nicole precisava de mais tempo, de muito mais tempo. Necessitava tanto de Daniel que sentia seu coração pesar cada vez que pronunciava seu nome, entretanto as coisas não eram tão fáceis assim. Ele não podia simplesmente aparecer e querer resolver tudo como se nada tivesse acontecido. Aquela era uma situação muito complicada! Ela não iria ceder tão facilmente.

— Não seja ridícula. — Nicole cerrou os olhos escutando as palavras dele. — Eu estou dizendo que vamos conversar e nós vamos conversar. — Daniel se irritou com a atitude dela. Esperava ter uma conversa civilizada com a moça, mas ela não facilitava em nada. Parecia uma criança birrenta!

Nicole gargalhou sarcasticamente e isso o enfureceu mais ainda.

— E quem você pensa que é? — perguntou retoricamente. — Você não pode vir até minha casa depois de todo esse tempo e me exigir nada. — Ela se enfureceu também. — Nada, entendeu?!

— Você está sendo ridícula — repetiu suas palavras a contragosto, entredentes.

— Então tenha o mínimo de decência de ir embora, já que não deve querer... Hum... Como você disse? — Fez um movimento teatral. — Conversar com uma ridícula. — Cuspiu, raivosa.

O homem olhou para a mulher em sua frente e pediu aos céus paciência. Por que ela sempre tornava tudo tão complicado? Por que ela não podia ser como todas as outras mulheres? Por que não podia tentar levar em consideração tudo que ele fizera por ela? Ela era a errada da situação.

— Vamos conversar, Nicole — ordenou, passando as mãos pelos cabelos em um gesto de desespero — Isso não foi um pedido.

— Não. — Bateu o pé no chão olhando para o lado.

— E por que não? — Sua paciência estava se esgotando.

— PORQUE EU NÃO QUERO! — gritou, nervosa. — Será que você não entende? — Sua voz continuava alterada. — O que você está fazendo aqui? — Ela suspirou em desgosto e ele não respondeu, a encarando sem acreditar. — O que continua fazendo aqui? Que eu me lembre, você me mandou embora. Você. Então por que diabos veio me procurar?

Ele não aguentava mais aquela situação. Sentia seu corpo todo doer, sentia sua alma se despedaçar a cada palavra dita por ela. Pelo que parecia, ela não estava nem um pouco a fim de estar em sua companhia e ele já estava chegando em seu limite.

— Okay. — Ela desistiu. Sabia que estava sendo infantil com aquelas atitudes.

— Posso entrar? – perguntou, dando um passo em sua direção.

— Não — respondeu de imediato. — Aqui não... Hum... Vamos para o corredor.

Não querendo outra briga, Daniel não respondeu nada e também não lhe fez nenhuma pergunta. Os dois caminharam pelo pequeno corredor, indo até o final. O espaço era pequeno, fazendo com que eles ficassem um de frente para o outro, bastante próximos.

— O que você quer conversar? — Ela passou as mãos pelo rosto, tentando não encará-lo.

— Eu acho que mereço uma explicação. Você não acha?

Nicole sabia que em algum momento aquele dia chegaria. Suspirou tentando pensar no que dizer. Ela não fazia ideia de como agir.

— Eu precisava de dinheiro... — mentiu. — Eu procurei homens solteiros e ricos... Você se encaixou perfeitamente. Eu estava estudando administração de empresas e você trabalhava com isso. Juntei o útil com o agradável... — inventou. — Fiz a entrevista, passei, me aproximei de você... Fiz você se apaixonar por mim e ... — fez uma pausa — acho que você já sabe como essa história termina.

Daniel ficou em silêncio por longos minutos, encarando-a sem nenhuma emoção. Uma tortura infinita para Nicole. Suas mãos suavam frias e seu coração batia descompassadamente. Ela queria uma atitude, qualquer que fosse. Ela preferia que ele a xingasse, seria melhor do que ter que suportar aquele silêncio e o olhar duro que ele estava lhe dando.

— Como você pôde fazer isso? — perguntou em um fio de voz.

— Eu precisava de dinheiro... — começou a falar, mas foi interrompida.

— Como você pode ser tão cara de pau a esse nível? — A voz dele trazia um sofrimento tão grande que ela suspeitava que ele iria quebrar a qualquer momento. — Você está mentindo! Tudo que você acabou de me contar não passa de uma mentira. — Nicole gelou novamente. Será que ele sabia a verdade?

— Mas eu não estou mentindo... — tentou se explicar.

— BASTA, NICOLE! — o grito chegou a seus ouvidos como facadas. — Eu mereço a verdade, porra! — Se alterou. — Você não pode fazer isso com alguém. Você não tem sentimentos? — perguntou, olhando para ela com raiva. — Você não faz ideia do quanto isso machuc...

— Você acha que eu não sei?! — rebateu retoricamente, perdendo o controle.

— Não. Você não sabe. Você não faz ideia. — Suas palavras soaram afiadas como uma faca entrando no corpo de Nicole.

— Você está tremendamente enganado. — Ela expôs um pouco seu lado, passando as mãos no cabelo.

— Você faz ideia do quanto eu sofri por você? Você tem noção de quantas noites eu passei sem dormir? De quantas vezes eu não consegui trabalhar por sua culpa? De como eu fiquei um lixo, por sua culpa? Você tem noção disso? Você tem? — Jogou tudo em cima dela, que chorava em silêncio.

— Não foi fácil para mim. — Sussurrou baixo, tomada pela emoção.

— E você acha que para mim foi? — suspirou angustiado. — Se você sofreu... Eu sofri o dobro, o triplo... Eu sofri tanto que não há nenhuma palavra que eu possa dizer para conseguir explicar a dor que você me causou.

— Eu te amava... — Soluçou alto. Aquela era uma mentira.

Ela continuava a amar Daniel.

— Você não amava. — Levantou os olhos para ela. — Sabe por quê? — O silêncio se fez presente naquele momento. — Porque você não destrói quem você ama.

CAPÍTULO 7

Nicole deixou se levar pela dor, e escorregou na parede, até chegar ao chão, tamanho sofrimento. Os dois não se olharam por uns instantes, eram ouvidos apenas os soluços dela.

— Desculpe... — implorou, vendo o estado de Daniel.

Porque mais que não o perdoasse por tudo que havia acontecido com seus pais, ela o amava. Podia ter toda a raiva e todo ódio do mundo por ele, mas o amava. E no ano que se passou, não houve um só dia em que Nicole não pensasse nele. Várias vezes pensou em voltar atrás e procurá-lo para tentar explicar toda aquela merda de situação, porém o orgulho era maior. Mas naquele momento... Vendo todo o sofrimento que havia causado a ele, ela explodiu. Não queria aquela vida. Não queria uma vida sem ele.

— Eu vou embora... Você estava mesmo certa. Eu nunca deveria ter vindo.

— Não — gritou, segurando-o pelo tornozelo. — Vamos conversar.

— Agora você quer conversar? — perguntou com uma risada irônica e fraca.

— Você está certo. — Ela se levantou. — Eu te devo uma explicação.

Tomado pela emoção e curiosidade, ele não foi embora. Olhando para baixo, ele viu a mulher passar a mão pelo rosto, tentando limpar as lágrimas. Ele queria tanto, mas tanto consolá-la, porém não o faria. Não encostaria um dedo nela.

— Podemos ir para outro lugar? — ela perguntou, acanhada.

— Vamos ficar aqui mesmo — respondeu seco. Aquela mulher já havia feito estragos demais em sua vida.

— Você pode se sentar? — pediu com calma. Agora a situação havia se invertido.

Relutante, ele se sentou no chão. — Algo totalmente inusitado para o magnata. — E retirou o paletó. Deixando a carta dela que havia trazido por cima.

— Eu menti — confessou. — Não foi por aqueles motivos que eu te enganei.

— Eu sei disso — respondeu, olhando para o lado.

— Mas você sabe toda a verdade? — perguntou, envolvida pela curiosidade.

— Não — disse com sinceridade.

— Eu espero que você me entenda — pediu, levando sua mão até o rosto dele, que impediu o carinho sem pestanejar. Daniel suspirou baixo quase sentindo o calor dela em seu corpo, querendo absorver qualquer coisa dela. Fazia tanto tempo que desejava aquele toque, mas ele não iria ceder.

— Não... — Com uma força que ele não sabia de onde vinha, conseguiu responder àquele ato.

— Mas... — ela interrompeu com a mão ainda levantada. Olhou para o paletó no chão e pegou a carta que ela escrevera, relendo certo trecho.

— *São coisas difíceis de serem ditas e mais difíceis ainda de serem compreendidas* — repetiu as palavras escritas. — *Era o passado lutando contra o meu presente e o meu provável futuro.*

— Eu ainda não consigo entender — ele confessou, confuso.

— Eu sei... — Nicole suspirou. — Eu só não me sinto preparada para contar. Você compreende?

— Não — disse a verdade. — Mas eu preciso de respostas.

— Não é algo fácil Daniel... — Suspirou novamente olhando para cima. — Nada do que eu disse é verdade... Mas se eu fiz o que fiz... Foi por um motivo. Só quero que você entenda isso.

— Não foi por dinheiro?

— Nunca foi por dinheiro — expôs a realidade para ele.

Aquilo confundiu totalmente a cabeça de Daniel. Ele não queria pressioná-la, mas era difícil. Ele merecia saber, não merecia? Mas o coração dele se acalmou um pouco, após a revelação. Não era por dinheiro...

— Por que você não me conta? — Ele queria respostas.

— Havia outro motivo... E isso não é algo que você entenderia bem... E eu sinceramente não quero te explicar desse jeito. — Ela olhou ao redor. Os dois jogados ao chão no corredor do seu prédio. Alguém poderia aparecer a qualquer momento.

— Quando, então? — Por mais que quisesse ser forte, Nicole sempre o desarmava.

— Nós vamos conversar, não se preocupe — tentou ganhar tempo.

Os dois ficaram em um silêncio desconfortável, ninguém disse mais nada. Cada um se manteve perdido em seus pensamentos, até que o choro de um bebê

chegou aos ouvidos dos dois. Nicole ficou pálida rapidamente e se levantou.

— Conversamos depois — disse e se dirigiu ao apartamento. — Eu tenho seu número ainda... É o mesmo, não é?! — Ele acenou com a cabeça, enquanto a acompanhava. — Eu te ligo mais tarde. — Sem mais uma palavra, entrou no apartamento e fechou a porta, mas sem passar a chave.

O choro da criança ficou cada vez mais alto e o desespero de Nicole para ir de encontro com ela, fez com que a curiosidade atravessasse Daniel. Estava tão compelido com a situação, com o reencontro dos dois, com tudo que havia dito, que esquecera momentaneamente esses dois grandes detalhes: o bebê e o homem.

Nicole foi em direção ao segundo quarto, encontrando o moreno com o pequeno em seu colo. Tentava acalmá-lo, porém sem sucesso. O homem suspirou vendo Nicole à sua frente, nada que fazia aquietava o menino.

— Ele não para de chorar — disse, ainda balançando a criança.

— Ele está com fome. — Ela sorriu fraco pegando o pequeno bebê em seus braços e ninando-o. — Obrigada — disse.

— Imagina — ele suspirou novamente vendo que o menino se acalmava aos poucos.

Nicole sentou na cadeira de balanço que havia ali. Pedindo licença, o homem deixou o quarto, dando oportunidade para que ela alimentasse a criança. O menino agarrou o bico do peito dela faminto. Nicole sorriu, vendo a forma que seu filho se alimentava. Olhou para o pequeno novamente e uma lágrima caiu sem ela perceber. Como pôde chegar àquela situação?

Flashback on

Ela só trabalharia na parte da tarde, de manhã havia a faculdade. Daniel a deixou na porta e seguiu em direção à empresa. Vendo o carro partir, Nicole tomou outro rumo. Mentir para seu amado já era um costume, mas partia seu coração toda vez que o fazia. Daquela vez ela precisava tirar uma dúvida e ele não poderia saber.

Tomou um taxi e seguiu na direção oposta. No banco de trás, se permitiu tornar-se ela mesma. A verdadeira Nicole. Uma mulher amargurada e rancorosa que jamais perdoava. Ela sonhara tanto com aquilo e finalmente estava acontecendo. Ela não sabia se ficava triste ou feliz, mas de uma coisa tinha certeza: Aqui se faz, aqui se paga. Mas levar aquela vida ao lado de Daniel estava mudando sua concepção rapidamente e ela não sabia o que fazer quanto a isso.

Com esse pensamento, ela chegou ao consultório. Meia hora havia se

passado e então ela se encontrou de frente para o médico.

— Quais os sintomas que tem sentido, senhora Sullivan? — o homem de meia idade, mas ainda charmoso, perguntou.

— Eu tenho passado mal faz alguns dias — confessou receosa. — Eu sinto muita fome, mas logo tenho enjoos. Para falar a verdade, enjoos constantes. Meu humor se altera a cada minuto, sinto meu corpo inchad...

— Quando foi sua última menstruação? — ele a interrompeu. Ela ainda se forçava a negar o óbvio.

Sua menstruação? Ela não queria acreditar naquilo! Fazendo os cálculos mentalmente, finalmente admitiu que estava atrasada... Bem atrasada.

— Mas isso não é possível — afirmou ao médico. Vendo a forma como ela se comportava, ele sabia que havia se dado conta de onde ele queria chegar. — Eu tomo anticoncepcional. Sempre, todos os dias. Isso é impossível.

— Você tomou algum remédio recentemente? — perguntou, anotando algo em um papel.

— Sim. — A resposta saiu em um sussurro. — Eu sofri um acidente de carro, levei muitos pontos, mas...

— Então é possível — afirmou, olhando para ela. — Determinados remédios cortam o efeito do anticoncepcional, certamente você está grávida... — o médico continuava a falar, mas sua mente estava longe dali.

Dez minutos depois ela saiu do consultório com um papel na mão. Uma requisição de exame de sangue. Nicole bufou sentando-se em uma praça perto dali. Ela não precisava de nenhuma confirmação para saber o seu estado. Grávida!

Por Deus... O que ela faria? Aquilo não podia ser verdade. Também, estava tomando o anticoncepcional certinho, não queria acreditar que os outros remédios cortariam o efeito. Ela estava perdida, e muito. O que faria com uma criança? Ela não tinha noção de como ser mãe. Okay, se dava bem com crianças... Mas não com uma sua!

E seu plano? O que iria fazer? Um filho... Ela não poderia prosseguir com a vingança, poderia? Passara a vida toda sem pais, sem poder receber atenção deles e privada de seu carinho. Se eles estivessem vivos, seria tudo diferente. Ela iria querer isso para seu filho? Faria isso? O privar de seu próprio pai? Logo ela, que entendia mais que ninguém aquela situação? Seu pai era tudo para ela. Ela fez tudo que fez por causa dele! Claro que pela sua mãe também, mas seu pai... Oh céus, ela estava tão perdida.

Ela tinha que desistir daquele plano. Era sua única solução. Com lágrimas

nos olhos, Nicole se levantou disposta a esquecer tudo. Não podia continuar com aquilo. Uma parte de si ainda protestava. Ela queria vingança! Mas logo o pensamento de um bebê dela e de seu amado preenchia seus pensamentos.

Ela realmente não podia continuar com aquilo.

Iria atrás de Daniel e contaria a novidade para ele. Ela tinha certeza que ele iria ficar mais que feliz. Óbvio que não contaria seu antigo plano. Omitiria essa parte e seguiria em frente. Ele não precisava saber. Podia viver feliz ao lado de quem ela amava e do filho deles. Essa era a vida que teria dali para frente. Ela ficaria com o homem que amava.

Flashback off

Nicole voltou à realidade, olhando para o pequeno, ainda alimentando-se dela. Como pudera ser tão tola! Uma vida feliz ao lado de Daniel? Nunca poderia ter. Não quando seus pensamentos ainda imploravam por vingança. Seus pais não podiam ter morrido em vão.

Após a terrível briga, ela foi embora. Fugiu para longe de tudo e de todos. Criaria seu filho sozinha! Não precisava de ninguém para ajudá-la. Daniel não merecia ser pai daquela criança. Não merecia. Ela tinha consciência que seu filho cresceria sem uma figura paterna e com toda certeza, aquilo o afetaria. Certamente uma hora ele perguntaria pelo pai, mas ela nunca lhe diria a verdade. Inventaria que ele havia morrido ou qualquer coisa do tipo. Sabia que era errado, mas e daí? O que na vida ela tinha feito que fosse certo?

Ela daria todo amor e carinho que qualquer criança poderia receber! E isso bastava. Ela nunca deixaria faltar nada para seu próprio filho. Nem que se matasse de trabalhar.

Nicole despertou de seus devaneios ao escutar vozes novamente. O que poderia ser?

Ao chegar na sala, deparou-se com o moreno e Daniel novamente.

— Não disse que conversaremos depois? — indagou, se aproximando, ainda com o bebê em seus braços.

— Quem é ele? — o homem perguntou com uma expressão nada boa.

— Um amigo. — A resposta saiu tão rápida que até ela se surpreendeu. — Aiden, esse é Daniel. — Apontou para o homem. — Daniel, esse é Aiden. Apresentação feita, agora você pode, por favor, ir embora? — pediu, tentando não se exaltar.

Vendo aquela situação, Aiden entendeu que era hora de sair.

— Eu tenho que ir, Nicole — disse, sereno. — Qualquer coisa é só ligar.

— Okay — se despediu dele, com um beijo rápido na bochecha.

Daniel cerrou os olhos vendo a cena em sua frente. Não estava gostando nada da aproximação dos dois. Aiden saiu rapidamente, deixando-os a sós.

— E você? — perguntou, querendo se livrar dele.

— Quem é esse bebê? — Daniel falou, em tom baixo, ignorando totalmente a pergunta dela.

Oh merda! Agora ela estava ferrada. Muito ferrada.

— Meu filho — declarou com os olhos desfocados. Estava em um beco sem saída.

O silêncio era pesado. Os dois se olhavam, porém nenhuma palavra era dita. Um barulho chamou a atenção dos dois. O bebê havia acordado e agora olhava diretamente para Daniel.

O homem congelou, prendendo a respiração. Aqueles olhos. A mesma cor dos seus.

Não prestara muito atenção na criança até aquele momento, porém... aquilo seria possível?

— E quem é o pai? — a pergunta foi feita em um tom tão baixo que era quase impossível ser ouvido. Nicole não respondeu. Não podia responder, não tinha condições. — Vou te perguntar Nicole — quase soletrou as palavras. — E dessa vez eu quero a verdade — fez uma pausa —, esse bebê é meu filho?

CAPÍTULO 8

O momento havia se congelado novamente. Sabia o quanto estava errada escondendo tal coisa dele, mas tinha medo que Daniel quisesse tomar seu filho para si. Ela jamais permitiria isso.

Ele a olhava com um olhar tão duro, que ela se assustou. Nunca, no curto período de tempo que estiveram juntos, havia recebido um olhar como aquele. Nicole se encontrava realmente assustada.

— Eu te fiz uma pergunta. — Sua voz era baixa, porém isso não tranquilizou-a.

Nicole coçou a garganta duas vezes antes de finalmente conseguir responder.

— Esse filho é meu. — Apesar de não ter contado uma mentira, não respondeu à pergunta de Daniel. Aquele filho era dela, mas dele também.

Daniel viu tudo ficar vermelho em sua frente. Ao olhar para a criança nos braços dela, teve certeza, aquele menino era seu.

— BASTA! — Perdeu o controle. — Você pode ter mentindo sobre você... Pode ter mentindo sobre mim... MAS ISSO JÁ É DEMAIS, NICOLE! — Avançou para cima dela, que se encolheu com a atitude repentina — Você não tinha esse direito, ouviu?

— Você está me machucando — sussurrou com lágrimas nos olhos novamente.

Vendo que estava segurando o braço dela com força, largou rapidamente.

— Vou perguntar novamente. — Ele se afastou, indo em direção ao outro lado da sala. — Esse filho é meu?

— Já te disse — começou com o discurso —, esse filho é meu.

— COMO VOCÊ PODE SER TÃO HIPÓCRITA? — O coração de Daniel pesava toneladas. — VOCÊ É UMA EGOÍSTA QUE SÓ PENSA EM VOCÊ. SÓ EM VOCÊ. NÃO LIGA PARA OS SENTIMENTOS DE NINGUÉM.

— BASTA! — Ela se enfureceu também. — Você não tem o direito de vir na minha casa e falar essas coisas de mim! — A voz dela era mordaz.

— E VOCÊ NÃO TEM O DIREITO DE ME ESCONDER UM FILHO — rebateu.

Estavam quites.

Mais uma vez o silêncio reinou. Eles se encaravam raivosos, mas nada era dito. Daniel não conseguia entender como podia amar tanto aquela mulher que só o fazia sofrer. Alguém que só o magoava.

— Quero você fora do meu apartamento. — A voz dela o trouxe à realidade.

— E eu quero teste de DNA. — Não pediu, impôs.

Nicole segurou com força o bebê em seus braços. Ela estava perdida.

— Não! — Deu dois passos para trás. Ele não podia fazer aquilo, podia?

— Eu não estou pedindo, Nicole. — Foi duro, olhando para ela de maneira fria. — Se não for por bem... Vai ser por mal.

Naquele momento, o mundo de Daniel havia desabado. Em um milhão de anos, ele jamais imaginaria que algo do tipo poderia acontecer. Ele estava acabado. Derrotado mais uma vez.

— VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO — gritou com lágrimas nos olhos.

— Posso e devo... — Se aproximou devagar, com cautela. — Afinal não foi você que me enganou todo esse tempo?

— Daniel... — sussurrou, implorando.

— Um filho, Nicole... Isso não é uma besteira. NÃO É ALGO QUE VOCÊ POSSA MENTIR! — Daniel estava com ódio em seus olhos.

— Por favor... — As lágrimas caíam sem parar do rosto dela, que tentava segurar os soluços.

Ele parou, respirando fundo. Tentando, em uma tentativa frustrante, se acalmar.

— Você passou de todos os limites. — Sua voz era feroz. — Eu já te disse isso antes... Mas nada se compara ao tamanho da bola que isso se transformou.

— Você não entende... — Ela voltou ao seu discurso típico.

— Não interessa, Nicole. Você não entende a gravidade da situação? — Levantou as mãos para o alto, em um gesto de desespero. — Você mentiu para mim... Escondeu coisas de mim... Enganou-me... Até então, isso se tratava só de nós dois... Só nós dois... Mas isso?... Você não tinha o direito de me esconder isso! — Respirou fundo e ela se encolheu com o bebê, que estava quieto, apesar dos gritos.

— Eu... — As palavras sumiram da sua boca.

— Eu estou indo embora. — Ele seguiu em direção à porta.

— Mas... — Ela ficou confusa.

— Eu não quero mais olhar para a sua cara. — Foi sincero. — Eu não consigo... Mas não se preocupe... Você terá notícias minhas.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou em meio às lágrimas.

— Porque minha paciência com você se esgotou de vez. — Ele voltou e aproximou-se lentamente dela, que continuava parada. O pequeno ainda olhava para os dois, sem chorar. Parecia que ele entendia aquela situação, e sabia que devia estar calado. Os dois olhos verdes se encontraram novamente e o menino deu um pequeno sorriso sem dentes para ele. O coração de Daniel pulou de alegria e de emoção com a cena. Ele tinha certeza absoluta que aquele filho era dele. Deu um beijo estalado na bochecha do pequeno, sentindo a pele macia.

Com muita dor no peito, se dirigiu em direção à porta novamente. Mas antes de ir embora, deu seu ultimato.

— Isso não vai ficar assim. — Ameaçou a mulher, que novamente se encolheu. — Eu vou entrar na justiça e pedir a guarda do meu filho. Espere uma intimação em breve. Adeus, Nicole. — Sem mais uma palavra, foi embora deixando-a sem chão.

CAPÍTULO 9

Nicole suspirou, deixando-se levar pela sua dor. Será que aquela angústia não pararia nunca? Estava cansada de sofrer, estava exausta. Sentia-se desolada, precisando de alguém. De imediato, lembrou do seu irmão. Do seu amado e querido irmão. Nunca imaginaria que estivesse naquela situação. Não com ele.

Esquecendo totalmente sua mágoa, ela implorou baixinho por ele. A única família que lhe restava. Ela estava só no mundo. Olhou para baixo e viu seu filho em seu colo, então pensou... Não, ela não estava só.

A jovem não tinha noção do quanto Daniel estava puto com ela, mas imaginava que seria muito. Lembrou dos olhares duros com os quais fora recebido e cerrou os olhos, tentando não chorar novamente. Ele devia estar odiando-a.



Não muito longe dali, Daniel dirigia com pressa pela estrada. Suas mãos doíam tamanha era a força imposta no volante. Se na ida pareceu uma eternidade, a volta passou tão rapidamente que ele só se deu conta quando estacionou em sua vaga privativa na empresa. Não voltaria para casa, ainda não. Já bastavam todas as noites que passava sozinho.

— Senhor Campbell. — Kate se aproximou com sorriso de uma ponta à outra da face, como sempre. — Achei que não viria hoje.

— Mas vim. — A cortou rapidamente. Não estava com saco para ser educado. Vendo a expressão da mulher, sentiu-se um lixo. Não devia tê-la tratado daquela forma. Fora isso que sua mãe sempre lhe ensinara, nunca destratar uma mulher. E mesmo depois de morta, Daniel ainda seguia seus ensinamentos. — Desculpe, estou em um mal dia.

— Sem problema — respondeu, ajeitando os cabelos com uma mão só. — Quer um café?

— Quero — falou, seguindo em direção ao seu escritório. — E me passe todos os compromissos de hoje, por favor.

Daniel passou o resto do dia trabalhando feito louco. Não se permitia

descansar um só minuto. Ele sabia que se parasse, desmoronaria ali mesmo. Kate levou comida, porém ele não saiu de sua sala. Quando enfim a noite chegou, Daniel fez algo inesperado.

— Catherine? — chamou, após escutar a voz da irmã do outro lado do telefone.

— Oi Daniel — respondeu surpresa. Eles haviam se falado e se visto na véspera, contatos contínuos não eram comuns.

— Podemos conversar às oito? — perguntou nervoso.

— Claro — ela respondeu de imediato.

— Heloise e Oliver também?

— Mas é claro que sim... — A loira estava confusa. — Aconteceu algo? — Sua voz saiu temerosa.

— Mais ou menos. — Daniel trincou os dentes ao responder — Mas falaremos disso mais tarde.

Assim como fez com a irmã mais velha, ele ligou para a mais nova e para seu amigo. Não quis passar em casa antes, iria dali mesmo. Como na manhã daquele dia, Daniel dirigiu com um pouco de pressa.

— Irmão! — Catherine abriu a porta com um sorriso, porém seu olhar era preocupado.

Os dois se abraçaram e logo depois entraram.

— Eles já chegaram? — perguntou curioso.

— Já — ela respondeu. — Estão na sala. Venha.

A poucos metros dali, se repetia a cena da noite anterior. Oliver e Heloise estavam em um sofá e Catherine sentou-se ao lado de Davis no outro.

— Aconteceu algo, irmão? — Daniel escutou pela segunda vez.

— Aconteceu. — Sua voz não era nada boa. Todos olhavam para ele, que continuava em pé. Temiam saber o que havia acontecido.

— Fale de uma vez — implorou Heloise angustiada, segurando a mão do homem ao seu lado.

— Eu encontrei Nicole — jogou a bomba sem demonstrar nem um pinga de emoção, mas por dentro ele estava explodindo.

— Mas como assim? — Oliver se pronunciou alterado, levantando-se de supetão. — Por que não me disse nada?

— Se acalme, Oliver — Daniel pediu, ainda atordoado. — Eu só a encontrei hoje.

— Onde ela está? — ele perguntou aflito.

— Primeiramente peço desculpas por não ter dito nada... Eu vinha recebendo cartas há pouco tempo. — Fez uma pequena pausa olhando o homem que o olhava confuso. — Mas não achei justo te contar. Aquilo poderia não passar de uma brincadeira... As tais cartas sempre vinham sarcásticas... Até que eu recebi uma foto dela e, por último, hoje... Recebi um mapa, marcado com um X em uma cidade. Não sabia se era verdade ou não, mas curioso, fui até lá. Rodei a cidade toda e estava quase desistindo, quando enfim a vi. Ela está trabalhando em um restaurante.

— Me diga onde é essa cidade Daniel — Oliver pediu, sem paciência. — Ela é minha irmã, eu quero vê-la agora mesmo.

Os demais estavam calados. Aquele era assunto dos dois.

— Não é só isso — Daniel continuou. — Nicole tem um filho.

— O quê? — Catherine se intrometeu, estupefata com a revelação.

— Um filho nosso, para ser mais específico. — Daniel cerrou os dentes ao falar. — E ela escondeu isso de mim. — Seus olhos se fecharam rapidamente com a revelação.

— Ela não pode ter feito isso! — Catherine se levantou, revoltada.

— Por consideração a você Oliver, que é um grande amigo... Eu vim te comunicar primeiro... — Se voltou em direção a Oliver, que estava de boca aberta. — Sua irmã passou de todos os limites dessa vez. Isso eu não vou perdoar. Vou entrar na justiça e pedir a guarda do meu filho.

— Você não pode fazer isso Daniel! — Antes calada, Heloise se sobressaiu.

— De que lado você está? — Catherine perguntou revoltada para ela.

— Estou do lado do nosso irmão, claro. — Impôs sua opinião, se levantando também. — Mas a criança ainda é um bebê, ele precisa dos cuidados da mãe. Você não pode fazer isso.

— Não só posso, como vou. — Daniel estava determinado.

Oliver observava tudo calado, sem dizer uma só palavra, tentando absorver tudo que lhe fora dito.

— Ela não podia ter escondido isso. — Catherine recomeçou a falar.

— Ela é a mãe da criança. — Heloise se alterou com a irmã.

— E Daniel o pai. — Catherine rebateu.

— BASTA! — Oliver bradou em voz grave. — Antes que faça algo... — Olhou para o amigo. — Deixe-me falar com ela.

Daniel permaneceu calado, apenas o olhando-o, ponderando o que fazer.

— Por favor — pediu. O sofrimento transbordava no olhar do homem e ele se compadeceu.

— Em nome da nossa amizade, não vou fazer isso. Não hoje, pelo menos. — Daniel suspirou em desgosto.

— Eu vou atrás dela agora mesmo. Preciso vê-la. — Oliver se desesperou, ansioso para encontrar sua irmã.

— Eu vou com você — Heloise falou, determinada.

— Não precis...

— É claro que precisa. — Os dois trocaram olhares e ele concordou com a cabeça. — Daniel, nos diga onde ela está.

CAPÍTULO 10

Já fazia horas que os dois haviam saído da casa, deixando Daniel, Catherine e Davis para trás. O caminho pareceu nunca ter fim para Oliver, que nada dizia. Heloise não insistia em dialogar também. Nunca havia passado por uma situação como aquela, mas imaginava que não era nada fácil. Ela só queria abraçá-lo, enchê-lo de beijos e lhe dizer que tudo estava bem, mas infelizmente não poderia fazer isso. Ela era apenas uma amiga.

— É aqui — Oliver informou após um período de silêncio perdido em pensamentos.

— É — ela confirmou, olhando a placa a poucos metros de distância.

Vendo que ele suava frio, ela levou sua mão até o ombro dele e apertou levemente, tentando passar alguma confiança. Oliver deu um sorriso torto e voltou sua atenção para a estrada.

— Eu estava pensando em algo... — Chamou a atenção dele.

— Pode dizer. — Olhou rapidamente para ela, tentando não causar nenhum acidente na estrada.

— Já está tarde. — Ela olhou no relógio. — Bem tarde para falar a verdade. Foram muitas horas de viagem.

— Ainda não entendi aonde quer chegar...

Que tal pararmos em um hotel? — perguntou de forma inocente. — Realmente está tarde e não seria nada agradável aparecer a essa hora na porta de alguém... — Ela fez uma pausa longa. — Ela e o bebê devem estar dormindo.

— Você está certa — ele falou, após ponderar alguns segundos sobre o assunto. — Vamos parar em algum lugar.

Vinte minutos depois eles entraram em um afastado hotel. Estava chovendo um pouco e os dois correram até a recepção para não se molhar. O hotel não era cinco estrelas, mas também não era ruim, apenas pequeno. Aproximaram-se da recepção encontrando uma senhora baixinha.

— Queremos um quarto. — Heloise tomou a frente da situação.

— Para quantos dias? — a mulher perguntou calmamente.

— Apenas uma noite — respondeu ela, já cansada.

Oliver continuava em pé, parado, observando a pouca movimentação do lado de fora. Ele estava alheio a tudo, não percebendo quando Heloise voltou com uma chave na mão. Sem perguntas, ele a seguiu para a escada, andando um pouco até se deparar com uma porta de madeira em sua frente.

— Um só quarto? — perguntou curioso.

— Sim — respondeu de forma tímida. — Algum problema?

— Não — ele respondeu incerto.

— Acho que não devo te deixar sozinho, você deve estar precisando de alguém... — Jogou sua desculpa, esperando que ele concordasse.

— Sem problema. — Dito isso, os dois entraram sem pressa, encontrando um quarto aconchegante.

Oliver ignorou a cama de casal e foi em direção ao banheiro, jogando água fria em seu rosto, tentando se acalmar. Suspirou olhando para o espelho e voltou para o quarto, encontrando a pequena sentada na cama olhando para os próprios pés.

— Você quer conversar? — perguntou sem jeito.

— Para falar a verdade, não sei — respondeu com sinceridade.

Observando o homem à sua frente, Heloise deu dois tapinhas na cama acenando para que ele se aproximasse. Fazendo o que ela pediu, ele foi em sua direção e os dois ficaram sentados, sem dizer nada por alguns segundos.

— Está com sono? — ela tentou puxar assunto.

— Sono é a última coisa que eu tenho no momento — ele deu um sorriso sem graça.

— Família é uma coisa complicada mesmo... — Ela tentou quebrar o gelo.

— Eu que o diga. — Ele rebateu, sem perceber a real motivação em suas palavras.

— Mas pense pelo lado bom... Agora você tem um sobrinho. — Cautelosamente, ela se aproximou mais, ficando quase colada a ele.

— Que o Daniel quer tomar da minha irmã — retrucou sem se tocar do que acabara de falar. — Desculpe... Só é muito complicado.

— Você não tem que me explicar nada. Quem foi errada foi sua irmã, não você. — Tentou puxar pelo bom senso dele.

— Mesmo assim, Heloise. — Suspirou forte. — Poderíamos ter uma vida completamente diferente... Depois que nossos pais morreram tudo mudou e Nicky não conseguiu... — Se refreou de imediato percebendo que estava falando demais.

— E? — incentivou, curiosa. Heloise nunca lhe pediu nenhuma explicação, mas como todo ser humano normal, a curiosidade a despertava.

— Éramos apenas crianças... — desviou a história.

— Eu também perdi meus pais cedo. — Ela comentou. — E foi muito difícil para mim... Além de tudo eu era a mais nova, e tive menos contato ainda com eles. Se não fosse Daniel e Catherine eu não sei o que seria de mim. Eles cuidaram de mim e me ampararam em todas as horas. Não era a mesma coisa que o amor dos meus próprios pais, mas eles são meus irmãos. Se hoje em dia eu não tenho meus pais comigo, pelo menos tenho eles. Que me apoiam e amam acima de tudo — confessou, não se tocando de como havia se exposto também.

Vendo o estado dela, Oliver levou seu braço para o corpo de Heloise, dando um abraço carinhoso e levando seus lábios até a testa dela, dando um beijo cheio de significados.

Os dois ficaram em silêncio. Ela acariciava o braço dele e ele alisava as costas dela, sentindo o seu cheiro doce. Cada um perdido em seus próprios pensamentos, deixando-se levar pelo momento. Eles se gostavam, era óbvio. Quando enfim Heloise levantou a cabeça, se perdeu nos olhos castanhos dele, tão cheios de desejo. Antes mesmo de poder dizer algo, ela percebeu que ele abaixava a cabeça, até seus lábios se encostarem em uma explosão.

Eles se desejavam há muito tempo. Um gemido fraco saiu da boca de Heloise, quando eles inverteram a posição das bocas. Agora Oliver sugava o lábio inferior dela, enquanto ela mordiscava o superior dele. Outro gemido foi dado quando as línguas finalmente se encontraram.

A mão que estava alisando as costas dela foi em direção aos seus cabelos, puxando-a para mais perto. Ela levantou-se, puxando-o, ainda com as bocas coladas e eles ficaram de pé, buscando uma melhor posição para o beijo e para terem uma maior aproximação. As mãos de Oliver seguravam possessivamente a cintura de Heloise e nem ele percebeu, que suas mãos já estavam dentro da sua blusa. Ele tentou segurar um gemido rouco, após tanto tempo finalmente estava com ela. Beijá-la era algo mágico. Quando enfim percebeu onde aquilo iria parar, afastou-se com cuidado, escutando um grunhido de reclamação.

— Mas... — O olhar de decepção dela o afetou. — Você não quer? — Os olhos dela brilhavam novamente, por causa das lágrimas. Por que ele estava rejeitando-a? Não bastava todo aquele tempo de espera?

— Quero — confessou, dando uma ponta de esperança. — Mas não desse jeito.

— Por quê? — Sua pergunta saiu de forma tão inocente que ele sorriu.

— Não nessa situação, Helô – ele nunca a havia chamado assim. Heloise sempre detestou aquele apelido, mas vindo dele... Havia soado tão bonito. Uma luz se acendeu dentro dela. Ele queria. E ela faria de tudo para tê-lo.

CAPÍTULO 11

Havia amanhecido há pouco tempo e Oliver havia deixado Heloise na cama. Ela estava dormindo tão tranquilamente que não quis acordá-la. Não havia sido nada fácil conseguir refrear todo o desejo naquela madrugada, mas não queria que algo tão profundo acontecesse daquele jeito. Deixou a conta paga, não era obrigação dela fazer isso, e rumou em direção ao carro.

Não foi difícil achar o apartamento, ele lembrava perfeitamente onde era. A cidade não era tão grande e antes mesmo de perceber, já estava na porta. Bateu com um pouco de brutalidade, estava tão entretido que não viu a campainha.

— Oliver! — Após um pequeno tempo a porta foi aberta e Nicole encarou surpresa o homem à sua frente. Naqueles últimos dias parecia que sua vida havia se tornado uma bola de neve novamente.

— Nicky — chamou o nome da irmã e sem pensar duas vezes, a abraçou com emoção. — Estava com tantas saudades! — Naquela hora, ele ignorou todos os problemas e se deixou levar pela emoção de vê-la.

— Irmão! — Assim como ele, ela se deixou levar, abraçando-o com toda força que podia.

Minutos depois eles se soltaram e a realidade pareceu ter voltado com força.

— Posso entrar? — perguntou calmo. Não estava a fim de brigas.

— Claro. — Ela afastou-se um pouco, dando espaço para ele entrar.

Oliver observou o lugar e lembranças o acertaram em cheio.

— Eu te procurei em todos os lugares possíveis. — Sua voz estava baixa. — Contratei detetives até de outros países sem ter ideia de onde você poderia estar. Eu passei todo esse ano te procurando feito louco... E você estava tão perto. — Ele coçou a garganta antes de voltar a falar. — Se eu tivesse ao menos pensado um pouco. Jamais imaginei que você voltaria para cá.

— Esse lugar significa muito para mim. — A voz dela também estava baixa.

— Por que voltou para cá? — perguntou, virando-se em sua direção e a encarando.

— Para poder me lembrar do real motivo de eu ter feito tudo que fiz. — Foi

sincera. — Ter ao menos algum tipo de contato com nossos pais.

— Eu sempre te avisei Nicky... Sempre. — Puxou pelo bom senso dela. — Olha onde você está hoje, olha como você está hoje!

— Eu não me arrependo de nada. — Sua voz estava ácida.

— A morte dos nossos pais nunca foi culpa dos Campbells, você sabe disso! — Ela bufou após escutar as palavras do irmão.

— Isso é o que você pensa. — Cerrou os olhos.

— Você só quis botar a culpa em alguém pela morte deles, quando o real culpado foi o nosso pai.

— CALA A BOCA! — Se irritou. — Você está enganado!

— Você mente para si mesma, Nicole. — Ela tremeu pela forma que ele falou.

— Essa discussão não vai levar a nada, você sabe disso. — Apelou, não querendo mais discutir. Em algum lugar no fundo de seu coração ela sabia que seu pai também era culpado, só nunca admitiria.

— Okay. — Ele se acalmou, sentando-se no sofá da sala. — E agora?

— E agora o quê? — Se fez de desentendida.

— Quando ia me contar que eu tenho um sobrinho? — perguntou de forma dura.

— Agora você quer saber do seu sobrinho? — Foi sarcástica. — Mas não pensou duas vezes antes de me entregar para Daniel e acabar com todo meu plano.

— Como você pode ser tão estúpida em acreditar nisso? — Ele se irritou com a irmã.

— Então como aquele áudio chegou às mãos dele? Como ele descobriu toda a papelada? Me diz! Em um passe de mágica ele obteve tudo aquilo por um acaso?

— Não fui eu! — Tentou se defender.

— Como você pode falar que não foi você Oliver? Só você tinha acesso àquelas coisas! — afirmou, revoltada.

— Foi a Kate — confessou de uma vez por todas.

— Como? — perguntou sem entender.

— Eu nunca te trairia. — Abaixou o tom de voz. — Como você pôde pensar isso de mim?

— Como assim, foi a Kate? — perguntou confusa.

— Eu dormi com ela naquela noite... Então no outro dia apareceu a bomba. Eu juro que não fui eu! E a única pessoa que teve acesso ao meu apartamento foi ela, então... Não precisa nem juntar o útil ao agradável, não é?

— Por que você não me contou? — perguntou, já com lágrimas nos olhos.

— PORQUE VOCÊ NUNCA ME DEU A CHANCE DE EXPLICAR — explodiu com raiva. — Você simplesmente foi embora, desapareceu. Eu fiquei que nem um louco atrás de você e nada. Nenhuma notícia sua. Durante todo esse tempo!

— Eu não acredito nisso... Eu passei esse tempo todo com raiva e ódio de você, me perguntando como meu próprio irmão poderia ter me traído daquela maneira e Kate foi a culpada disso tudo?

— Sim. — Ele se aproximou da irmã, abraçando-a.

— Desculpe — pediu com sinceridade, chorando nos braços dele. — Eu não sabia... Eu não fazia ideia.

— Você não devia ter feito isso — afirmou, consolando-a. — Por que você não veio atrás de mim? Ao menos para me pedir uma explicação? Você simplesmente sumiu. — Levantou o rosto dela. — Você é minha irmã, e por mais que tenha feito tudo isso... Eu não te trairia. Me magoa profundamente que você tenha pensado isso de mim. — Ela se agarrou ainda mais a ele. — Agora já passou. Vamos passar por cima disso tudo okay?

— Okay. — Ela tentou se recuperar, limpando o rosto com as duas mãos.

— Eu quero ver meu sobrinho. — Oliver mudou de assunto rapidamente, tentando amenizar o clima. — Como ele é?

— Perfeito. — Nicole sorriu boba, falando do filho.

— Eu quero vê-lo — pediu ansioso.

— Venha — Nicole segurou na mão esquerda do irmão e levou-o até o quarto de seu filho. O quarto que antes era deles.

— O que é isso? — perguntou confuso, olhando duas malas perto da porta. A mulher suspirou, antes de conseguir falar.

— Estou indo embora. — Ela mordeu o lábio inferior nervosa.

— Por quê?

— Ele quer tomar meu filho de mim. — Então a luz se fez na cabeça de Oliver, lembrando rapidamente do amigo Daniel.

— Fugir não vai adiantar de nada Nicky. — Tentou convencer a irmã.

— Ele me odeia, Oliver. — As lágrimas começaram a cair novamente no seu rosto e o coração de Oliver se apertou vendo o estado dela. — Ele é rico, tem

uma grande empresa... Vai entrar na justiça e vai tirar meu filho de mim. — Ela soluçava. — Eu não posso permitir isso.

— Mas... — Tentou falar.

— Mas o que Oliver? — perguntou. — Você sabe, como advogado, que eu não teria a mínima chance contra ele.

— Tenta conversar com ele — implorou, conhecendo o temperamento da irmã.

— Ele me odeia Oliver... Não estou brincando. Eu escondi isso dele e pelo visto ele nunca vai me perdoar, não posso deixar que me tome o meu filho. — Oliver não disse nada, sabia que ela estava certa.

Pelo que ele havia visto na noite anterior, Daniel estava mesmo disposto a entrar na justiça e tirar o filho de sua irmã. O silêncio se fez durante um longo tempo até que foi quebrado por ela.

— Foge comigo? — pediu com os olhos fechados.

— O quê? — ele perguntou, apesar de ter escutado.

— Você é minha única família Oliver... E meu filho, claro — explicou-se. — Vamos sair do país. Não sei. Qualquer coisa. Por favor — implorou novamente e ele nada disse. — Você sabe que ele vai tomar meu filho, irmão. — Chorava novamente. — Você sabe... Por favor, foge comigo?

CAPÍTULO 12

O homem parou bruscamente, dando um passo para trás, não acreditando no que acabara de ouvir. Aquilo era uma brincadeira, não era? Depois de tudo que ela havia passado, do tanto que sofreu, ainda tinha a maldita ilusão de que fugir era a solução?

— Você está louca? — perguntou em um tom alto.

— Fale baixo — pediu. — Ele ainda está dormindo. — Apontou para seu filho e voltou sua atenção para o irmão. — Não, não estou — afirmou de cara fechada.

— Você não vai fugir! — praguejou, em tom baixo.

— Por que você nunca me apoia em nada? — perguntou revoltada, ficando vermelha de raiva.

— Porque nunca segue para um caminho correto! — rebateu, olhando-a de forma rigorosa. — Você sempre toma as piores decisões e isso acabará custando sua vida. Você tem que lembrar que essas atitudes não só te afetam... Afetam também a mim, Nicole.

— Você não entende que ele vai tomar o meu filho? — Exaltou-se.

— Agora me diga o porquê. Me diga o motivo pelo qual ele está fazendo isso. — Sua voz era sarcástica, deixando a mulher mais furiosa ainda — Pela primeira vez na vida Nicky... pense um pouco. Não faça nenhuma bobagem — pediu, tentando se controlar.

— Eu sei que não estou certa... — se encolheu olhando para o lado, tentando não encará-lo.

— Então não faça o que está pretendendo fazer. — Seu olhar se dirigiu para as malas e ela o acompanhou. — Fugir não vai resolver nada... Aliás só te traria mais problemas.

— Mas Oliver...

— Mas nada... Tente ao menos conversar com ele. Daniel pode estar com raiva agora e até te odiando, como você disse — observou a expressão da sua irmã se transformar em uma careta rapidamente, escutando as palavras dele —, mas não é uma má pessoa.

— Eu não quero conversar com ele. — Olhou para os próprios pés.

— Mas é necessário. — Oliver se aproximou da irmã. — Como te falei, eu jamais te trairia, porém se trata do meu sobrinho... — Ele escolheu bem as palavras antes de continuar a falar. — Mas se você continuar com essa ideia de merda de fugir, serei obrigado a falar com Daniel.

— Trairia sua própria irmã? — perguntou estupefata.

— Não é caso de traição Nicole, mas sim de fazer o que é certo — respondeu puxando pelo bom senso. — Já tolerarei demais suas criancices.

— Okay. — Levantou seu olhar para ele, e Oliver bufou, sabendo muito bem o que aquilo significava.

— Nem pense em fazer isso. — Se alterou rapidamente. — Se você tentar fugir, eu juro por tudo que é mais sagrado, que serei eu o advogado que estará ao lado de Daniel quando ele pedir a guarda de seu filho.

Novamente Nicole abriu e fechou a boca várias vezes.

— Como pode fazer isso? — perguntou com os olhos arregalados.

— Você tem que crescer. — Oliver continuou decisivo. — Ainda não amadureceu o suficiente para conseguir tomar certas escolhas, então eu farei isso por você. — Ela continuava calada. — E, se tentar fugir, eu e Daniel iremos até o inferno atrás de você e não pense um só minuto que eu estou brincando. Basta Nicole. Basta.

— Eu tenho maturidade o suficiente sim...

— Não, você não tem. — A cercou. — Se tivesse um pinga de consciência ou maturidade, nunca teria iniciado essa palhaçada — a encarou seriamente, se aproximando. — Eu sei que você ama Daniel. — Ele estava cara a cara com ela. — E sei que ele também te ama. E eu sofro pelo meu amigo, pois ele não merece alguém como você — desabafou. Não suportava mais as atitudes infantis da sua irmã.

Com pressa, ele se virou para o outro lado, não querendo encará-la mais. Buscou rapidamente seu celular e discou o número conhecido, que não demorou nada a atender.

— É Oliver. — Sua voz era dura. — Estou levando Nicole comigo, Daniel. Vocês vão se resolver aí, antes que eu mesmo faça uma besteira com ela. — Sem mais uma palavra, desligou o aparelho, virando-se para ela.

— Mas... — Deu um passo à frente.

— Mas nada. — Ele lhe deu um olhar duro, que a fez estremecer. — Você vai voltar comigo. E nem precisa se preocupar em arrumar as malas, não é? — perguntou retoricamente. — Elas já estão feitas!

██████████

Vinte minutos depois, Heloise estava na frente do hotel. Oliver havia ligado para ela, avisando que o esperasse e que eles já estavam indo embora. Ao acordar de manhã e não encontrá-lo ao seu lado, nem foi preciso olhar o bilhete no criado mudo para saber onde ele estava.

Havia ido pagar a conta, porém ela já estava paga. Sem entender nada, ela fez o que ele pediu, esperando-o na frente do hotel. Não demorou muito para avistar o carro conhecido aproximando-se. Foi um choque constatar que Nicole estava no banco de trás, com um pequeno bebê em seus braços e duas malas ao seu lado.

Sem mencionar uma palavra, ela se sentou no banco da frente, ao lado dele. Nenhuma palavra foi dita o caminho todo, o que foi uma tortura para os três. Era uma longa viagem, porém não era apropriada uma conversa naquele momento.

Não houve nenhuma pausa no meio do caminho, tampouco nenhuma reclamação. O pequeno ainda acordou duas vezes, porém após a amamentação, voltou a repousar. A cada minuto que passava um temor tomava conta do corpo de Nicole. O que seria de sua vida a partir dali?

██████████

Nicole adentrou o apartamento já conhecido do irmão com seu filho no colo. Observava cada parte, lembrando-se da última vez em que estivera ali. Parecia uma eternidade para ela.

— Onde iremos dormir?

— No quarto de hóspedes — seu irmão respondeu. — Não tenho nada de criança aqui, mas se quiser podemos ir às compras agora.

— Eu estou cansada — respondeu, sentando-se no sofá. — Eu trouxe o necessário para Anthony, só peço que você coloque tudo no quarto.

Sem mais palavras, Oliver deixou a sala indo em direção ao quarto que Nicole ficaria, deixando-a sozinha com Heloise.

— Eu ainda não sei qual é a sua — Heloise confessou ainda em pé, olhando-a de forma diferente.

— O que quer dizer com isso? — Nicole perguntou confusa, ainda ninando seu filho nos braços, que estava quieto.

— Não acho que você é uma má pessoa. — A confissão deixou Nicole sem

palavras. Esperava xingamentos ou gritos da irmã do seu amado, porém durante todo o tempo em que as duas estiveram juntas, ela só obteve silêncio da mesma. — Mas o que você fez ao meu irmão o machucou de uma maneira irreversível. Ele te ama... amava... Você não precisava de nada daquilo para ter dinheiro, Nicole. Ter o amor de Daniel não bastava?

— Você está me perguntando porque eu não fiquei com seu irmão por mais tempo, para manter o dinheiro? Por que eu não continuei fingindo amá-lo? — Sua expressão denunciava dúvida.

— Fingindo amá-lo? — Uma risada falsa escapou de seus lábios. — Você tem certeza que todo esse tempo estava fingindo? — A pergunta pegou Nicole de surpresa.

— Eu não... — Ela não conseguia responder.

— Eu não sei o que aconteceu na sua vida para você chegar a tal ponto de pensar em seduzir alguém e tomar seu dinheiro. Eu sinceramente não entendo. Dinheiro significa tanto assim para você? — Jogou verde, porém Nicole manteve o silêncio. — Mas seu jogo foi finalmente abaixo quando Daniel descobriu tudo, não foi?! Então nós encontramos você em uma cidadezinha, sendo garçoneiro e criando um filho sozinho... Se dinheiro importa tanto assim para você, porque não foi atrás de outros homens? Atrás de outra coisa que lhe desse dinheiro? Eu posso estar errada, mas afirmo em dizer que eu não acho que era dinheiro que você queria.

— Então o que eu queria, Heloise? — A pergunta saiu baixa, pois ela temia que a mulher em sua frente soubesse a resposta, por conta de Oliver.

— Eu não faço ideia — respondeu com sinceridade. — Você fugiu da sua família, fugiu da empresa, fugiu do Daniel... mas não importa o quanto corra, você não conseguirá fugir do sentimento que tem por ele. Disso você não pode fugir, Nicole.

Quando passos foram ouvidos, a conversa cessou. Oliver apareceu no campo de visão das duas, acabando com a possibilidade de qualquer resposta de Nicole, o que ela agradeceu, já que não conseguiria falar qualquer coisa.

Mais tarde naquela noite, Nicole ainda refletia sobre as palavras de Heloise, que logo foi embora após o aparecimento do seu irmão, partindo não antes de dar um beijo na cabeça do seu filho. Ela sentia-se estranha com tamanha aproximação, sempre teve Anthony exclusivamente para si, mas algo em seu peito dizia que aquela situação não ficaria daquela forma por muito tempo.

Daniel descobriu a existência de seu filho e após isso, tudo iria mudar. Olhou para a janela, tendo a visão do lado de fora. A rua estava deserta e fria.

Ela virou sua atenção novamente para seu bebê, que dormia tranquilamente ao seu lado na cama. Ele era tão pequeno e não fazia ideia da confusão que estava à sua volta. Tudo que Nicole queria era tê-lo em seus braços para sempre, onde ninguém pudesse machucá-lo. Onde ninguém pudesse fazê-lo sofrer, como ela havia sofrido.

CAPÍTULO 13

Três longos dias se passaram. Cada um deles aumentava a ansiedade que Nicole sentia com o passar do tempo. Algo a perturbava. Seus instintos de mãe a alertavam.

Quando o interfone tocou no apartamento de Oliver, Nicole saiu do seu quarto e correu para atender, deixando seu filho na cama, bem protegido. A voz do outro lado da linha era de um senhor de meia idade dizendo que havia uma correspondência para ela e que esperasse na porta que alguém iria entregá-la. A pessoa não demorou a chegar, com o coração acelerado Nicole reconheceu quem era.

Um oficial de justiça.

Com as mãos trêmulas ela paralisou, ainda de pé, sentindo que iria desabar a qualquer momento sentindo o peso do envelope que lhe fora entregue. Já dentro novamente, ela leu o papel em suas mãos trêmulas.

Daniel Parker Campbell, residente e domiciliado na cidade de Nova York, por intermédio de seu advogado, conforme instrumento de procuração anexo, vem mui respeitosamente perante Vossa Excelência requerer a presente MEDIDA CAUTELAR DE GUARDA E POSSE PROVISÓRIA do filho menor impúbere, Anthony Sullivan Campbell, que atualmente se encontra com a mãe, Nicole Bryant Sullivan...

Não aguentando ler tudo que estava escrito, o pedaço de papel foi apertado com uma força descomunal, enquanto lágrimas caíam pelo rosto de Nicole, que chorava desesperadamente tentando se controlar.

Ela sabia que algo ruim iria acontecer.



As mãos de Daniel estavam frias e ele andava de um lado para o outro de seu apartamento. Trabalhou uma parte do dia, mas não aguentou e saiu mais cedo. Pediu para que Davis cuidasse de tudo e qualquer urgência ligasse para ele,

apesar de saber que não haveria nenhuma.

Após a partida de Oliver e Heloise, ele não se demorou muito na casa de Catherine naquela noite, sua irmã encheu sua cabeça com tantas coisas, que no momento ele não queria nem pensar e após a ligação que teve do amigo, tudo pareceu se encaixar. Ele não tinha outra escolha.

No outro dia Daniel ligou para seu advogado e entrou com um pedido de guarda provisória sobre seu filho. Estava consciente que iria abalar sua amizade com Oliver, mas isso não o deteve. Alguém teria que parar Nicole.

Mesmo sentindo-se o pior homem da face da terra, ele pensou nos motivos pelos quais estava fazendo aquilo. Pensou em seu filho, pensou em todos os momentos da sua vida que ele perdeu. Seu primeiro ultrassom, a descoberta do sexo... Toda a fase em que Anthony ainda era um serzinho na barriga de Nicole e ela não teve a decência de procurá-lo.

Pensou no parto, em que não pôde estar ao seu lado e lhe dar forças. Pensou que não pôde ouvir o choro do seu filho após o nascimento. Pensou que ele nem ao menos pôde pegá-lo. Nicole tirou todos esses momentos dele e ele sabia que se não a tivesse encontrado, ela não teria a decência de informar que ele era pai.

Ele era um pai. O pai de Anthony.

Nicole roubou tudo de mais precioso que ele tinha na vida e isso não iria perdoar.



Depois de ouvir sua irmã aos prantos no telefone, Oliver saiu desesperado do emprego, dirigindo em alta velocidade de volta ao seu apartamento.

Sem esperar mais nada, ele adentrou no quarto em que Nicole estava. Seu rosto todo vermelho denunciava o quanto ela havia chorado, ainda agarrada ao filho, que no momento estava com seus olhos observando sua mãe.

— O que foi Nicole? — perguntou desesperado, sem saber o motivo das lágrimas dela.

— Eu disse que ele o faria. — Soluçou ainda com uns papéis em mãos. Suas palavras o acertaram em cheio.

Ele sabia o que aquilo significava.



Os minutos pareciam horas e Daniel não desgrudava o olhar do relógio em seu pulso, porém parecia que os ponteiros não se moviam.

Ela estava vindo... Ela estava.

Sem perceber, ele batucava seus dedos em cima da mesa, tentando entender como sua vida havia se transformado naquilo tudo. Naquela bola de neve, que aumentava cada vez mais. Lembrou-se da época em que não havia nenhum problema em sua vida. Uma época em que ele era solteiro e de vez em quando ficava com alguma mulher para saciar seu desejo. Porém era sempre isso. Algo físico. Nunca, em todos aqueles anos, alguma mulher havia chamado realmente sua atenção.

Então Nicole apareceu. Como uma incógnita que ele não conseguia compreender. Como uma deusa, que havia adentrado em seus pensamentos, ele não conseguia tirá-la da cabeça um só minuto. Lembrou-se dos lábios convidativos, do cheiro de sua pele, da maciez de seu cabelo.

Lembrou-se do quanto estava feliz quando finalmente a teve para si. Tornou-a sua mulher, definitivamente, mesmo que na época ela não soubesse disso. Lembrou-se também do quanto a relação dos dois era confusa, mas ele a adorava mesmo assim. Porque aquilo os representava.

Então veio o baque. A descoberta. A mágoa. A raiva. Por fim, a tristeza.

Esses sentimentos ainda se apoderavam dele, porém o amor que ele nutria por Nicole era bem maior. Será que um dia conseguiria finalmente ser feliz com aquela mulher? Sem mentiras, sem mágoas, sem segredos? Seria possível? No momento, em sua cabeça gritava uma voz dizendo em alto e bom som a palavra "não".



Nicole apertou as mãos fortemente, mordendo os lábios, olhando para o tão conhecido local. Estava de frente ao apartamento de Daniel. Temerosa, desceu do taxi com as pernas bambas. Ela podia escutar o tic-tac em sua mente, lembrando-se do motivo pelo qual ela estava ali.

Ela havia deixado Anthony com Oliver, que olhava para ela com pena antes da mesma sair. Ela sabia que deveria estar parecendo apavorada. Porém ele nada fez antes da sua partida ao encontro de Daniel.

Oliver acabou tendo que dar um calmante para a sua irmã, tamanho seu desespero naquele momento, mas o que ele poderia fazer? Ela merecia aquilo. Já havia passado da hora de sua irmã crescer e lidar com as consequências de seus

atos.

No início ele sentiu raiva do seu amigo Daniel, apesar dos pesares, não achava que ele iria chegar a tal atitude. Mas ele chegou e Oliver sabia que não poderia culpá-lo. Ele entendia a situação de seu amigo.

O coração de Nicole começou a acelerar, imaginando o que estava por vir. Não tinha mais volta. Ela e Daniel estavam sozinhos naquele imenso apartamento e não havia nada que ela pudesse fazer para fugir daquele confronto. Assim como ela suspeitava, Daniel encontrava-se encostado na parede, sua cara fechada e seu maxilar travado demonstravam que não seria uma conversa amigável.

— Enfim sós. — A voz dele ecoou no ambiente.

Com o coração pesado e sem pensar duas vezes, Nicole jogou o seu casaco no chão com raiva e atirou a primeira coisa que viu pela frente em Daniel, um objeto decorativo valioso. Ele se esquivou rapidamente, olhando estupefato para aquela atitude.

— VOCÊ ESTÁ LOUCA, NICOLE? — perguntou abismado. — Aquilo poderia ter me machucado... De verdade.

— Isso tudo é culpa sua... — Atirou outra peça e ele se esquivou novamente. — SEU MALDITO!

— VOCÊ ESTÁ LOUCA? QUAL O SEU PROBLEMA SUA IDIOTA?

— MEU PROBLEMA? — perguntou, sorrindo de uma forma sarcástica. — VOCÊ É O MEU PROBLEMA DANIEL. NÃO OUSE TIRAR MEU FILHO DE MIM!!! NÃO OUSE FAZER ISSO OU EU VOU...

— VOCÊ VAI FAZER O QUÊ? — Daniel peitou Nicole. — Fala na minha cara se você tem coragem!!! Se for mulher suficiente — exigiu sem paciência. — O que mais você pode fazer contra mim? Hein? Você já destruiu toda minha vida, não me restou mais nada!!!

— CALA A MALDITA BOCA ANTES DE... — Antes que ela pudesse jogar outro objeto, ele foi em sua direção em uma velocidade que nunca imaginou possuir, prensando a mulher contra a parede, segurando seus braços com força, até que ela não teve mais condições de segurar e o barulho de vidro quebrando foi ouvido.

Os dois se entreolharam com ódio, mas o silêncio se manteve. Daniel sentia necessidade de dar umas boas palmadas em Nicole, para ver se conseguia colocá-la nos eixos, enquanto ela sentia um aperto em seu peito. Encararam-se mais uma vez e ao mesmo tempo, os olhos foram fechados e as bocas pressionadas.

Daniel soltou um rugido baixo, tendo a maravilhosa sensação de poder sentir novamente os lábios de Nicole. Eles eram tão cheios e convidativos, que era impossível não sentir vontade e desejo de beijá-la. Nicole desistiu de pensar de forma coerente quando sentiu o gosto da boca de seu amado. Fazia tanto tempo que não o beijava que podia escutar os coros de aleluia.

A mulher gemeu devagar, sentindo Daniel imprensando-a cada vez mais na parede. Ela sentia algo duro pressionando-a e sabia perfeitamente o que era. Era impossível não se movimentar, causando um atrito no sexo de ambos. As línguas dançavam em uma sincronia perfeita. O lábio inferior dele foi sugado com voracidade, enquanto ela puxava os cabelos macios de Daniel, sentindo os fios lisos sob seus dedos. Sem conseguir se controlar, ele jogou-a com força no sofá, sem nenhuma delicadeza.

As bocas voltaram a se encontrar até o fôlego ficar escasso, as mãos passeavam pelos corpos um do outro, ainda cobertos. Sem paciência, Daniel rasgou a camisa de Nicole com brutalidade, gemendo de satisfação, vendo os seus seios apetitosos. Sua boca salivou, desejando ter aqueles montes em sua boca. Primeiro, acariciou os dois, tendo o prazer de ver sua mulher jogar a cabeça para trás, tamanha a entrega. Não demorou muito para ele conseguir o que queria. Sugou, mordeu e chupou toda a extensão do seio de Nicole, dando atenção para os dois. Enquanto um estava na sua boca, o outro estava em sua mão, ele acariciava e apertava suavemente.

CAPÍTULO 14

Oliver não tardou a ligar para Heloise, informando o que estava acontecendo. Sem demora, ela largou tudo o que estava fazendo e foi para o apartamento dele. Com o bebê em seu colo, ela estava radiante. Ele era tão lindo! Mal esperava para ter o seu próprio. Heloise sorriu boba, agora por causa de outro motivo.

O beijo trocado com Oliver havia sido inesquecível. Ela “agradeceu” por Nicole estar no mesmo carro que eles na volta, porque senão... Não sabia se seria capaz de se controlar, tinha quase certeza de que o agarraria ali mesmo. Mas que culpa ela tinha? Nenhuma. Afinal a culpa toda era dele, isso sim! A fizera esperar por um ano.

Heloise ansiava pela ligação do amado. Havia passado a noite toda cabisbaixa. Por que ele não aparecia? Uma ligação, mensagem... Ao se deitar na noite anterior, não conseguiu dormir, pensando no beijo trocado.

— Fiquei surpresa por você ter me chamado para seu apartamento — comentou, brincando com a palma da mão de seu sobrinho, como quem não quer nada.

— Acredite, eu também estou — respondeu sincero e mesmo sem entender exatamente o que ele queria dizer com aquilo, ela deu um sorriso fraco.

— Então por que me chamou? — Heloise não desistiria tão fácil. Depois de todo aquele tempo, nunca havia tido uma chance como aquela, ela não iria perder aquilo por nada.

— Porque eu gosto da sua presença — foi sincero novamente.

— Se arrependeu sobre ontem? — perguntou na lata, levantando seu olhar para ele.

— Não. Jamais iria me arrepender.



As carícias e chupões continuavam sem parar. Daniel enlouquecia vendo os sinais de prazer na face de Nicole. Ele sabia que a levava para o céu, assim como ela o levava também. Seu pau doía, implorando por atenção dentro da calça,

porém ele sabia esperar.

Um gemido alto saiu da boca de Nicole quando Daniel mordeu seu bico do peito. Foi uma mistura de dor e prazer, mas ela não reclamaria, estava adorando. Assim como ele, estava morrendo de saudades de fazer amor. Se é que o que eles estavam fazendo no momento poderia ser denominado de amor. Não era. Era um sentimento de posse, saudade, renúncia, rancor e raiva. Muita raiva entre os dois.

A língua quente dele desceu, beijando e mordiscando a pele branca e macia dela. Sem mais delongas, a deixou completamente sem roupa, tendo a maravilhosa visão de seu belo corpo. Sua gravidez não interferiu em nada, ela continuava maravilhosa.

Soprou a carne inchada, antes de finalmente beijá-la. Oh Deus, como ele sentia falta daquele gosto. Do gosto maravilhoso que só a sua mulher tinha. Era perfeita. Intercalava lambida e sucção em seu centro molhado. Parecia que nunca teria fim, Daniel a limpava com a língua e ela continuava a ficar molhada. Era impossível não ficar excitada com Daniel Campbell lhe chupando daquela maneira. Quando ela chegou ao seu limite, um gemido alto escapou de seus lábios sem que ela percebesse. Sentia seu corpo todo tremer.

Quando se recuperou, abaixou o olhar, encontrando Daniel ajoelhado no meio das suas pernas. Seu olhar era desejoso e ela ficou molhada novamente. Não por obrigação, e sim porque desejava, inverteu a posição. Daniel já se encontrava totalmente nu e seu sexo rígido apontava para ela, em uma chamada silenciosa por atenção. Nicole não se fez de rogada. Primeiro lambeu a cabeça, logo em seguida todo o comprimento dele. Daniel fechou os olhos, tomado pelo prazer que só ela conseguia dar. Quando sentiu a boca quente da mulher em seu membro, foi o estopim. Ela sugava rapidamente e logo em seguida parava, atormentando o pobre homem que já não aguentava mais. Não demorou muito tempo, ele chegou ao êxtase, gritando o nome de Nicole com tanto vigor que era impossível conter.

Quando a respiração de ambos se estabilizou, as bocas se encontraram ávidas. O gosto dos dois se misturava e era maravilhoso. Voltando à posição anterior, Daniel ficou por cima, beijando os seios da sua amada, os ombros, o pescoço e o que mais conseguisse alcançar. Foi inevitável o gemido de ambos, quando o membro dele roçou na entrada dela, causando um atrito delicioso. Com sofreguidão, ele entrou no sexo quente e apertado de Nicole.

Oh Deus, aquele era o melhor lugar do mundo, pensou. Nicole gemia baixo, mordendo o lábio inferior, tentando não fazer barulho. O movimento começou lento e logo tornou-se rápido. Os dois precisavam daquilo. O barulho e o cheiro de sexo preenchiam a sala. Daniel metia com força nela e ela jogava a cabeça

para trás, não conseguindo ficar quieta. O ritmo ganhava mais força com o passar dos minutos e logo os dois estavam chegando ao abismo, chegando ao limite do prazer. Sentiam no corpo todo um arrepio sobrenatural enquanto gritavam e gemiam o nome de cada um.



— Você acha que eles estão bem? — Oliver perguntou, visivelmente preocupado.

— Sinceramente? — Heloise ponderou sua resposta. — Não sei... Mas não se preocupe, eles podem ter essas... — procurou a palavra certa para falar —, desavenças... Se é que podemos chamar assim... Porém eles são adultos.

— Confesso que isso não me tranquilizou em nada — respondeu sorrindo de forma fraca. — Eu conheço a irmã que tenho... — Então sua face se tornou temerosa. — Eu só queria que as coisas fossem diferentes. — Sabia que sua irmã não estava feliz e ele sabia que só ela poderia sair daquela situação.

— Não fica assim, Oliver. — Ela colocou sua mão em cima da dele de forma amorosa, ainda segurando Anthony. — Eu tenho certeza que eles vão se acertar e tudo será resolvido. Cedo ou tarde.

Oliver ficou em silêncio por alguns minutos, até pegar seu sobrinho do colo de Heloise.

— Eles são minha única família. — Olhou carinhosamente para o bebê em seus braços. — Tenho medo que Nicole faça algo de errado e estrague as coisas para sempre... Não que ela já não o tenha feito.

— Você não está sozinho. — Ela se aproximou dele, ficando ao seu lado. — Eu sempre estarei aqui, não importa o que acontecer — declarou.

— Eu sei... — respondeu, olhando em seus olhos. — Obrigado por tudo Heloise. — Sem deixar a moça se pronunciar, colocou seus lábios nos dela, sentindo a mesma sensação da noite anterior. Ela foi pega de surpresa, porém nada reclamou.

Foi um beijo simples e singelo, porém representava muita coisa para os dois. Aquele definitivamente era o início de uma nova fase.

— Eu quero te contar uma coisa...

— Pode falar — ela respondeu curiosa, ainda um pouco ofegante.

— Eu nunca contei sobre a nossa história... — Suspirou. O coração de Heloise martelava com as palavras dele. — Nunca contei para ninguém. Nem

para você, nem Daniel, ninguém... Porém acho que é hora de você saber.

— Saber o quê? — Heloise mordia o lábio inferior, tamanha curiosidade.

— Sobre mim... Sobre Nicky... Sobre meus pais... Sobre tudo...

Já estava mais do que na hora de ele contar a verdade.

CAPÍTULO 15

Quando a respiração de Daniel voltou ao normal, sua ficha caiu gradativamente. Sua consciência alertava-o sobre o que acabara de fazer. Ele havia transando com Nicole. A mulher que ele deveria odiar e querer distância de si.

— Vá embora. — Não ousou olhar no rosto dela naquele momento.

— O quê? — Nicole não acreditava no que acabara de escutar.

Afastando-se dela, ele finalmente a encarou. Seu rosto parecia congelado, sem expressão.

— VÁ EMBORA, AGORA! — Levantou sua voz. — Se você acha que pode vir aqui, usar suas táticas sujas, seja tentando me machucar ou transando comigo, como se nada tivesse acontecido, você está muito enganada!

— Mas eu... — Sem reação, ela tentava procurar sua blusa para se cobrir, mas a mesma encontrava-se rasgada.

— Não pense por um só momento que esse sexo meia boca de agora vai me fazer mudar de opinião. — Ele queria machucá-la. Causar qualquer tipo de dor nela. — Isso não significou nada para mim.

Com fúria nos olhos e com um resto de dignidade, Nicole pegou a blusa mesmo rasgada, tentando cobrir-se da maneira que podia e encontrou seu casaco ainda no chão. Pegou sua bolsa e foi em direção à porta, não antes de pronunciar com raiva:

— Eu odeio vocês e se achei em algum momento que poderia perdoá-los, eu estava errada.

Saiu, deixando para trás um Daniel sem entender suas palavras.



Heloise segurava novamente seu sobrinho no colo, enquanto escutava atentamente Oliver se pronunciar.

— Minha família era composta apenas por mim, Nicole e nossos pais. Nós morávamos em um lugar simples e um pouco afastado da cidade, nós éramos... — procurou a palavra certa —, como eu disse... simples. — Sorriu sem graça

recordando da sua infância. — Mas então meu pai perdeu o emprego e minha mãe não trabalhava, apenas fazia uns bicos de vez em quando. Havia duas crianças em casa e era impossível que ela trabalhasse em tempo integral...

Heloise lhe deu um olhar significativo em forma de apoio, o incentivando a continuar.

— Com isso as despesas só aumentaram... Até que meu pai teve que pegar dinheiro com gente barra pesada e é óbvio, o que poderia acontecer? — perguntou de forma retórica e sem humor. — Ele não teve como pagar e, como solução, precisou vender a nossa casa... Você consegue entender Heloise? — Seu olhar era triste. — Era a única coisa que nós tínhamos, que era realmente nossa... E ele vendeu. Mudamos para outra cidade, outra maior, em uma tentativa de uma vida melhor... E até que conseguimos, se posso assim dizer... Richard, meu pai, conseguiu um emprego, e nossa mãe ainda cuidava da gente, é claro. Em certo ponto da história, estávamos morando em um apartamento pequeno e meu pai com vício em bebida. O que não ajudava muito a situação...

— Seu pai sempre bebeu? — Heloise perguntou curiosa e com o coração na mão escutando a história de Oliver.

— Não... Ele era um homem bom, apesar de que... — Ponderando suas palavras, decidiu continuar com o rumo que terminaria aquela frase.

— Apesar de quê? — Heloise não segurou a pergunta.

— Ele nunca foi muito amoroso comigo... Sempre preferiu a Nicky... E não, Heloise, não era mero ciúme de criança, era a verdade. Eu nem sei o que seria de mim se não fosse minha mãe. Era ela que sempre estava comigo, em todas as horas, fossem boas ou ruins. Ela me apoiava, me incentivava. Richard não era mal, não era. Ele só preferia a Nicky, ela era a sua princesa. Eu era criança e todas as noites antes de dormir, pedia ao papai do céu para que meu pai gostasse ao menos um pouco mais de mim.

Uma lágrima caiu do rosto de Heloise, ela era muito emotiva. Oliver secou o rosto dela, sabendo que devia aquela história a ela. Ela merecia saber.

— Minha mãe dizia que aquilo era coisa da minha cabeça, mas eu sabia que era mentira. Ela sempre supriu a falta que ele fazia. Então era assim, eu apegado à minha mãe e Nicky ao nosso pai... — Suspirou sem vontade, perdido em pensamentos. — Voltando à história... Seus pais com...

— O quê? — interrompeu. — Você conheceu meus pais? — perguntou, inquieta.

— Não exatamente... — explicou, passando a mão na cabeça. — Seu pai, quero dizer, comprou a nossa casa. — Heloise abriu a boca em choque. Jamais

passara aquilo pela sua cabeça. — Havia petróleo naquele lugar e seu pai estava ganhando muito dinheiro, enquanto nossa família passava necessidades. Quando meu pai descobriu... Ele simplesmente ficou louco. Foi atrás do seu pai e tudo mais...

— O que aconteceu depois? — Olhava esbugalhada para ele.

— Eles morreram. — Soltou a bomba. — Depois de voltarem da casa de seus pais... Ele havia ido muitas vezes à empresa e não dava nada em nada. Certa noite ele chegou transtornado em casa... Haviam expulsado ele de lá. Richard estava possesso da vida e, sem pensar duas vezes, pegou o carro e foi em direção a onde vocês moravam. Minha mãe, é claro, vendo o estado dele, o acompanhou, nos deixando sozinhos em casa... E eles nunca mais voltaram. — O silêncio se fez presente após isso, os dois se olhavam, mas nada diziam.

— Eu nunca imaginei... Eu nunca... — Heloise tentava falar.

— Richard sempre jurou vingança à sua família e após a morte deles, Nicole tomou suas dores... — O olhar de Heloise ficou enorme e ela abriu a boca diversas vezes sem conseguir se pronunciar. — Eu nunca achei que a culpa tivesse sido deles. Nunca. Mas Nicole era, e é, totalmente diferente de mim. Richard colocava coisas na cabeça dela, e isso me deixava puto da vida. Éramos apenas crianças e ela cresceu com isso. A culpa havia sido dele. Se tivesse parado com o vício da bebida, não teríamos tantos gastos e conseguiríamos nos manter. A gente nunca precisou de luxo, mas Richard se acabou e acabou nos destruindo também. — Oliver respirou fundo, prosseguindo com a história. — Com isso, eu perdi não só minha mãe, como também a Nicky. Ela nunca mais foi a mesma depois disso. Ficamos um tempo em um orfanato, e depois uma tia distante apareceu e nos levou para morar com ela. Seu nome era Mary, e graças a Deus ela era uma boa pessoa. Só que isso nunca bastou para Nicole. Ela sempre voltava a insistir nesse assunto... Brigamos milhares de vezes, até decidirmos não falar mais na tal vingança de nosso pai. Não valia a pena. Eles estavam mortos e não iriam voltar. Éramos eu e ela contra o mundo.

— Eu estou aqui por você — Heloise segurou a mão dele novamente. Anthony atrapalhava a bolha do casal, chamando a atenção dos dois para si. — Você quer ir para o titio, quer? — perguntou meiga, olhando o bebê. Oliver segurou o sobrinho, deu um beijo molhado em sua bochecha e o pegou em seu colo.

— Anos depois veio a descoberta... Ela estava se vingando — continuou. — Eu achava que ela já tinha superado, que ela tinha passado por cima desse pensamento, mas não... Ela havia se aproximado do seu irmão e bom... O resto você já sabe.

— Mas ela o ama — comentou na inocência.

Heloise não sabia o que pensar. Estava tão confusa. Jamais imaginaria aquilo. Se não fosse Oliver contando, com certeza diria que aquilo era piada ou uma brincadeira de mau gosto. Nunca passara pela sua cabeça por um segundo sequer tudo que Oliver havia acabado de lhe confidenciar. Seus pais... Oh seus pais, eles eram tudo para ela também. Apesar de ser muito pequena na época de suas mortes.

— Você entende tudo agora? — perguntou o homem chamando sua atenção.

— Sim — sua voz não passou de um sussurro. Ela entendia sim, porém não compreendia.

Sem pensar duas vezes, ela se atirou nos braços dele. Que teve que se apoiar bem já que estava com seu amado sobrinho no colo.

— Heloise — chamou-lhe a atenção, mas não estava zangado.

— Oh desculpe — murmurou olhando para o pequeno. — É tudo tão confuso... Tanta informação... Vocês devem ter... — Parou sua frase com a voz fraca. — Sofrido tanto. Em um orfanato... Meu Deus... Eu queria... Oh desculpe. — Se recompôs sentando-se no sofá.

— Isso não me afeta mais desse jeito, não se preocupe. Eu só me preocupo com a minha irmã. Aquela cabeça dura. — Sorriu, para amenizar o clima. — Ela poderia ter uma vida diferente agora. Poderia ter feito tanta coisa e olha só... Olhe onde estamos. Não estou reclamando em relação a Anthony, eu já amo meu sobrinho, mas Nicole poderia ter outro caminho traçado agora. Pelo menos teve algo bom nessa história...

— O quê?

— Você — respondeu, selando os lábios dela com os seus.

CAPÍTULO 16

Nicole voltou ao apartamento do seu irmão com a raiva queimando em seu peito. Sentindo-se usada e magoada. Queria gritar a plenos pulmões e extravasar toda sua raiva. Com os braços enrolados sobre si no taxi, ela tentava ajeitar a blusa rasgada em seu corpo do jeito que podia e por cima seu casaco, já que havia sido expulsa por Daniel, como se fosse um cachorro.

Como era tarde da noite, pediu ao porteiro, que a olhava discretamente, curioso com a situação, para chamar um taxi. Por todo o caminho ela não pronunciou uma palavra.

Quando entrou, encontrou Oliver e Heloise juntos a seu filho. Heloise lhe deu um olhar indecifrável, igual ao do seu irmão, mas isso não era algo que ela estava interessada em se preocupar no momento. Queria matar Daniel.

Foi ao seu quarto, não se comunicando com nenhum dos dois, indo direto em direção ao banheiro. Ligou o chuveiro, descartando a banheira. Ela precisava se limpar. Precisava sentir que estava limpa.

E a cada vez que esfregava com força seu corpo, prendia sua respiração, tentando controlar os soluços que queriam insistir em sair de dentro de si. Vendo que os minutos iam passando e nada tirava aquela sensação angustiante que estava sentindo, ela foi escorregando devagar, até chegar ao chão, deixando a água quente escorrer pela sua cabeça, enquanto olhava para o vazio à sua frente.

— Você pode nos deixar a sós? — pediu Nicole, tentando controlar sua voz, um pouco mais calma que antes. Ela havia colocado Anthony para dormir e estava de volta à sala.

Heloise olhou para Oliver, que acenou com a cabeça, indicando que estava tudo bem. Sem mais delongas, ela se despediu dele e foi embora, ainda com as palavras frescas, que há pouco ouvira, em sua mente.

— Eu vou querer saber qual foi o motivo pelo qual você chegou naquele estado?

— Não adiantou Oliver. — Encarou o irmão com desespero, depois da saída da irmã de Daniel.

— Mas o que vocês conversaram? O que ele disse? Você contou a verdade?

— perguntou em um tom preocupado.

— Não... — Sorriu amarga. — Nós só brigamos... Nós só... — Levantou as mãos para o alto, gesticulando. — Eu não sei o que fazer irmão. — Seus olhos começaram a lacrimejar.

— Nicole, eu preciso ser sincero com você... — Oliver segurou as duas mãos da irmã, fazendo-a encarar-lhe, sério. — Como advogado, eu preciso ser sincero... Eu preciso que você entenda as consequências dos seus atos... O que você fez é considerado crime, Nicole. — Quis dar um choque de realidade nela. Torcendo para que caísse em si e visse a bobagem que estava fazendo. — Se Daniel usar o que você quis fazer a ele, em relação à empresa, no tribunal, você estará ferrada... Além de perder a guarda de Anthony, você pode ser presa...

— Não... Eu não... — Ela não conseguiu segurar suas lágrimas. — Mas eu não finalizei, eu não fiz nada. — O desespero tomou conta dela totalmente. — Ele não tem provas...

— Ele tem o áudio Nicky, de você confessando o que pretendia fazer e depois que você fugiu como uma criminosa e desapareceu do mapa, precisaria de mais provas? — Que Deus o perdoasse, mas ele estava fazendo terrorismo com sua irmã sim.

— Daniel não faria isso Oliver, eu tenho certeza. — As palavras saíram de sua boca sem convicção.

— Não faria? — perguntou. — Não é o que essa carta de custódia que você recebeu afirma.

— Eu tentei falar com ele...

— Você tem certeza que realmente tentou falar com ele? — Puxou pelo bom senso. — Que você fez o possível para fazê-lo entendê-la? Isso não é mais só sobre vocês dois Nicole. Há uma criança no meio. Se você não pensa nas consequências dos seus atos para si, pense no seu filho. No que pode causar a ele. Você quer mesmo isso para Anthony?

— E o que você quer que eu faça Oliver? Me fala! — perguntou, secando algumas lágrimas que caíam em seu rosto.

— Conte a verdade Nicky... Eu tenho certeza que ele vai entender! Deixe toda essa mágoa que tem dentro de você para lá. De que adianta remoer o passado? Não vai trazer nossos pais de volta. Não vai mudar o que a gente passou. Tira isso da sua cabeça, porque vingança nunca fez bem a ninguém.

— E o nosso pai, Oliver? E a promessa que eu fiz a ele? — Pela primeira vez na vida, Oliver viu sua irmã falar tão abertamente sobre aquele assunto com ele. Expondo realmente o que ela sentia.

— Eu tenho certeza que o que ele mais queria era que você fosse feliz! — Olhou dentro dos olhos de Nicole, falando com tamanha convicção que era impossível não acreditar em suas palavras. — E você tem essa chance agora. Uma chance real. Você, Daniel e Anthony.

— Ele não quer me ver nem pintada de ouro...

— O que você esperava que ele fizesse Nicole? Que ele te encontrasse de braços abertos em uma recepção calorosa? Você acabou com ele! Já imaginou o que ele sentiu quando descobriu a sua traição? De como ele ficou tentando te achar esse tempo todo, sem nenhuma notícia? De como foi saber que ele tinha um filho no qual nunca teve conhecimento? Se eu, como seu irmão, me senti extremamente traído, imagina ele, que é o pai.

— Eu não ia ficar escondida para sempre. — Tentou se justificar.

— Até quando, então? Quando Anthony estivesse mais crescido? Quando ele estivesse na escola? Talvez quando tivesse sua primeira namorada? — Oliver estava jogando todas as cartas que podia. — Nicole, se você não quer perder seu filho, eu aconselho que seja sincera com Daniel. O mais rápido possível.



Semanas haviam se passado, desde aquela fatídica noite. Todos os dias Nicole dormia e acordava lembrando do que havia acontecido. Seu contato com Daniel havia sido cortado pela raiz, ele não queria saber dela. Nem ouvi-la e nem vê-la.

Foi com uma forte dor no peito que ela entregou seu filho para seu irmão levar para seu amado. Isso havia sido logo após ela chegar à casa de Oliver, e suas mãos tremiam cada vez que arrumava a bolsa com todos os produtos que seu bebê precisava para levar ao pai. Encontros esses que aconteciam com frequência e ela nunca esteve presente. Ela ansiava para ver uma cena entre seu filho e Daniel, mas até então toda ligação entre os dois era feita pelo seu irmão, que sempre a mantinha informada dizendo o quanto o amigo ficava radiante em poder estar com seu filho.

Nicole pensou em deixar a poeira abaixar e tentar uma trégua com ele, mas Daniel estava irredutível e passou a informação a Oliver, que se Nicole insistisse em ir novamente a seu apartamento, com as intenções daquela noite, ele iria tomar as medidas cabíveis para mantê-la longe.

Quando Nicole recebeu essa notícia, ela chorou a noite toda, não pregando o olho durante muitas horas. Ele estava dando o troco. Ferindo-a, e sim, ele

estava conseguindo.

Oliver tentava alertá-la sempre que podia, mas ainda assim, Nicole não dava o braço a torcer. Suas guardas estavam mais baixas, porém não destruídas. Foi com muito custo que Nicole aceitou outro advogado para representá-la. Naquele momento, independente do que acontecesse, ela precisaria de apoio e Oliver não teria como representar os dois papéis.

Inicialmente, Nicole ainda acreditava que Daniel pudesse desistir da ideia ou que ele estava fazendo aquilo apenas para assustá-la, que uma hora, quando sua raiva passasse mais, os dois poderiam conversar e resolver a questão da guarda. Porém, não foi isso que aconteceu e quando o dia acertado para a sessão judicial chegou, a ficha ainda não tinha caído.

Alguém precisaria cuidar de Anthony e como ela não queria deixar seu filho com uma babá desconhecida, havia ficado certo que Heloise ficaria com ele. A música baixa tocava no carro de seu irmão e a paisagem passava como um borrão para Nicole, enquanto eles percorriam as ruas de Nova York rumo ao tribunal.

Seus pés pesavam toneladas e a cada passo que ela dava ficava mais difícil. Suas roupas pretas demonstravam seu espírito interior. Ela estava quebrada. Massacrada. Dilacerada. Nem a maior dor física que sentira na vida poderia se comparar à dor emocional que ela estava sentindo, mesmo parecendo perfeitamente bem aos olhos das outras pessoas.

Quando seus olhos encontraram os de Daniel, que desviou rapidamente sua atenção para outra coisa sem importância, seu coração acelerou de forma frenética. Eles estavam tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe. Nicole queria correr em sua direção e refugiar-se em seu abraço, mas ela não poderia. Eles não eram mais nada um do outro, a única ligação que os unia era Anthony e ela sentia em seu peito, em seu instinto de mãe, que ela perderia aquela batalha.

Daniel encontrava-se a alguns metros de distância, vestido em um terno impecável e caro, várias pessoas estavam à sua volta. Todos sabiam quem era aquele homem e como ele era importante. O tamanho da sua fortuna, o trabalho que ele fazia. Ela reconheceu de longe um advogado que trabalhava na empresa, seu nome era James e ele encontrava-se ao seu lado, ditando algumas palavras discretamente em seu ouvido e olhando para sua direção. Quando Daniel não se deu ao trabalho de olhar para lhe encontrar, o mundo de Nicole desabou de vez. Ela sentia-se sufocada. Sentia-se como se não conseguisse respirar e estava a ponto de desmaiar a qualquer hora. As mãos de Oliver seguraram as dela, demonstrando seu apoio.

— Talvez a gente possa ganhar Oliver, não é? — Olhou para seu irmão, sentindo suas mãos tremerem sob as dele, sem conseguir se controlar. — Esse seu amigo é um dos melhores advogados também. — Os olhos de Nicole até brilharam com esperança.

— Não. — Foi sincero, acabando com a expectativa dela na mesma hora. — Você não tem chance, não consegue perceber? Daniel é um cara milionário, dono de uma das maiores empresas de petróleo. Você vai ser vista apenas como uma secretária qualquer, que teve sucesso fisgando o patrão e tentando dar um golpe, e quando ele descobriu que você queria apenas passar a perna nele, fugiu da noite para o dia, largando a universidade e o trabalho. Ainda por cima ficou em uma cidadezinha trabalhando temporariamente como garçonne, com medo que ele descobrisse e para piorar, teve um filho dele e durante todo esse tempo, escondeu esse fato. Agora me responde... Quem você realmente acha que ganha essa, Nicky?

CAPÍTULO 17

Nicole parou de respirar na mesma hora, sentindo o impacto das palavras de Oliver. Ela levantou-se indo em direção a Daniel, ouvindo seu irmão chamá-la atrás de si, mas ela não conseguia responder. Seus pés moviam-se naquela direção sem que conseguisse racionar o que estava fazendo. Sem falar uma palavra, ela enfiou-se entre as pessoas, sentindo olhares sobre si e puxou Daniel pelo braço, sentindo uma descarga elétrica percorrer seu corpo. Afastando-se das pessoas, ela não parou até encontrar um lugar vazio.

— Creio que eu deixei bem claro que não queria conversar com você. — As palavras duras e frias de Daniel a acertaram em cheio. Onde estava aquele homem que a amava? Que a olhava com paixão e ternura? Que lhe fizera juras de amor no passado?

Ela havia escutado mil vezes que havia realmente destruído Daniel. E apesar de se sentir culpada em todas elas, Nicole não conseguia enxergar o quão mal havia causado para aquele homem. O quão profundos haviam sido os machucados que ela deixara em Daniel. Alguém que a amou desde o início, que a apoiou, que a aceitou do jeito que ela era.

Ela não conseguia mais enxergar aquele brilho no olhar que ele sempre tinha. Sentiu Daniel se entregando na última vez que eles haviam ficado juntos, mas com rapidez se esvaiu assim que o momento acabou e ele a olhava de outra forma.

Olhando para ele, cara a cara, ela olhou para trás. Refletiu sobre seu passado. Lembrou-se de sua promessa. Lembrou-se do seu pai mais uma vez. Era vingança que ela queria, não era? E apesar do plano não ter funcionado perfeitamente como ela havia planejado, ela acabou conseguindo. Mas havia valido a pena?

— Eu estou implorando Daniel. — O pedido foi sincero. — Eu tenho consciência de tudo que eu te fiz. — Ela nunca havia chorando tão desesperadamente como naquele momento. — Eu te peço perdão. — As palavras eram sinceras, mas Daniel continuava com sua máscara de indiferença para ela. — Eu não tenho como desfazer o que está feito, também não tenho como voltar no tempo. Não posso dizer que me arrependo cem por cento de tudo que fiz, porque chegar até onde estamos, me trouxe um presente maravilhoso...

Meu filho... Nosso filho. E ele é a coisa mais importante da minha vida. Eu sei que você tem todos os motivos do mundo para me odiar, mas não tire ele de mim, por favor. — O silêncio tomou conta do ambiente e Daniel continuava olhando-a sem reação. — Eu estou implorando Daniel. — As palavras saíam com dificuldade.

— Você quer que eu simplesmente cancele o julgamento e esqueça tudo que você me fez? — Com as mãos no bolso da calça, sua postura era impecável, mas ele estava destruído por dentro também.

Naquela última noite com Nicole em seu apartamento, Daniel viu sua atitude apenas como mais um jogo. Ela estava manipulando-o novamente. Primeiro chegou atacando-o fisicamente e depois, mesmo tendo consciência de que havia participado, usou seu corpo para manipulá-lo mais uma vez. Com uma raiva descomunal, que ele não sabia de onde vinha, expulsou Nicole. Ele não conseguia olhar para ela. Não conseguia esquecer-se de tudo que ela havia causado e agora ela estava ali, em seu ambiente particular, debochando dele, que caiu como um pateta em sua armadilha.

Depois disso, ele havia voltado ao seu antigo estado, apenas no automático. Dormia e acordava, indo apenas ao seu trabalho. Seu único momento de felicidade era quando seu filho ia visitá-lo, aquele serzinho havia roubado seu coração de uma maneira inexplicável e era dever dele tomar conta de Anthony e fazer tudo de melhor para ele.

Sem dizer mais nada, Daniel lhe deu um último olhar e deixou Nicole estupefata. Ele apenas foi embora, deixando-a sozinha e em prantos.

Não havia adiantado.

Apesar de tudo que ela havia dito, Daniel não desistira da sua decisão. Agora o jogo havia virado e quem havia sido destruída, era ela.



Demorou para que Nicole voltasse para o lugar onde estava, ainda com o rosto inchado de tanto chorar. Ela havia ido ao banheiro para tentar dar um jeito no rosto, porém era notável seu estado. Oliver a esperava ansiosamente, mas ao ver a fisionomia da irmã, soube que nada tinha mudado.

Daniel voltou para o mesmo lugar de antes, novamente falando com seu advogado. Nicole, de cabeça abaixada, olhou o relógio em seu pulso. Eles haviam chegado com muito tempo de antecedência e por isso ela ainda teria uma hora para esperar. A hora mais longa dos últimos tempos.

Oliver sentia o corpo da irmã sacolejar um pouco, tentando não chorar na frente de todas aquelas pessoas. Ele se sentia inútil. Não pôde ajudar nem a sua irmã e nem ao seu amigo. Achou realmente que não chegariam até aquele ponto, mas chegaram.

Quando era hora, Oliver foi o primeiro a se levantar, ajudando Nicole a fazer o mesmo e a se dirigirem para dentro do tribunal. Quando os minutos se passaram e eles não foram chamados, ele estranhou. James, seu amigo advogado, vinha com novos papéis nas mãos e ele soube que havia algo de estranho.

— Ótimas notícias. — O homem chegou com um sorriso aberto. — O pedido de guarda foi retirado.

— Não entendi. Você pode repetir? — Nicole reagiu de imediato.

— O senhor Campbell retirou o pedido. — Noticiou novamente.

Nicole olhou para Oliver, que lhe deu um abraço forte, sussurrando palavras de conforto e beijou sua testa de forma amável. Ela fechou os olhos por um instante, não acreditando que o pesadelo havia acabado. Ela quase chorou de felicidade, mas ao sentir um perfume conhecido, abriu os olhos na mesma olha.

Em sua frente estava Daniel, ainda inatingível.

— Nem por um momento ache que isso foi por você. — E, sem mais palavras, foi embora novamente.

CAPÍTULO 18

As vezes em que Oliver tentou fazer Daniel falar com Nicole eram incontáveis, mas com uma determinação implacável, ele resistiu. Seria melhor assim. Ele perdia o controle toda vez que estava perto daquela mulher e ele não queria ser feito de trouxa novamente. Depois de chegar a forçar a entrada de onde ele morava, Oliver não falou mais sobre o assunto.

Olhando-a agora em sua frente, ele pensou em seu filho e em como foi difícil crescer órfão e com mais duas irmãs mais novas. Ele queria isso para seu filho? Queria entrar em uma batalha judicial com ele tão novo assim? Fazê-lo perder aquele contato que Anthony tinha com sua mãe? Ele era apenas um bebê ainda e Daniel sabia que com toda certeza conseguiria a guarda dele, porém seu filho ainda mamava e apesar dos pesares, Nicole era sua mãe.

As palavras que ele havia pronunciado há pouco tempo, eram reais. Ele estava fazendo o melhor para Anthony, mesmo que para isso ele tivesse que ficar perto de Nicole. Aquilo era ser pai, não era? Colocar a felicidade do filho acima da sua em todos os momentos?

Quando Nicole o pegou pelo braço no tribunal, ele sentiu seu sangue ferver. O que mais aquela mulher queria com ele? Quando se deparou com a mãe do seu filho, ali parada, implorando para que ele não tirasse Anthony dela, Daniel percebeu a gravidade dos seus atos.

Sua real vontade era fazer Nicole sofrer e pagar por tudo que ela causou, e não haveria maneira melhor que aquela. Porém aquilo não era o melhor para Anthony. Então sim, depois de vê-la implorando ele havia desistido de tomar a guarda de seu filho para si. Mas ele não estava disposto a perder Anthony por isso.



Por que Daniel havia feito aquilo? Essa era a pergunta que não saía da cabeça de Nicole. Ele tinha o poder de destruí-la, mas não fez, e ela não sabia o que pensar sobre isso. Se a guarda do filho fosse tirada dela não sobraria nada. Ela morreria se não tivesse Anthony ao seu lado para apoiá-la.

Ainda se lembrava do olhar de raiva que Daniel lhe lançou antes de sair,

mas não podia deixar de se perguntar porque ele havia desistido de tirar seu filho.

Antes que pudesse parar os próprios pés, Nicole se viu andando até a porta, e mesmo que sua cabeça gritasse para que ela não fizesse isso, seu coração pulava no peito, como um bobo sabendo que o veria novamente.

Sem dar maiores explicações, Nicole saiu em direção à rua, entrou no primeiro taxi que encontrou e pediu para que se dirigisse o mais rápido possível para o endereço que ela forneceu. Momentos depois, ela estava parada na porta da casa dele mais uma vez. Seu coração batia acelerado no peito e tentando se controlar, respirou fundo antes de bater na porta.

A surpresa por vê-la na porta do seu apartamento fez Daniel prender a respiração e isso não passou despercebido para ela. Era como se ele não pudesse mais aguentar sustentar a máscara que havia criado quando estava na sua presença.

Sem dizer uma palavra, Nicole passou por ele, indo na direção da sala e virou-se para encará-lo. Ele ainda estava vestido de terno, como no tribunal, mas as mangas estavam arregaçadas, e seu cabelo bagunçado como se tivesse passado as mãos muitas vezes por ele.

Daniel apenas ficou parado no meio da sala, seu corpo irradiando tensão, mas ele simplesmente não disse mais nada. Nicole engoliu em seco e por alguns segundos vislumbrou a possibilidade de ir embora e adiar aquela conversa.

— Você não pode vir a hora que quiser ao meu apartamento, Nicole. — Começou a falar cheio de raiva. — Existe uma invenção chamada celular e a partir de agora, se quiser falar comigo, sobre qualquer coisa referente ao NOSSO FILHO será por lá que iremos conversar. Não quero mais olhar para essa sua cara.

No momento em que Daniel disse essas palavras, Nicole sentiu uma tristeza profunda invadir seu peito e, para se proteger, cruzou os braços à frente do peito.

— Eu só queria entender uma coisa.

Uma risada meio histérica irrompeu dos lábios de Daniel, que pareceu não acreditar no que estava ouvindo.

VOCÊ quer entender, Nicole? VOCÊ QUER ENTENDER? Estou tentando TE entender desde que descobri que a mulher que eu amava estava tentando me roubar. Desde que você saiu da minha vida e desapareceu sem me dar a porra de uma explicação do que estava acontecendo.

Nicole o fitava atônita com a raiva que via nos olhos dele e por mais que uma parte sua ainda quisesse vingança, uma outra parte começava a querer ceder

e apenas viver o amor que sentia por ele. Em nenhum momento desde sua partida, o amor que ela sentia por aquele homem havia mudado. Ela ainda o amava desesperadamente. Mas e se fosse tarde demais?

E se nesse um ano separados, Daniel tivesse conhecido outra mulher? Essa ideia havia passado por sua cabeça diversas vezes, mas ela tentava a todo custo apagar esse pensamento dentro si. Talvez aquele fosse o real motivo de ele estar tão bravo por ela ter ido ao seu apartamento sem avisar, afinal ele disse à mulher que ‘eu amava’.

— Você está sozinho aqui? Ou estou atrapalhando algo? — Mesmo que não quisesse e não tivesse direito de sentir ciúmes dele, ela sentia e esse sentimento ameaçava fechar sua garganta e deixá-la sufocada de tanta raiva.

— Que direito você acha que tem de vir na minha casa e me perguntar uma coisa dessas? — indagou. — Vá embora, Nicole. E não volte aqui nunca mais sem meu consentimento! — ele falou cada palavra pausadamente. Dando um passo ficou com o corpo parado a centímetros dela, que tremia com a sua aproximação.

— Eu não vou embora até que você me responda. Você está com alguém? — exigiu saber, mesmo que seu coração estivesse chorando com tal possibilidade. — Eu não quero meu filho perto de qualquer uma.

— Nicole, eu também quero saber um monte de coisas, mas você não me responde nenhuma, então estamos empatados. Agora, por favor, vá embora!

E antes que pudesse frear a língua, Nicole disparou.

— Certo, Daniel. Então chegou o momento. — Sentia perder Daniel entre seus dedos a cada minuto que passava. Em mais um ato desesperado, ela pronunciou: — Eu respondo o que você quiser saber, se você responder as minhas perguntas também.

— Eu posso perguntar qualquer coisa? — Cético sobre o acordo Daniel indagou.

— Sim.

E você responderá as minhas primeiro?

— Okay.

— Mas eu tenho mais uma regra.

Assim que Daniel falou, Nicole ergueu uma sobrancelha, mostrando que estava desconfortável com a situação.

— Qual? — perguntou. Suas mãos suavam frias naquele momento.

— Não quero mentiras! NENHUMA MENTIRA! — Os olhos dela se

arregalaram e ele percebeu. — Ou será assim, ou nunca mais volto a falar com você! Te dou a minha palavra quanto a isso.

Ela apenas acenou com a cabeça, com medo de confiar na própria voz.

— Temos um acordo, Nicole? — perguntou, ainda sem saber onde aquilo poderia chegar.

— Sim, temos. — Aquele momento seria decisivo para o futuro dos dois. E ela esperava que pelo menos uma vez, ela não estragasse tudo.

Durante alguns segundos ninguém falou mais nada. Os dois, com a respiração entrecortada, não deixavam os olhos se afastarem.

— Quero saber o que você veio fazer aqui. — Daniel não fazia questão de mostrar empatia.

No fundo, Nicole sempre soube que um dia eles conversariam sobre tudo. Mas, mesmo que ela soubesse disso, seu coração batia acelerado no peito e tudo o que ela mais queria era não ter saído de casa.

— Eu queria falar com você. — respondeu sincera.

— Isso eu consegui entender, só não entendi o que você queria falar comigo.

Os olhos dela marejaram e ele sentiu dentro do peito o quanto doía magoar a mulher da sua vida. Mesmo que ela merecesse. Sua postura continuava rígida, tentando passar uma seriedade que ele não tinha.

— Por que você não foi adiante com o processo? — Ela realmente não sabia aquela resposta.

— Porque ele é meu filho, Nicole. Ele é a minha vida agora, e ao pensar em tirá-lo de você, soube que isso o faria infeliz. E isso é a última coisa que eu quero.

Ela se emocionou, mas tentou de tudo para não demonstrar, o que era impossível naquela situação.

— Quem era aquele homem que encontrei sem camisa e com meu filho no colo na sua casa?

Essa era a última pergunta que ela esperava ouvir dele.

— Um amigo. — Foi sincera.

— Apenas isso? — Daniel perguntou em uma voz perigosamente baixa.

— Só isso. Eu juro — ela respondeu, querendo que ele entendesse que depois de estar com ele, nunca mais ficou com homem nenhum. Ela queria falar muitas coisas, mas não sabia como pôr em palavras tantas emoções e conflitos, então faz a pergunta que estava entalada em sua garganta.

— Você está com alguém?

Um pequeno sorriso irônico despontou nos lábios de Daniel, fazendo-a suspirar baixinho, ao mesmo tempo em que se recriminava mentalmente por se importar tanto.

— Não, não estou com ninguém.

Eles continuaram se encarando e o ar do lugar parecia ter parado de rodar.

— Você teria coragem de me roubar, Nicole?

Ela prendeu a respiração com a pergunta e ele suspirou alto quando achou que ela não iria responder.

— Provavelmente sim. — Ela não desviou o olhar. Nicole não estava mentindo e ele sentia isso em sua resposta.

— E por que tudo isso? — Sua voz saiu seca.

— Eu acho... Achava que vocês teriam que pagar por todo o mal que nos fizeram.

— E qual foi o mal que eu te fiz? Me fala, Nicole. Me faça entender — esbravejou.

— Daniel, acho que não é o momento certo... Você não parece estar tranquil... — tentou se esquivar.

Como ele olharia para ela depois de saber a verdade? Esse era um dos seus medos.

— E quando vai ser o momento Nicole? Eu passei um ano, um maldito ano esperando para falar com você, para tentar entender tudo, mas até agora isso tudo me parece uma brincadeira de mau gosto. Então não venha me dizer que não é a porra do momento — falou ríspido.

— Daniel você não entende...

— Não me venha com essa de “você não entende” ou “você precisa entender meu lado”! Como eu vou entender se você não explica? Nicole, agora não somos só nós dois, tem uma criança envolvida, uma criança inocente que não pediu para nascer. Já que por nós você não é capaz de ser honesta, então seja por ele — falou, tentando ao máximo manter a calma.

— Não envolva meu filho nessa história, falando como se eu não fosse uma boa mãe...

— ELE JÁ ESTÁ ENVOLVIDO, NÃO TEM COMO SEPARAR NICOLE, E ELE NÃO É SEU FILHO É NOSSO FILHO — gritou, exaltado.

— VOCÊ NÃO ENTENDE TUDO O QUE EU PASSEI, VOCÊ NÃO SABE COMO TUDO ISSO FOI E AINDA É DIFÍCIL PARA MIM! —

Lembrar-se de seus pais trazia à tona o pior nela.

— ENTÃO ME EXPLIQUE, PORRA — gritou sem paciência, vendo-a olhar em direção à porta, como se quisesse ir embora. — Fuja, é só isso que você sabe fazer, fugir. Cresça Nicole e arque com as consequências de seus atos.

O sangue ferveu em suas veias, fazendo-a ficar cega de ódio, quem ele pesava que era para falar assim com ela?

— QUEM VOCÊ PENSA QUE É PARA FALAR ASSIM COMIGO? VOCÊ NÃO SABE O QUE EU PASSEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI, VOCÊ TEVE SUA VIDINHA PERFEITA, COM SEUS PAIS PERFEITOS E IRMÃS PERFEITAS, ATÉ QUE A VIDA LHE TIROU ELES. MAS TUDO NÃO PASSOU DE UM CASTIGO DIVINO, PORQUE GRAÇAS AO SEU MALDITO PAI EU PERDI OS MEUS — falou, apontando o dedo na cara dele.

— O quê? — perguntou incrédulo, sem entender nada.

— É ISSO MESMO, GRAÇAS AO SEU MALDITO PAI E SUA GANÂNCIA OS MEUS PAIS MORRERAM!

CAPÍTULO 19

— Eu quero toda a verdade agora Nicole Campbell. Eu exijo saber!!!

Os dois se encararam novamente. Suas respirações descompensadas era o único som ouvido na sala de estar.

A verdade havia sido revelada.

O que Nicole tanto escondeu havia acabado de vir à tona. Ela pensava em muitas coisas naquele momento. Pensava em como ele parecia acabado com suas palavras, em como sua pulsação estava acelerada, em como seria a convivência dali para frente. Pensava na promessa que fizera ao pai, mas também pensava em como Daniel havia sido íntegro ao não lhe tirar a guarda do seu filho, e este último pensamento a fez decidir ser verdadeiramente sincera naquela última conversa.

— Eu acho que não dá mais... — respondeu com dificuldade. Não sabendo exatamente o que não daria mais. As mentiras? As discussões? A falta de Daniel?

— Então comece a falar...

— Eu vim de uma família pobre... — Nicole sorriu de lado, em meio às lembranças. — Porém isso nunca afetou em nada... Ou quase nada, quer dizer. Nós éramos felizes. — Daniel vislumbrava um sorriso no rosto da mulher, que há tempos não era visto. — Então tudo começou a ficar mais difícil, entende?

— Difícil como? — interrompeu, ansioso para saber a história.

— O preço das coisas aumentava cada vez mais e então meu pai foi demitido. Eles não precisavam mais de seus serviços, pois seria substituído por máquinas. — Ela sorriu de forma irônica. — Minha mãe não trabalhava, fazia um bico aqui e ali... Mas nada que ajudasse muito. Meus avós? — perguntou retoricamente. — Jamais perdoaram a minha mãe por se casar com um pobre. Como já disse... As coisas ficaram difíceis... — Ela faz uma pausa, tentando se recuperar. — Então tivemos que vender a casa, porque... — Nicole fechou os olhos, com vergonha de admitir o que viria a seguir. — Meu pai começou a beber... Sentia-se triste. Menos homem por não conseguir manter a casa, sua família... Ele estava devendo muito e havia pedido dinheiro emprestado a gente barra pesada, por isso precisou vender a casa — explicou-se.

Daniel olhava com pena para ela. Jamais havia imaginado que ela havia passado por aquilo.

— Nós mudamos para um apartamento pequeno em outra cidade. Meu pai até conseguiu arranjar outro emprego, mas continuava com a bebida... O que não ajudava muito nas contas. Pouco tempo depois... Veio a descoberta. — Seu olhar se tornou vazio. — Estavam lucrando milhões com as nossas terras, enquanto a gente passava necessidade. — Voltando à realidade, ela encarou Daniel. — O seu pai, estava lucrando milhões... às nossas custas — concluiu, com desprezo.

— E o que ele teve a ver com isso? Foi o seu pai que vendeu a casa! — respondeu indignado. Aquilo com certeza não havia sido culpa de seu amado pai.

— Não seja ingênuo, Daniel. — Sua voz era ácida. — Você acha que ele não sabia? É óbvio que sabia. Ainda enganou meu pai, fazendo-o vender nossas terras por um preço baixíssimo enquanto ela valia horrores. Se soubéssemos disso, jamais venderíamos. Mas é claro que seu pai não sabia, não é? — perguntou enfurecida. — Por que ele compraria uma casa no meio do nada sem segundas intenções?

— O que aconteceu depois? — Livrou-se da pergunta, tentando ganhar tempo. Ele estava atordoado.

— Meu pai tentou várias e várias vezes falar com seu pai e ele, óbvio, não queria assunto — respondeu ressentida. — Humilharam meu pai na sua maldita empresa. O meu pai era um homem honesto e batalhador, não merecia aquilo... — A raiva voltou com toda força em seu coração, lembrando-se do dia em que seu pai havia chegado de lá. — Em uma certa noite... naquele mesmo dia, quero dizer... ele foi na sua casa. Na sua maldita casa... Como ele já havia bebido, minha mãe com medo de que acontecesse o pior, foi com ele. Ficamos só eu e Oliver em casa... — Lembrava-se perfeitamente daquele dia.

Daniel suspirou com medo de ouvir o resto da história.

— Eu nunca soube o que aconteceu exatamente o que aconteceu dentro na sua casa... — As lágrimas começavam a molhar o rosto de Nicole. — Eu só sei que eles nunca mais voltaram. Algo aconteceu lá e eles sofreram um acidente na volta... — Ela chorava silenciosamente. — Eu vi o corpo deles queimando no maldito carro... — O coração dele se apertava vendo o sofrimento dela. — Eu era uma criança de sete anos e eu vi meus pais morrendo na minha frente e não pude fazer nada.

Daniel aproximou-se para tentar consolá-la, porém ela o parou com a mão.

Não precisava da pena de ninguém.

— E eu jurei me vingar — confessou, ainda com lágrimas nos olhos. — Oliver nunca defendeu o nosso pai... Ele não era muito apegado a ele, e sim, à minha mãe. Eu também era apegada a ela, mas... — Suspirou com pesar. — Meu pai era meu tudo. Ele era meu herói. Mesmo com todas as dificuldades ele nunca deixou de me amar, de me dar atenção. Ele era um homem bom. — O choro voltou com força. — Não era justo ele ter morrido!

— Nicole... — Daniel tentou encontrar as palavras certas.

— Meus pais morreram por culpa da sua família. Se não fosse a ganância de vocês, eu poderia ter os meus pais hoje comigo... Teria uma vida diferente... — Ela olhou para baixo, tentando conter as lágrimas. — Então fomos para um orfanato... E era simplesmente horrível! — Suspirou com as lembranças. — Até uma tia desconhecida ir nos buscar... Era irmã da minha mãe... Fomos morar com ela, mas não era a mesma coisa. Nunca seria. E como eu vinha dizendo, fiquei mais próxima ainda de Oliver... Que como um tolo, jogava toda a culpa para cima de nosso pai... Nós sempre brigamos por isso... Até que nossas brigas viraram constantes e decidimos não falar mais no assunto... E assim foi com o passar do tempo... Havia passado anos, mas eu nunca perdoei sua família... E quando enfim eu já estava maior, meu plano estava traçado. Eu iria me vingar... — Ela sorria sem humor. — Iria tomar tudo que vocês tinham. Não havia sido uma surpresa saber que seus pais também morreram, mas isso não importava, ainda havia você. Como o filho pródigo, assumiria os negócios da família... Eu não me importei em passar por cima de tudo e de todos... Da minha própria felicidade... Eu só queria vingança.

Uma luz se fez na cabeça de Daniel, entendendo o porquê de tudo.

— Eu já te disse. Realmente não foi por dinheiro... Aliás, eu nunca liguei muito para isso... Eu só queria que vocês sofressem... Assim como eu e meu irmão sofremos. Não era justo. Eu via vocês nas revistas, na televisão... Com suas vidas perfeitas... Oh, como eu odiava... Fiz a universidade por sua causa, já estava tudo planejado. Eu ia me aproximar de você, dar uma de boa moça... Fazer você se apaixonar por mim, então... Te roubaria tudo... Cada centavo, destruindo você e sua empresa maldita. Não foi tão difícil assim. — Gabou-se olhando para ele, que não sabia que atitude tomar. — Nós nos aproximamos e tudo mais... Enfim eu tive o que eu queria... Você na palma da minha mão... Então tudo estava perfeito, tudo estava realmente perfeito... Eu só não contava que... — Estancou no lugar, não querendo admitir.

— Se apaixonaria por mim — Daniel completou sua frase. A frase que continha toda a verdade que ela insistia em esconder.

CAPÍTULO 20

Nicole suspirou pesadamente. Era verdade. Tudo que ele havia acabado de falar era verdade. Ela não estava apenas apaixonada por ele, ela o amava. Só que tudo era tão difícil, tão complicado.

— Não foi? — Daniel chamou sua atenção. O silêncio de Nicole o angustiava.

— Sim — confessou baixinho. Sentia vergonha de si mesma. De como ela estava e como se deixou levar.

Ainda havia uma batalha dentro dela. Uma parte ainda culpava os pais de Daniel por tudo que havia acontecido com ela e sua família, e a outra amava sem limites o homem à sua frente. Agora eles tinham um filho e isso, óbvio contava muito.

Ela levantou o olhar, observando Daniel e toda sua magnitude. Ele era tão lindo. É claro que a beleza contou, mas o fato de ela amá-lo não era só isso. Era algo maior. E por Deus, ela realmente não queria ter sido fraca e se deixado levar. Nicole imaginou como seria sua vida se as coisas tivessem sido diferentes. Ela estaria longe? Estaria com seu irmão? Ele a teria apoiado? Ela estaria feliz?

Feliz. Há tanto tempo ela não sabia o que era isso. É claro que sua maior felicidade era seu filho, mas ela se sentia tão sozinha, tão carente. Como se algo faltasse. E esse algo era Daniel, ela sabia, tinha consciência disso. Uma família, era isso que ela queria. Mas era isso que eles eram? Ou ela era apenas a mãe do filho de Daniel? Sentia-se desprotegida. Queria seus pais consigo para lhe acalmarem e lhe reconfortarem.

Sentindo o calor das mãos de Daniel em suas mãos, ela abriu os olhos.

— Eu realmente sinto muito — Daniel falou de todo seu coração. Ele realmente sentia. — Eu jamais imaginaria que você havia passado por tudo isso. — Nicole abaixou a cabeça, envergonhada. — Por que você nunca me disse?

— O que você queria que eu dissesse? — perguntou após um breve silêncio. — Olá Daniel, sou Nicole e vim aqui me vingar de você. Por favor, se apaixone por mim e me deixe tirar tudo de você? — Foi sarcástica.

Daniel mordeu o lábio nervoso, perguntou besteira. Que outra resposta ele queria dela, afinal?

— Eu vou investigar — Chamou-lhe a atenção.

— Investigar? — O encarou, confusa.

— Sim — respondeu. — Eu não acredito que isso tenha sido culpa do meu pai. — Vendo que a mulher iria falar, ele acenou, impedindo-a. — Assim como você acredita na inocência do seu pai, eu acredito na do meu. Então não vamos discutir mais isso. Eu farei o possível para descobrir o que realmente aconteceu. Eu prometo.

— Não. Eu não quero saber de mais nada. — Encarou-o séria, as lágrimas haviam acabado. — Eu não conseguiria passar por tudo aquilo novamente.

— Eu entendo — Daniel concordou, desistindo de discutir com ela naquele momento.

— E agora?

— Agora o quê? — perguntou, já imaginando o que ela queria dizer com aquilo.

— Como ficamos? Como fica o nosso filho? — Sua voz soava baixa.

— Eu não abro mão do meu filho... — respondeu sério, observando a mulher à sua frente. — E de você também. Eu quero os dois comigo.

CAPÍTULO 21

— Está entregue. — A voz rouca de Oliver soou firme, falando de sua irmã como se fosse uma mercadoria. Pois era assim que ela estava se sentindo no momento. — Cuide dela. — O recado foi dado.

Daniel também nada disse, trocando um olhar cúmplice com Oliver, segurando as duas malas de Nicole e levou consigo para dentro do apartamento. Nicole fechou a porta atrás de si, com seu filho no colo, e foi em direção ao sofá.

— Está com fome? — A voz de Daniel a tirou de seus pensamentos.

— Não — respondeu em um tom baixo. — Não estou.

— Quando foi a última vez que comeu? — perguntou aproximando-se, ignorando sua mensagem de que não estava com fome.

— Ontem à noite. — As palavras saíam da boca de Nicole, sem nem ela mesma notar. Fazia tanto tempo assim que estava sem comer nada? Porém, com todos aqueles acontecimentos, nem havia se dado conta.

Apesar de ainda estar morrendo de raiva de Nicole, Daniel se sentia angustiado, observando o estado dela. Parecia tão frágil, tão abatida, como se um mísero toque, pudesse quebrá-la totalmente.

— Venha para a cozinha — ordenou firme, não deixando brecha para queixas.

Sem forças para discutir, ela fez o que ele mandou. Porém não largou seu bebê um só momento. O pequeno ainda dormia tranquilamente, porém sabia que dali a pouco ele acordaria. Como um anjo, havia passado o dia todo dormindo. Sabia que a noite não seria fácil, por causa disso. Com certeza ela passaria horas em claro, até conseguir colocá-lo para descansar novamente.

Daniel movia-se com rapidez na cozinha. Ia de um lado para o outro, enquanto ela apenas observava seu filho. Ele era tão lindo, e era a cópia fiel de Daniel. Ela pensou o quanto a vida estava sendo irônica com ela. No início, implorava para que ele não se parecesse com o pai, aquilo era demais para ela.

O som do liquidificador assustou o bebê, que logo despertou e começou a chorar. Daniel parou na hora de preparar o suco e olhou para Nicole, que levantou com a criança em seu colo. Ele ainda era tão pequeno. Suas mãos coçavam para sentir seu filho em seus braços mais uma vez. Mas Nicole andava

de um lado para o outro, tentando fazê-lo para de chorar.

Quando enfim ele se acalmou, ela suspirou com sorriso nos lábios, limpando as lágrimas que molharam o pequeno rosto do menino. Por mais que ela tivesse feito todas as escolhas erradas em relação a Daniel, ela nunca faria em relação ao seu filho. Ela havia dado duro para ser a melhor mãe possível e sabia que todo seu esforço havia valido a pena. Nunca havia faltado nada para seu pequeno.

— Colocou o nome Anthony nele.

— Sim. — Pela primeira vez no dia, ela olhou diretamente nos olhos de Daniel. — Algum problema?

— Não — respondeu surpreso. — Só não esperava que colocasse o nome que eu escolheria nele.

— Você me disse uma vez que gostava desse nome...

— Não esperava que se lembrasse disso.

O bebê deu um gritinho como se ele entendesse que seus pais estavam falando dele. Os dois sorriram.

— Meu pequeno. — Beijou a face macia da criança que fez uma careta engraçada, parecendo ainda mais o seu pai.

— Ele é lindo. — Admirou o filho, aproximando-se sem nem se dar conta.

Antes em pé, ele se ajoelhou, ficando na altura dos dois, já que Nicole estava novamente sentada. Levou sua mão esquerda até o pequeno, que na mesma hora repousou sua mão pequena na do pai. Daniel sorriu feito um bobo, todo feliz.

Sem pensar duas vezes, se levantou e pegou o filho em seus braços. A carinha ainda estava inchada pelo choro, deixando-o ainda mais fofo. As bochechas eram coradas, havia puxado a mãe e ele adorava aquilo.

— Hey filho — chamou a atenção do garoto, apensar de ele já estar olhando para ele.

Jamais imaginaria que, depois de tudo, ele estaria em sua cozinha com Nicole e segurando seu filho nos braços. Apesar dos pesares, de tudo que sentia em relação a Nicole, ele havia feito a escolha certa.

Nicole sentia-se esgotada emocional e fisicamente. Após a saída do tribunal e após a conversa franca que tivera com Daniel, ela pôde respirar mais leve. E naquela noite ela não tirou seu filho dos braços em nenhum momento, vendo o dia clarear, agradecendo aos céus por Daniel não ter ido em frente com sua decisão.

— Como ficaremos agora?

— Você não tinha o menor direito de esconder o meu filho de mim Nicole e sim, como você já sabe eu poderia muito bem tê-lo tomado de você. — Os olhos de Nicole aumentaram e ela sentia seu coração bater forte. — Mas não fiz isso... Anthony não merece. Porém haverá apenas uma condição, como já deu para perceber.

— Eu sei...

— Você irá morar aqui. Comigo. Criaremos nosso filho juntos. — Aquela não parecia uma má ideia para ela. Ela pagaria qualquer preço para estar ao lado de Anthony. — E você não irá trabalhar, não agora pelo menos. Sei que você não quer passar o resto da sua vida dependendo de mim, mas por enquanto será assim. Quando Anthony estiver maior, aí sim poderá voltar a trabalhar. Não tolero meu filho sendo criado por babás desconhecidas.

— Mesmo sozinha, eu cuidei muito bem dele — rebateu. O que ele estava querendo dizer? Que ela saía para trabalhar e deixava seu filho com uma qualquer?

— Não estou dizendo que não cuidava, só não quero que meu filho seja criado por uma estranha enquanto nós trabalhamos, não tem necessidade disso, posso muito bem assumir todas as despesas enquanto você se dedica apenas a ele — falou, encerrando a questão.

— Tudo bem, Daniel — suspirou cansada. — Eu sei que é melhor para ele ficar comigo, acho que vai ser bom me dedicar apenas a ele.

— Ótimo — concordou.

E assim passou o jantar, num clima estranho, com ambos se revezando para ficar com Anthony, enquanto conversavam sobre o pequeno, que no momento era o único assunto que eles tinham que não gerava uma discussão.

— Daniel você pode me dizer onde nós vamos ficar? É que Anthony já está ficando estressado porque está passando da hora dele mamar — falou, enquanto balançava Anthony.

— Claro — concordou com ela e saiu para mostrar o quarto que eles ficariam. Já que na cobertura dele havia vários.

— Hoje vocês ficam aqui, no quarto vizinho ao meu, qualquer coisa pode me chamar, não hesite, amanhã iremos providenciar juntos a mobília do quarto dele, já mandei esvaziar o quarto em frente ao meu, mas por hoje ele dorme com você, tudo bem?

— Sem problemas — respondeu.

— Vou pegar suas malas — Daniel disse e saiu para a sala.

Nicole entrou no quarto, achando engraçado o fato de mal ter entrado naquele cômodo durante todo o tempo em que eles estiveram juntos. Todas as vezes que ia para o apartamento de Daniel ficava no quarto que antigamente era dos dois e lembrar disso lhe causou dor.

Afastando essas lembranças, deitou seu filho na cama, começou a despi-lo para dar banho e quando o bebê estava só de fraldas Daniel entrou no quarto.

— Suas coisas — disse, colocando as malas num canto.

— Daniel você podia, por favor, pegar a bolsa do Anthony, é aquela azul com um barquinho na frente. — Daniel assentiu e pegou a bolsa, colocando-a ao lado do bebê na cama. — Obrigado.

— Sem problemas, qualquer coisa é só chamar — falou e foi saindo do quarto.

— Eeh... Daniel — Nicole chamou.

— Oi.

— Você pode olhar ele, por favor? É que eu tenho que ajeitar o banho dele, normalmente eu deixaria no berço, mas não tem nenhum aqui e como ele está bem acordado...

— Olho sim — respondeu carinhoso para o filho. — Você vai ficar com o papai garotão? — As palavras saíram de sua boca tão natural que ela não percebeu, botando o garoto nos braços dele, ficou vendo-os saindo para passear pelo apartamento.

Vendo aquela cena Nicole se sentiu culpada, como ela pôde privar seu filho do amor de seu pai? Era estranho vê-los juntos, já que ela havia sido privada de encontrar Daniel. Os dois tinham suas diferenças, mas o filho deles não tinha culpa. Respirou fundo, sacodiu a cabeça e deixou para lá aquele pensamento, foi ajeitar o banho do seu bebê. Minutos depois Daniel trouxe o pequeno para tomar banho, e assistiu à cena observando como Nicole tinha jeito com o garotinho.

— Pronto meu amor, já tomou banho, trocou a roupa agora é comer e dormir, não é? Você vai deixar a mamãe dormir, certo? — Nicole falou brincando com seu filho que ria e bocejava ao mesmo tempo. Já estava acordado há algumas horas, desde que eles haviam chegado. Sentou na cama, aninhou o bebê em seus braços e já ia puxando sua blusa quando se tocou que não estava sozinha. — Daniel, você se importa?

— O quê? — estranhou a pergunta, mas continuou a olhar para seu filho.

— Daniel eu vou dar de mamar a ele.

— Claro, sem problemas — respondeu sem se tocar da situação e do que ela se referia.

— Daniel, por favor, eu gostaria de ficar sozinha para amamentar meu filho, não estou à vontade para fazer isso na sua frente.

— Não há uma parte sequer do seu corpo que eu não conheça Nicole, não se esqueça disso, mas se é isso que deseja, estarei em meu quarto.

Depois disso, Nicole amamentou seu filho, que depois de muita luta, havia dormido ainda no peito. O ajeitou na cama, colocou vários travesseiros em volta e foi tomar seu merecido banho, tudo o que ela queria era tomar se limpar e dormir, aquele dia tinha sido muito longo.

CAPÍTULO 22

Duas semanas haviam se passado desde que Nicole se mudou para o apartamento de Daniel. Não podia se dizer que a convivência dos dois era mil maravilhas, mas eles tentavam ao máximo não brigarem por Anthony. Aquela situação não era algo passageiro, então pelo filho dos dois eles iriam tentar.

Nicole havia imaginado várias vezes em suas noites solitárias no antigo apartamento de seus pais, como seria criar seu filho com Daniel, mas a realidade era outra. Ele havia deixando claro que estava fora de cogitação a mesma trabalhar e se ela tivesse condições, ela realmente optaria por não ter que fazer isso. Havia perdido etapas da vida de seu filho que não voltaria mais e isso a entristecia, apesar de saber que o que ela estava fazendo enquanto estava fora era um meio para garantir o sustento dos dois.

Ser garçom não era algo que envergonhava, era uma profissão digna como qualquer outra. Apesar de quase ser formada, podendo ter tentado um emprego melhor, ela optou por trabalhar nisso, pois pensou que não seria um lugar que Daniel pensaria em procurá-la, se é que ele queria fazer isso depois de ter descoberto sua traição. Tomada por pensamentos, ela escutou seu celular tocar.

— Eu já estava quase chamando a polícia com seu sumiço. — Ela sorriu enquanto segurava o aparelho ao seu ouvido. Mesmo brincando, sentiu o tom de preocupação na voz de sua amiga.

— Eu sinto muito por ter desaparecido. — Foi sincera. — Aconteceu tanta coisa que você nem imagina Julie...

— Então você tem as próximas horas para me contar tudo, mocinha!

Julie era uma antiga vizinha, também amiga e confidente. Quando Nicole voltou às suas origens, ela estava sem rumo e sem direção. A amizade das duas não havia nascido de uma hora para outra, no início Nicole tentara de todas as formas se manter distante, apesar das tentativas de Julie. Porém chegou uma hora em que não aguentou mais segurar a barra, estava grávida e sozinha, precisando ter alguma companhia que fosse. Na época sua amiga estava grávida também, mas ao contrário dela, era bem casada e feliz com seu marido.

Nicole não sentia inveja dela, sentia-se feliz por sua amiga ter alguém que a amasse e respeitasse. Quando o seu bebê nasceu, ela estava lá na maternidade

vibrando e torcendo para sua amiga. Porém quando Nicole teve Anthony, fazia pouco tempo que Julie havia tido seu primeiro filho e ela não quis dar trabalho e nem preocupação à sua amiga. Ela deu à luz sozinha em uma maternidade precária da cidade, pois não podia gastar muito consigo mesma, já que por um tempo ela não poderia trabalhar, estaria de resguardo.

Julie só soube que Nicole havia tido Anthony, quando a mesma já se encontrava em casa e naquele dia, elas tiveram sua primeira briga. A vizinha não acreditara que sua amiga não teve coragem de lhe avisar, mesmo com um bebê pequeno ela arrumaria um jeito de ir dar todo apoio que Nicole precisaria.

Com vergonha de tudo que havia feito, Nicole não contou tudo que ocorreu a Julie em relação a Daniel, a mulher apenas sabia que algo havia dado muito errado no relacionamento dos dois e que ela havia fugido sem deixar rastros. Sua amiga deixou claro que não concordava com a atitude da outra, independentemente do que tivesse acontecido entre eles, Daniel merecia saber que era pai.

A conversa das duas durou horas e quando a ligação terminou, Nicole tinha um sorriso no rosto. Ela sentia falta de Julie de uma forma profunda. E com certeza Anthony também sentia, já que ele ficou com ela diversas vezes. Era uma troca mútua. Nicole cuidava do filho de sua amiga quando era necessário e Julie do seu.

— Você acha que precisa de mais alguma coisa? — Nicole se assustou vendo Daniel parado em sua porta ainda com sua roupa social. Ele havia acabado de chegar do trabalho.

— Não. Compramos tudo que era necessário.

No dia anterior, os dois haviam ido às compras para o quarto de Anthony. Daniel queria contratar uma designer de interiores para o quarto de seu filho, mas Nicole fez questão de escolher tudo. A viagem de carro foi silenciosa todo o caminho, nenhuma palavra foi dita por nenhum dos dois.

Todo o enxoval havia sido escolhido pelos dois, em uma conversa monossilábica. Tudo foi comprado do bom e do melhor, nas melhores lojas. Nicole ficou abismada com o absurdo de dinheiro que foi gasto em apenas um quarto, mas sabia que não adiantaria discutir com Daniel. Ele era dono da grana e fazia o que quisesse com ela.

Ela se lembrou do apartamento que morava e que se encontrava fechado. Julie tinha uma chave extra e Nicole pediu para que ela desse uma olhada nele de vez em quando, já que ela não tinha data para voltar ali, assim como também havia deixado seu carro. Pensou no antigo quarto de seu filho e reparou na

diferença gritante entre o que ele tinha antes e o que teria dali para frente. Mas ela sabia que ela deu o máximo de si para dar o melhor que podia a Anthony.

— Estou indo jantar e depois ficarei no meu quarto — avisou Daniel por educação e saiu, sumindo de sua vista.

Desde que chegara ali, Daniel passou a ficar mais tempo no trabalho do que em casa. Coisa que ele não fazia quando os dois ainda estavam juntos. Ao contrário, fazia de tudo para eles chegarem mais cedo e aproveitarem o tempo sozinhos. Já que na empresa era realmente trabalho, não que nunca tivesse acontecido uma escapada deles lá, porém os dois preferiam manter o profissional dentro da empresa e o particular no apartamento dele.



Aquele tempo em que pôde respirar mais aliviada fez bem a Nicole. Ela não sentia mais o peso da ameaça de Daniel para tirar seu filho dela, mas isso não queria dizer que estava tudo okay. Era difícil estar tão perto do homem que ela amava, sem poder nem ao menos encostar nele.

Daniel não a tratava mais do jeito de antes, mas ainda se mantinha distante. Depois de ter confessado tudo que estava dentro de si, nada mais foi dito sobre o assunto. Ela se sentiu totalmente exposta naquele dia e agora não havia nada mais que ele não soubesse. Foi difícil encarar Daniel depois daquilo, mas agora eles moravam juntos novamente e não havia nada que ela pudesse fazer.

Cansada de se manter o tempo todo isolada no imenso apartamento, Nicole deixou seu filho no berço, que era vigiado por uma babá eletrônica que ficava o tempo todo com ela quando precisava fazer algo que não pudesse levá-lo, e se dirigiu ao banheiro, se dando ao luxo de tomar banho na imensa banheira de sua suíte.

Após se arrumar toda, olhou no espelho e aprovou o que viu. Fazia muito tempo que não se arrumava tanto, mas aquela era uma ocasião especial. Olhou o vestido que caía perfeitamente em seu corpo, o salto alto em seus pés e uma maquiagem caprichada. Anthony já estava pronto e arrumado, vestido a caráter para o momento. Ela havia trazido quase todas as roupas que tinha dela e todas as dele. Apesar do pai de seu filho ter comprado, junto dela, centenas de roupas para ele naquele dia.

No instante em que Nicole estava de saída, Daniel havia acabado de chegar. Estancando no lugar, vendo os dois arrumados, olhou-os confuso.

— Aonde vocês vão? — perguntou sem cerimônia.

— Comemorar.

— Comemorar o que, exatamente? — Por que ela não poderia ser direta?

— Anthony completa seis meses hoje — respondeu sorrindo para o filho.

— E você não pensou em me avisar sobre isso? — A expressão séria de Daniel demonstrava que ele não estava brincando.

— Achei que você sabia. — Seu sorriso havia sumido.

— E como você esperava que eu soubesse ou eu me lembrasse, Nicole? Creio que não tive oportunidade para saber muito sobre a vida do meu filho, não é? — alfinetou a mulher que se encontrava calada, ponderando o que responderia. — Seu plano era sair de fininho sem ao menos me dizer?

— Não era essa minha atenção Daniel...

— Não. Então porque você está saindo com ele para comemorar uma data especial como essa, sem ao menos ter consideração de me avisar? Se eu não tivesse chegado cedo hoje, você já não estaria aqui.

Nicole olhou sem emoção para ele. Estava tão acostumada a sair com Anthony sozinha para todos os lugares e não dar satisfação a ninguém, que realmente não teve intenção de esconder isso de Daniel. Como os dois não estavam se falando muito, achou melhor poupá-lo de mais um jantar silencioso.

— Não achei que iria sei importar com isso. — Foi sincera.

— Tudo que se trata do meu filho é importante para mim. Lembre-se disso daqui para frente.

Nicole engoliu a bile em sua garganta, querendo dar uma resposta, mas achou melhor não falar.

— Então você quer jantar com a gente? — perguntou a contragosto.

Sua noite já havia sido arruinada, mesmo antes de sair de casa.

— É claro que sim. Eu vou tomar um banho e daqui a pouco nós vamos.

Poucos minutos se passaram, mas parecia uma eternidade para Nicole. Quando Daniel retornou à sala, estava cheiroso como nunca e bem arrumado. Ela tentou olhá-lo discretamente, mas sem sucesso. Eles trocaram olhares, mas nada falaram, coisa que estava sendo bem comum entre os dois.

Quando o carro partiu pela bela cidade de Nova York, Nicole observava a paisagem vendo as pessoas caminharem pelas ruas movimentadas. Ela sentia falta daquele agito. Estava acostumada a viver na grande cidade sempre agitada, se mudar para uma menor havia causado estranhamento de início, mas naquela época o que ela queria não importava. Assim como o que ela queria agora, também não importava. Desde que teve seu filho, sua única prioridade era ele.

CAPÍTULO 23

O automóvel caro parou em frente a um luxuoso restaurante, um jovem rapaz veio rapidamente cordial, pegando a chave das mãos de Daniel, enquanto outro rapaz abria a porta para ela.

— Olá, boa noite. Uma mesa para o casal? — perguntou o Maître já dentro do restaurante.

— Sim, por favor — Daniel respondeu educado e Nicole não ousou corrigi-lo.

O homem mais velho levou os dois até uma mesa, onde eles se acomodaram rapidamente. Os dois observaram o cardápio em silêncio e alguns minutos depois o garçom foi chamado e o prato principal pedido foi *Spaghetti alla Carbonara*, acompanhando com um vinho caro.

— Me conte mais sobre Anthony — Daniel quebrou o silêncio.

— O que quer saber?

— Qualquer coisa.

— Ele nasceu com 3,250 quilos, mediando 45 centímetros. — Nicole sorria boba sempre que falava de seu filho e nem se dava conta — Ele chamava atenção na maternidade, com os olhos verdes.

— E como foi o parto? — Ele queria saber mais.

— Natural... — Nicole se esquivava do assunto e ele reparou, arqueando a sobrancelha automaticamente.

— Quem estava com você no dia? — tocou na ferida e sentiu que isso a havia afetado.

— Ninguém. Eu estava sozinha. — Foi sincera, levantando seus olhos, recebendo um olhar acusador dele.

— Você não precisava ter passado por isso sozinha. Sabe disso. — Foi a única coisa que ele disse.

— Eu sei, mas não estava preparada para voltar...

— E você estaria algum dia?

— Eu não preciso dessas alfinetadas o tempo todo Daniel. — Se alterou, tentando não levantar muito a voz, já que seu filho estava em seu colo.

Vendo que aquela conversa não iria acabar de imediato, colocou Anthony em sua cadeirinha.

— Creio que não devo me desculpar pelo que disse, já que não falei nada demais — retrucou.

— Eu sei, mais isso não vai mudar a situação — Nicole respondeu, desviando seu olhar para outra mesa ao lado.

— Olhe para mim — Daniel ordenou e a contragosto ela o fez. — Eu consigo entender os motivos que levaram você a fazer o que fez... Querendo deixar claro que em nenhum momento eu estou dizendo que isso é uma desculpa aceitável por suas atitudes.

— Mesmo que eu quisesse, eu não poderia voltar no tempo e mudar tudo, Daniel.

— Não distorça o que eu digo Nicole. — Sua voz era dura. — Sabe o que me deixa mais revoltado com você? É que você não se arrependeu... Em nenhum momento você parece estar ciente que estava errada.

— Eu sei que eu estava errada. Tenho noção disso... — rebateu, sem muito argumento.

— Não... Você não tem. Você ainda age como uma criança.

— Como ousa dizer isso? — Nicole estava vermelha de raiva. Odiava quando diziam que ela era criança. — Eu sou mãe agora.

— Ser mãe não te torna uma adulta. — Foi como se ele tivesse dado um tapa na cara dela. — Ser adulto é ter responsabilidade. Enfrentar as situações. Admitir o erro. Admitir que estava errada. Você só teve coragem de vir a mim nos últimos minutos do segundo tempo. Quando viu que realmente iria perder o Anthony é que você ousou ser sincera... — Ele parou por um segundo. — Não pense que estou dizendo isso para ser mal, e sim porque é a mais pura verdade... Eu tive uma real atitude de pai quando eu renunciei ter o meu filho em minha guarda e deixar ele em suas mãos. Já você... em nenhum momento teve uma atitude de mãe. Se colocou em primeiro lugar, pensando só em si e no que você achava que era melhor para você.

— E você acha que criar um filho sozinha em uma cidade distante foi fácil para mim? — Sua mão apertava a taça de cristal com força.

— Então por que você não voltou? Por que não me procurou? Eu sou a porra do pai dele!!! Você não tinha o direito de guarda esse segredo só para si. Ele não é apenas seu filho, ele é nosso. E descobrir que eu sou pai, da forma que eu descobri...

— Eu realmente sinto muito Daniel — Nicole tentou segurar a mão dele

por cima da mesa, mas ele repudiou seu toque, afastando-se na mesma hora.

— Eu não acredito em você. Sinto muito.

A conversa foi encerrada quando o garçom veio com a entrada principal. A comida estava com uma cara ótima e com um cheiro maravilhoso, mas nenhum desses fatores adiantou para os dois, que deixaram praticamente toda a comida no prato. Nenhuma sobremesa foi pedida, apesar da insistência do garçom.

Quando os dois estavam no carro novamente, o silêncio preenchia naquele momento. Daniel dirigia com as mãos agarradas ao volante fortemente e apesar da situação, Nicole não pôde deixar de reparar o quanto ele estava sexy, balançando a cabeça de forma negativa para aquele pensamento.

Naquela noite, Daniel foi quem colocou Anthony para dormir. Ele velou seu sono durante um longo tempo. Nicole sabia disso, pois encontrava-se em seu quarto, ansiosa. Estava entalada com uma porção de coisas que queria dizer para ele, aguardando-o sair de lá. Ela não teve a chance de falar o que queria no restaurante, mas ali, no apartamento dele, não teria como fugir.

Quando passos foram escutados, ela levantou da cama na mesma hora, apertando seu hobby por cima de sua camisola.

— Podemos terminar a conversa agora? — pediu sem ser agressiva.

— Não acho uma boa ideia Nicole, estou cansado e amanhã tenho que levantar cedo... — Daniel virou de costas para ela e foi em direção ao seu quarto.

— Eu sei que fui egoísta. — Escutando suas palavras, ele estancou no lugar, ainda na mesma posição, de costas para ela. — E talvez você tenha razão, eu tenho que admitir. Eu me coloquei em primeiro lugar quando escondi que nós tínhamos um filho. Não queria voltar atrás e perceber que o que fiz, talvez não tivesse valido de nada. Que a promessa que eu fizera a meu pai, eu não pude cumprir... Mas na noite em que eu tive o Anthony, foi por você que eu chamei, Daniel.

Os ombros retos dele relaxaram por um instante e ele se virou para encará-la, mas quem deu os primeiros passos em direção a ele, foi ela.

— Como posso acreditar em você depois de tudo que fez? — abaixou sua guarda.

— Porque eu estou dizendo a verdade e preciso que acredite em mim. — Encostou seu corpo na parede, temendo não conseguir se segurar sozinha.

— Eu garanto que vou fazer o melhor possível para que nossa convivência seja confortável.

— Confortável? — perguntou. — Eu não quero uma vida confortável. Quero que você acredite em mim. Que olhe nos meus olhos e eu não veja raiva ou mágoa neles. Que eu possa sentir a admiração que você sentia por mim antes. Que...

— Não temos como voltar ao que éramos antes. Não consegue entender? — As palavras saíam desesperadas de sua boca.

— Você nunca mais vai confiar em mim novamente, Daniel? — A pergunta foi feita em um sussurro.

— Eu não sei te responder essa pergunta, Nicole.

Com essa brecha, a mulher aproximou-se dele, que não se moveu do lugar. Apenas observava aquela aproximação, sem saber se reagia ou não.

— Todo aquele amor que você sentia por mim... Te peço que seja sincero... Ainda existe algum amor, por menor que seja, aí dentro? — Como em câmera lenta, ele observou a mão de Nicole indo em direção ao seu peito, sentindo seu coração acelerado.

Sem pensar nas consequências, Daniel colou seus lábios nos de Nicole, sentindo a maciez de sua boca, fazendo-a suspirar entre o beijo. Daniel colocou suas grandes mãos em torno da sua cintura, fazendo o corpo dela colar-se ao seu. Enquanto as mãos de Nicole iam em direção aos cabelos dele.

O beijo era quente, apaixonante e cheio de significados. As línguas brincavam na boca uma do outro, como se estivessem se descobrindo mais uma vez. Ela sentia como se estivesse flutuando, tamanha emoção que estava sentindo. Aproveitando cada segundo como se fosse o último, como se estivesse prestes a acordar de um sonho bom.

Nicole sentiu como se pudesse respirar tranquila mais uma vez. Naquele momento. Naquele lugar. Só havia eles dois e aquele beijo, que fazia seu coração acelerar sem parar.

— Acho que respondi sua pergunta. — A voz de Daniel a trouxe de volta à realidade.

Ela abriu os olhos lentamente, observando o rosto próximo de si ainda, não teve coragem de largá-lo, mas ele teve a atitude. Soltando a mão dela de seu corpo e voltando mais uma vez para seu quarto.

Nicole continuou parada no correndo, vendo-o desaparecer rapidamente, deixando-a atordoada e com apenas uma dúvida em sua cabeça.

Ainda haveria uma chance para eles?

CAPÍTULO 24

Quando o fim de semana chegou, Nicole despertou e abriu seus olhos rapidamente, deparando-se com a escuridão do quarto. Anthony não havia lhe dado trégua nas primeiras semanas em que eles estavam no apartamento de Daniel. Acostumado a estar sempre no conforto do seu lar, primeiro foi a mudança para o apartamento do Oliver e logo depois para o que estavam agora, mas finalmente as coisas estavam voltando ao normal e o pequeno estava aos poucos se habituando ao novo lar.

Depois daquela noite, não houve nenhuma mudança drástica em relação aos dois, não era como se tudo fosse se entender em um piscar de olhos, mas não havia mais aquele distanciamento tão absoluto entre Nicole e Daniel.

Levantando-se e cobrindo seu corpo com seu robe habitual, ela foi em direção às cortinas de seu quarto e as abriu com força, sentindo o calor que emanava do lado de fora, podendo ver toda a cidade da cobertura. A vista do quarto de Daniel era ainda mais linda, mas aquela não deixava nada a desejar. Ela sentiu-se animada. Nos fins de semana Daniel não trabalhava e talvez eles pudessem fazer algum passeio em família.

Família. Era estranho pensar assim até pouco tempo atrás, mas finalmente não parecia mais uma ideia impossível.

Quando entrou no quarto do seu filho, estranhou vê-lo todo arrumado e com Daniel segurando-o em seus grandes braços o pequeno bebê, também arrumado.

— Nós vamos sair e eu não fui avisada? — Nicole sorriu boba, animada com a ideia.

Não conseguia acreditar que Daniel preparou aquela surpresa para ela. Havia pensando em chamá-lo para fazer algo, já que ele ficou tão sentido por não ter sido chamado para comemorar os seis meses de Anthony, mas não precisava mais. Já que havia partido dele aquela atitude ela não se continha de felicidade.

— Na verdade, não — Daniel respondeu e continuou, vendo o pedido silencioso de uma explicação por parte dela. — Vou levá-lo para visitar minha irmã.

— Heloise?

— Não, Catherine.

Oliver a havia alertado após sua volta para a casa dele, que Catherine não era a favor dela. Não que Heloise tivesse ficado feliz com sua atitude, mas não a repugnava tanto quanto a irmã do meio de Daniel. Até então, Nicole não havia tirado um tempo para pensar na mulher e no que aquilo representava.

— Você não quer que eu vá junto? — perguntou, apesar de não querer ir.

— Acho melhor não. — E nada mais foi dito.

Ela não sabia quanto tempo Daniel passaria fora, então Nicole encheu algumas mamadeiras com seu leite, para que ele pudesse levar. Ela iria começar a introduzir alimentos na dieta do bebê, que era o tempo recomendado pelos pediatras, mas enquanto isso era apenas seu leite para seu filho.

Não havia necessidade de arrumar a bolsa do bebê, já que Daniel já o havia feito. Quando os dois saíram pela porta, Nicole apenas observou calada. Não eram necessárias mais palavras e o que era para ser um sábado divertido em família, acabou com a mulher mais uma vez trancada no apartamento.

* * *

Naquele dia, o sobrinho de Daniel não estaria em casa. Davis, marido de Catherine havia levado seu filho para casa de seus pais, que não moravam muito longe dali e Oliver também não estaria presente. Seria um dia apenas para os irmãos.

— Então não a trouxe? — provocou Catherine trazendo Daniel de volta à realidade.

— Será que não podemos ter um momento em paz? — Heloise falou.

— Não é justo que eu ainda não a tenha conhecido — Catherine resmungou.

— Por favor, Catherine, vamos tentar passar o dia bem e sem briga — Daniel pediu, tentando não entrar em mais uma discussão com sua irmã.

— Gente, eu não estou tentando brigar, nem estou caçando uma briga, mas tem alguma coisa muito errada acontecendo com a nossa família. Só quero entender, só isso.

— Vamos aproveitar o nosso dia e mais tarde conversamos. Pode ser? — Daniel propôs.

Sua irmã a contragosto balançou a cabeça afirmativamente e como um passe de mágica, seu olhar viajou até seu sobrinho que estava no colo de Daniel. Um sorriso sincero brotou nos lábios de Catherine ao pegar Anthony nos braços. O olhar do menino estava rodando pelo ambiente, curioso.

— Você é realmente lindo, sabia? — Sussurrou para o sobrinho que estava tentando pôr na boca o colar que ela carregava em seu pescoço.

O clima entre os irmãos havia ficado ameno após um tempo, e eles aproveitaram o dia. Catherine ficou encantada com cada pequena coisa que Anthony fazia e durante algum tempo relutou em deixá-lo sair do seu colo.

— Ele é meu sobrinho também, Catherine. Me dê ele um pouco! — pediu Heloise pela milionésima vez. Ainda a contragosto, Catherine passou Anthony para os braços da irmã e foi para a cozinha preparar o almoço deles.

— Dani, vou precisar de ajuda — Catherine falou e seu irmão levantou-se indo atrás dela para a cozinha.

Heloise permaneceu na sala, sentada no tapete felpudo e balançando na frente de Anthony um pequeno brinquedo que ao ser movimentado fazia barulhos, atraindo a atenção do menino. Apesar de estar brincando com seu sobrinho, Heloise faz o máximo para prestar atenção na cozinha, tentando ouvir se seus irmãos estavam discutindo e ficando imensamente feliz ao perceber que não.

— Fiquei feliz que você tenha vindo me visitar — Catherine disse, colocando no forno a lasanha que havia deixado pré montada.

— Eu sei que devia ter vindo antes, mas estive muito ocupado nos últimos dias...

— Tudo bem com a empresa? — ela perguntou ao ver cansaço nos olhos do irmão.

— Sim, com a empresa está tudo ótimo.

Daniel claramente não queria falar sobre Nicole com sua irmã, mas ele entendia a preocupação dela, sabia no fundo de seu coração que ela estava apenas preocupada com ele. Durante um tempo, eles falaram sobre amenidades, incertos sobre o rumo da conversa que teriam. Mas, depois de terem falado sobre tudo o que era menos importante, Catherine estava impaciente e Daniel entendia isso, pois ela estava mexendo no fogão com certa impaciência.

— Ela é mãe do meu filho — ele disse, iniciando a conversa.

— Disso eu sei e lamento. — Sua expressão demonstrava isso. — Eu amo o Anthony e sinto muito por ele ser filho dela, mas ela tentou te roubar, Daniel.

— Não estou fazendo isso por ela, estou fazendo por ele. Perdi muita coisa desde o nascimento do Anthony e não quero perder mais nada. — Tentou se explicar.

Catherine deu um meio sorriso antes de responder.

— Dani, você sabe que eu te amo, não sabe?

— Sei — respondeu, cruzando os braços e recostando-se no armário.

— Eu não quero brigar com você, e principalmente não quero te ver sofrer. Você passou o último ano fechado, com uma tristeza que nunca saía dos seus olhos e isso nos magoava. Não só a mim, mas também a Heloise...

— Isso passou Catherine...

— Tudo o que eu quero é que realmente tenha passado. De verdade! Não quero ficar me intrometendo na sua vida, mas tenho medo do que aquela mulher apronte.

— A Nicole não vai aprontar nada... e ela teve os seus motivos para fazer o que fez.

— Motivos? — Era a mesma frase pronta que Heloise dizia a ela, mas nada era explicado. — Nada justifica o que ela fez!

Os irmãos se olharam, o ar estava pesado, mas eles entendiam a preocupação do outro e por isso não se alteravam.

— Não foi isso o que eu quis dizer — respondeu, respirando fundo.

— Só me prometa que vai tomar cuidado — pediu.

— Eu vou.

— Eu só quero que você seja feliz.

— Eu serei. Prometo que serei!

Com os olhos presos um no outro, os irmãos se abraçaram. Nada mais precisava ser dito, pois eles tinham o mais importante: um ao outro. Por mais que as opiniões fossem diferentes, o respeito e a admiração eram enormes. Daniel e Catherine arrumaram a mesa no mesmo instante em que Davis voltou com seu filho. Com a casa cheia, todos sentaram-se para comer enquanto as crianças brincavam no tapete, sob os olhos atentos de todos. Com conversas e risadas passaram o restante da tarde e ao cair da noite Daniel se despediu das irmãs com um beijo no rosto de cada uma e, com Anthony adormecido em seus braços, foi embora.



Nicole passou o dia sozinha no apartamento. Sua cabeça estava um emaranhado de pensamentos que ela não sabia como controlar. Ficar longe de Anthony por tanto tempo não ajudava em nada em seu humor. Ela não estava acostumada a passar tantas horas longe de seu filho, e apesar de saber que Daniel

cuidaria bem dele, seu coração não conseguia ficar calmo.

A mulher tomou um banho relaxante, tentou ler ou assistir TV, mas nada conseguiu prender sua atenção por mais de alguns minutos... E seus pensamentos teimavam em reviver o momento em que Daniel e ela se beijaram. Aquele beijo havia mexido tanto com a sua cabeça, que ela mal conseguiu dormir à noite.

Ela havia pensando que tudo poderia dar certo dali para frente entre eles dois, mas Daniel havia dado um banho de água fria em tudo que ela havia pensado. Aquela atitude dele havia deixado claro que ele não a queria envolvida com sua família. Heloise era um caso à parte, porque ela estava com seu irmão.

Por mais que eles estivessem morando juntos, aquilo não significava nada. Ele também não tomou nenhuma atitude quando a encontrou no outro dia de manhã e aquilo a deixava apavorada. Por que ele não tomou uma atitude?

Sem se conter, sentiu lágrimas escorrendo pelo seu rosto, enquanto segurava um livro que tentava ler, mas não adiantou. Seu olhar estava perdido, enquanto ela estava no quarto de Anthony. Ela não sabia porque, mas quis estar naquele lugar e com isso seus pensamentos voaram para uma lembrança que ela havia contado a Daniel.

Tentando controlar sua respiração, Nicole inspirou o ar pelo nariz e soltou pela boca calmamente repetidas vezes. Suas contrações aumentavam cada vez mais e ela continuava ali naquela maldita cama de hospital, segurando a barra da cama com toda força que podia. Uma enfermeira toda de branco entrou em seu campo de visão com um sorriso no rosto.

— Está quase chegando a hora, mamãe. Está bem? — Chegou perto dela tentando dar-lhe conforto.

— Pelo amor de deus, faz essa dor passar — pediu com dificuldades. — Eu não aguento mais.

— É seu primeiro filho? — perguntou tentando distraí-la.

— Sim. É sim. — Nicole não aguentava mais aquele sofrimento. Era uma dor insuportável. — Eu só quero que ele nasça logo. Eu preciso que ele nasça logo.

— Você não precisa se preocupar com nada. — A mulher de meia idade segurou na mão de Nicole, sentindo-a ficar mais desesperada. — Vai dar tudo certo. Você tem certeza que não quer que eu ligue para alguém?

— Não. — Foi irredutível. — Eu não tenho ninguém. — Dizer aquelas palavras em voz alta doeu seu coração, sentindo as lágrimas querendo sair de

seus olhos.

— O pai da criança? Um familiar? — insistiu a enfermeira. — Deve haver alguém.

— Você não entende. Ninguém entende... Eu estou sozinha. — O som de seu choro se fez presente no local. — Eu não tenho ninguém... Eu não tenho.

Segurando a barriga e com lágrimas molhando todo seu rosto, Nicole se encolheu na cama chorando desesperadamente, sentindo uma tristeza profunda atravessar todo seu corpo. Ela estava tendo seu primeiro filho, um ser humano que ela gerou por nove meses, fruto do amor dela e de Daniel.

Fechando seus olhos, ela lembrava do som da sua risada. Do seu cheiro. Da forma carinhosa que ele a tratava e todo amor que ele lhe deu. Ele deveria estar com ela naquele momento, segurando sua mão lhe dando todo o conforto que ela necessitava. Mas não, ela estava ali abandonada, sozinha, refém das suas próprias escolhas. Suas próprias decisões, que a machucavam a cada dia que passava.

— Daniel... — O nome saiu em um fio de voz. — Você deveria estar comigo. Eu não consigo sem você... Eu preciso de você.

CAPÍTULO 25

Aquela lembrança estava tão viva na cabeça dela, que era impossível esquecer. A senhora fora gentil e a preocupação com Nicole era notável, mas ela tinha outras pacientes que requeriam sua atenção e não podia ficar o tempo todo ao lado dela, que passou por tudo aquilo sozinha.

No momento encontrava-se na sala impaciente, quando Daniel entrou pela porta com seu filho ainda dormindo nos braços.

— Vocês demoraram... Foi tudo bem? — perguntou quando Daniel passou por ela, indo em direção ao quarto de Anthony e ela foi atrás. Parada na porta, ela observou quando ele colocou seu filho no berço e deu um beijo carinhoso em seu pequeno rosto antes de sair do quarto.

— Sim, foi tudo bem — respondeu. — Ele já tomou banho e também tomou mamadeira. Acho que vai dormir a noite toda de tanto que brincou hoje.

Daniel passou por ela e rumou para seu quarto sem olhar muito em sua direção e aquele ato a magoou demais. Nicole pensou o dia todo sobre os dois e saber que era sua culpa pelo amor da sua vida ter se afastado, a fez ficar mais triste ainda. Ela estava ficando desesperada, sentindo Daniel escorrer entre os seus dedos e ela não podia fazer nada para reverter aquela situação.

Por um tempo, ela ficou olhando para o rostinho adorado de Anthony que dormia feito um anjo e por mais que não tivesse gostado de passar o dia todo sozinha, Nicole usou o dia para pensar na própria vida e principalmente o que representava aquele beijo para o futuro dos dois. Minutos se passaram com ela parada, tentando não desistir do que iria fazer em seguida. Respirando fundo, e tentando acalmar os batimentos do seu coração, andou com passos trêmulos até o quarto de Daniel e, insegura, bateu na porta.

— Pode abrir.

Ela abriu a porta, mas permaneceu parada no corredor, incerta.

— O que foi? — perguntou aparecendo na porta, já que ela não havia entrado.

— Queria falar com você sobre algo... — Nicole perdeu um pouco o rumo dos pensamentos ao vê-lo sem camisa.

— É algo referente ao Anthony?

— Não... É sobre nós dois.

Daniel levantou uma sobrancelha e o canto de sua boca se levantou em um sorriso sem humor.

— Não existe mais nós dois, Nicole — disse, cruzando os braços sobre o peito, fazendo seus músculos se contraírem de uma forma quase pecaminosa.

— Se não existe nós dois, por que aquele beijo aconteceu? — rebateu.

Enchendo-se de coragem, deu um passo para dentro do quarto dele, ficando parada bem à sua frente.

— Foi só um beijo — ele disse, com os olhos presos nos lábios dela, que para testar o juízo dele passou a língua pela boca, umedecendo-a já que a mesma estava seca e isso o fez suspirar baixinho.

— Eu não acredito que foi só um beijo... Foi muito mais que isso e você sabe disso, só não quer admitir.

— O que eu sei é que estou com sono e se você não me disser logo o que quer... — Tentou se manter firme. — Vou te pedir para dar licença do meu quarto.

A dureza na voz de Daniel enfiou mais um pouco a faca que já estava cravada no peito de Nicole e seus olhos lacrimejaram com as suas palavras, mesmo sabendo que merecia cada uma delas. Era isso, ela estava perdendo-o de vez.

— Eu queria me desculpar por todo o mal que causei a você — disse, tentando fazer a voz sair pela garganta.

— Tudo bem — respondeu da boca para fora, claramente não acreditando nas palavras dela.

— Para de me olhar desse jeito Daniel, droga!

— Nicole, estou cansado e preciso dormir. Você poderia dar licença do meu quarto?

Ela nada disse, mas seus olhos se fixaram nos dele. Durante um tempo ninguém disse nada, só se olhavam e pouco a pouco o ar entre eles foi ficando pesado. Havia muita coisa para ser dita, muita mágoa e uma distância terrível entre eles.

— Eu sei que fiz muita coisa errada — começou. — Sei que você vai demorar para voltar a confiar em mim, mas eu preciso que acredite quando eu digo que te amo, Daniel. Não havia um dia sequer que eu não pensasse como seria minha vida ao seu lado. Como seria se nós dois criássemos Anthony e você tem toda razão em nunca mais querer olhar na minha cara. Eu fui uma pessoa

terrível com você e provavelmente você deveria ficar com outra pessoa. — Dizer aquelas palavras a machucaram. — Alguém que não tivesse uma bagagem tão grande quanto a minha, mas como você disse, eu quero ser egoísta uma última vez, porque eu quero ter você ao meu lado. Eu preciso que acredite quando eu digo que te amo, Daniel — repetiu.

O homem respirou fundo ao ouvir as palavras, mas não reagiu de imediato, com medo de se entregar mais uma vez e sair machucado. Daniel havia sonhado com ela inúmeras vezes dizendo aquelas palavras para ele.

— Quem ama não planeja roubar o outro, Nicole. Quem ama não vai embora, e principalmente quem ama não esconde um filho.

— EU AMO, DROGA! VOCÊ TEM TODO DIREITO DE DUVIDAR DISSO, MAS É A VERDADE! EU AMO VOCÊ! SEUS OLHOS QUE SEMPRE ME QUEIMARAM AGORA ESTÃO DISTANTES, DANIEL, E ISSO ESTÁ ME MATANDO A CADA DIA.

— Eu te olho com respeito. Como a mãe do meu filho. — Nem ele acreditava naquelas palavras.

— EU QUERO SER MAIS DO QUE A MÃE DO SEU FILHO! QUERO AQUELE OLHAR DE VOLTA. QUERO AQUELES BEIJOS DE VOLTA... QUERO VOCÊ!

Como se quisesse provar que suas palavras eram verdadeiras, Nicole avançou para os lábios de Daniel, colando sua boca na dele, que ao invés de afastá-la puxou seu corpo para mais perto. O beijo era intenso e as mãos estavam em todos os lugares. Daniel segurava o rosto de Nicole entre suas mãos grandes e se entregou ao beijo que mais parecia o paraíso.

Nicole se agarrou ao seu pescoço como se fosse seu bote salva-vidas e aquela fosse a única chance de ser salva. Deixou que seus lábios dissessem o quanto ela o amava. Eles se beijaram com uma entrega atordoante e aos poucos, quando o fôlego já lhes faltava, eles se afastaram. Quando o beijo acabou eles não desgrudaram seus corpos, ficando colados e com a respiração ofegante.

— Você precisa acreditar em mim — pediu, olhando em seus olhos. — Vou te provar que te amo e, aos poucos, quem sabe você volte a confiar em mim... Eu só preciso de uma chance.

— Não quero sofrer mais do que já sofri... — Ele estava atordoado também.

— Por favor, eu só quero uma chance, Daniel...

— Eu não sei o que dizer...

Daniel olhou a mulher à sua frente e sentiu que só ao seu lado seria feliz.

Que era ela que ele amava apesar de todos os pesares, era ela que invadia seus pensamentos.

— Diga que sim! Diga que vai me dar uma chance e vamos tentar. — Parou de falar e afastou um pouco seus rostos, olhando-o diretamente. — Passei tempo demais acreditando que eu tinha que me vingar de você — confessou a muito custo e ele ficou surpreso com isso, já que eles não haviam tocado mais no assunto. — Por muito tempo acreditei que isso era o certo a se fazer... E por conta disso eu fiz um monte de escolhas na vida Daniel, e sei que não vou conseguir fazê-lo esquecer de tudo, mas quero que me deixe tentar.

Nicole puxou a respiração e segurou na mão de Daniel, colocando-a em seu coração, fazendo-o sentir como estava acelerado e querendo que ele entendesse o quando ela estava sendo sincera.

— Só quero que me deixe tentar te reconquistar... — pediu mais uma vez. — Sabe de uma coisa que eu sempre tive certeza na vida? Do amor dos meus pais. Eu sempre soube que apesar de tanta coisa ruim que estava acontecendo, eles se amavam e sinto que você me ama tanto quanto eu te amo.

— Às vezes o amor não é o suficiente — Daniel disse com pesar, se lembrando do tempo que ficou sozinho, sem Nicole em sua vida.

— Mas no nosso caso ele é! Por favor, meu amor... — ela pegou a mão que estava em seu peito e deu alguns beijos na mão dele, que suspirou ao sentir os lábios macios sobre sua pele.

— Eu também te amo, Nicole — confessou sem nem se dar conta. — Se existe uma certeza na minha vida também é que meu amor por você não tem fim, mas...

— Não, não tem mais. Vamos com calma. Vamos conversar e cuidar do Anthony. Vamos nos beijar e aproveitar os dias que estão por vir. Vou te provar que te amo, Daniel. Se tem uma coisa que eu tenho certeza é do amor que sinto por você e nosso filho. Vou fazer de tudo para te mostrar que meu amor é verdadeiro.

Para selar o que disse, Nicole beijou novamente os lábios carnudos de Daniel, que novamente se entregou ao seu paraíso particular. Por mais que ele ainda tivesse medo de sofrer de novo, e aquele inferno todo que sofreu sem sua amada, Daniel não resistiu ao olhar nos olhos profundos de Nicole e quando ela disse que o amava com uma sinceridade que o fez fraquejar sobre suas próprias pernas, ele não teve opção a não ser dar o voto de confiança que ela tanto estava pedindo.

CAPÍTULO 26

Os beijos continuaram e aos poucos o ar entre os dois foi ficando cada vez mais quente. As mãos estavam sedentas e passeavam por seus corpos, como se tivessem vida própria e estivessem relembrando do caminho de casa. Nicole gemeu quando Daniel aprofundou ainda mais o beijo e seu corpo se entregou. Fazia tempo demais desde a última vez que eles estiveram juntos, e isso fazia tudo ficar ainda mais excitante.

Daniel começou a beijar o pescoço de Nicole e ela se agarrou em seus braços fortes para dá-lo livre acesso. Os beijos molhados dele continuaram até encontrar como barreira a blusa dela que cobria bem mais do que ele gostaria.

— Que saudade — ele murmurou quando seus lábios morderam levemente os lóbulos da orelha da mulher, arrancando seu gemido mais sôfrego. Eles se afastaram brevemente e Nicole tomou as rédeas da situação, quando adentrou ainda mais no quarto, empurrando-o para perto da cama. Os olhos de Daniel queimavam os dela e isso era tudo o que ela precisava para continuar. Vagarosamente, Nicole parou na sua frente e dando um passo para trás, sem tirar os olhos do dele, tirou a blusa de uma forma sensual e logo depois foi a vez do sutiã. Seus seios já sensíveis reagiram quando os olhos de Daniel cobiçosos se prenderam neles.

Sem perder muito tempo, Nicole tirou seu short com a calcinha, ficando totalmente nua, parada em sua frente. Entregue. Era assim que ela se sentia. Ela estava despindo bem mais que seu corpo, estava despindo sua alma para ele. Seus medos e inseguranças estavam ali, e ele conseguia sentir isso.

— Eu sei que não vai ser de uma hora para outra, mas quero e vou reconquistar seu amor. Não quero me esconder mais. Sou sua e tudo o que eu quero é que você volte a ser meu.

Enquanto falava, Nicole permaneceu parada, ainda nua na frente de Daniel que mesmo tendo amado ver aquele lindo corpo nu na sua frente, amou mais ainda ver o brilho no olhar da mulher que ele amava. Fechando o espaço entre os dois, ele se aproximou e com uma certa reverência estendeu a mão como uma concha e tocou no seio dela, que suspirou ao senti-lo tão próximo. Seu corpo reagiu à proximidade dele e mais desejo foi despejado em suas veias. Daniel estava enfeitiçado. Seu coração batia forte no peito, tudo que ele queria era estar

de novo com Nicole. Queria tanto que não sabia se isso era um maravilhoso sonho ou se ele tinha morrido e entrado no paraíso. Seu paraíso particular.

Com os olhos presos nos dela, ele se aproximou e tomou seus lábios em um beijo explosivo. Daniel sugou seus lábios enquanto sua língua brincava com a dela. As mãos dele seguraram a mulher possessivamente entre seus braços, deixando claro a quem ela pertencia. As roupas do Daniel foram tiradas, sem que os lábios dos dois se afastassem. Com a respiração ofegante, eles se entregaram a toda saudade que estavam sentindo com beijos quentes e ofegantes. Nicole empurrou Daniel até a cama e quando ele se deitou, completamente nu também, ela olhou com luxúria para o corpo do seu amado.

Devagar, ela foi até ele e sem presa subiu nele. Daniel, ainda embriagado pela sedução da mulher, apenas colocou as mãos na cintura dela e deixou que ela comandasse. Nicole segurou no membro de Daniel que entreabria os lábios puxando uma respiração irregular. Ela se movimentava devagar, a mão para cima e para baixo deixando-o ainda mais louco de tesão.

— Se você continuar brincando comigo assim, não vou durar muito mais tempo — ele disse com a voz rouca que causava calafrios nela.

— Vou te mostrar o quanto te amo todas as horas do meu dia. E vou começar te mostrando o quanto nossos corpos se pertencem — declarou, colocando o membro de Daniel na sua entrada já molhada e fazendo pequenos movimentos para seus corpos se encaixarem. Ela começou a se movimentar devagar, mas aos poucos foi acelerando os movimentos conforme seu corpo começava a se desesperar por alívio.

Daniel olhava para Nicole enquanto a mesma se movimentava em cima dele e nada era mais lindo do que as expressões de prazer que ela fazia. Segurando em sua cintura, ele deixava que ela comandasse a todo momento, mas isso durou pouco tempo, pois ele queria mais. Muito mais. Em um movimento rápido, Daniel virou seu corpo e ficou por cima dela, sem parar, ele começou a bombear de verdade, enquanto Nicole gemia e beijava seu pescoço.

Seus corpos suados se conheciam e a sensação de reconhecimento estava no ar. Os lábios dele abocanharam um seio dela, que enfiou os dedos entre os cabelos macios dele e aproveitou enquanto era degustada como a fruta mais doce de todas. Seu corpo começou a tremer e Daniel sabia que ela também não iria durar muito tempo e aumentou ainda mais os movimentos. O barulho do choque de seus movimentos era misturado com os gemidos que ambos soltavam.

— Mais... eu preciso de mais — ela ofegou.

Ele aumentou o ritmo sentindo o corpo dela reagir.

— Eu devia te odiar, Nicole. Mas, você é minha droga particular. Não consigo resistir a você.

Depois dessa declaração, o mundo de Nicole virou um borrão, enquanto o mais potente orgasmo acontecia e, engolindo seus gritos de prazer, Daniel também gozou.



Um cheiro másculo acordou Nicole pela manhã e ao abrir os olhos ela se deparou com Daniel passando perfume, prestes a sair de casa para o trabalho. Durante alguns minutos ela ficou calada, observando-o andar pelo quarto, seu coração se encheu de amor. Ela teve ainda mais certeza da decisão que tomou ao decidir reconquistá-lo. O olhar de Daniel passou pela cama e ficou preso no seu. A intensidade da noite passada continuava no olhar dele e Nicole adorou isso.

Levantando-se da cama ela andou até ele, passou os braços ao redor de seu pescoço e deu um beijo molhado na sua boca. Daniel não resistiu ao beijo e, quando se afastaram, ambos estavam ofegantes mais uma vez.

– Bom dia — ela disse ao encará-lo.

— Bom dia — ele respondeu desviando o olhar. — Estou indo trabalhar, se precisar de alguma coisa é só me ligar.

O fato de Daniel não mencionar nada sobre a noite anterior a magoou, mas ela não disse nada. Nicole sabia que não seria fácil reconquistá-lo e estava preparada para lutar até o fim por ele.

Daniel saiu para trabalhar apressado e ao entrar no elevador respirou fundo. Tentado a voltar para o apartamento e fazer amor novamente com Nicole, ele precisou de todo o seu autocontrole para não fazer exatamente isso. Ele passou tempo demais sem ela e só de pensar em se afastar novamente o fazia perder a cabeça.

Durante todo o trajeto para o trabalho e ainda muito tempo depois, a cabeça de Daniel não parava de pensar em como havia sido boa a noite anterior. Estar com Nicole novamente era tudo o que ele queria e a cabeça dele estava muito confusa, apesar de seu coração estar radiante. Sentado na cadeira de seu escritório o homem tentava se concentrar no trabalho, quando seu celular apitou a chegada de uma mensagem. Um sorriso genuíno brotou em seus lábios quando ele viu que Nicole mandou uma foto de Anthony para ele.

Daniel usou a impressora do escritório para imprimir a foto do sorriso do seu filho e passou o dia inteiro olhando para ele. O dia se passou rapidamente e

quando chegou em casa Daniel se surpreendeu ao ver o jantar pronto e tanto Nicole quanto Antony sentados à mesa, esperando-o chegar.

— Tudo bem? — ele perguntou meio receoso.

— Sim, estamos te esperando para jantar — ela respondeu com o mais lindo dos sorrisos nos lábios.

Tudo estava tão confuso na cabeça de Daniel, ele sabia que se Nicole continuasse a se portar daquela forma ele se entregaria de vez e isso o assustava e animava na mesma proporção.

Após o banho, ele voltou para a sala e com um clima tranquilo eles começaram a comer.

— Como foi o seu dia, querido? — ela perguntou em um tom amoroso, se permitindo usar a última palavra.

— Foi bem e o de vocês?

— Foi tranquilo, certo filho? — Anthony, que neste momento estava na cadeirinha ao lado da mãe, sorriu resmungando como se entendesse o que fora dito.

— Estava pensando em assistir um filme com ele depois do jantar. Gostaríamos que você assistisse também — sugeriu, olhando no fundo dos olhos de Daniel, mostrando o quando realmente queria que ele participasse.

— Por mim pode ser.

Após o jantar, enquanto Nicole retirava a mesa, Daniel brincava com Anthony na sala. Eles escolheram o filme Rei Leão para ver com o menino, que ficava com os olhinhos vidrados na tela. Nicole se aconchegou no sofá e ao seu lado estava Daniel. Anthony, que estava deitado no carrinho parecia entrar no desenho e seus pais ficaram fascinados ao vê-lo acompanhando com tanto interesse o desenho. Como se tivessem um imã que os atraía, Nicole e Daniel se aproximaram ainda mais no sofá. Ela ficou com a cabeça deitada no colo dele, que faz carinho em seus cabelos e de vez em quando a observava, sem segundas intenções. Apenas queria estar ao seu lado.

Quando o filme acabou, ambos colocaram o pequeno adormecido no berço. Cada um deu um beijo na sua cabeça e saíram do quarto juntos.

— Vamos para a cama? — Daniel perguntou assim que eles chegaram ao corredor e, segurando na sua mão, Nicole foi com ele ao quarto de Daniel e assim que a porta se fechou, ele atacou os lábios da mulher que suspirou e se entregou às carícias.



Mais algumas semanas se passaram e uma rotina se estabeleceu entre o casal. Durante o dia Daniel trabalhava, mas vez ou outra mandava flores ou mensagens de amor para Nicole. Quando o primeiro buquê de flores chegou em seu apartamento, ela havia ficado tão feliz que ficou observando o arranjo o dia todo.

Nicole, por sua vez, deixou que ele sentisse todo o amor que ela sentia sempre que eles se tocavam. A cada dia eles descobriam mais um motivo para amar o outro e até Anthony parecia entender o quanto o amor da mãe e do seu pai era grande, pois ele começou a fazer questão de dormir cada dia no colo de um dos dois.

— Amor, o que você acha de fazermos um passeio ao zoológico com o Anthony? Ele ainda está pequeno, mas acho que vai gostar — Nicole perguntou um dia, quando eles haviam acabado de deitar-se.

— Podemos ir amanhã. O dia vai estar bom.

— Amanhã? Mas você não tem que trabalhar?

— Posso tirar um dia de folga e aproveitar com minha família. E, além disso, tenho que sair um pouco com a minha mulher... O mundo precisa saber que você é minha... Da mesma forma que sempre fui seu.

A declaração do homem a deixou sem fôlego e quando a luz se apagou, outra coisa a deixou sem fôlego, suada e completamente feliz.

O dia amanheceu e um sol maravilhoso se fazia presente no céu. Eles se prepararam cedo e saíram de casa felizes e sorridentes. A todo momento Daniel tocava em Nicole e a beijava nas horas possíveis. A Alegria de Anthony estava estampada em seu rosto e após passarem o dia vendo elefantes, girafas, macacos e todos os animais possíveis, eles voltaram para casa extasiados e mais felizes que nunca.

— Eu te amo — Nicole disse, sonolenta.

— Eu te amo — Daniel declarou baixinho e a abraçou, respirando fundo em seu cabelo e entregando-se ao sono também.

CAPÍTULO 27

Nicole acordou de madrugada mais uma vez, para amamentar seu filho. Olhando Anthony em seus braços, ela acariciou os cabelos ralos do filho e beijou sua testa de forma carinhosa e após um longo tempo conseguiu fazê-lo voltar a dormir.

Ela se encaminhou para o quarto do casal, já que ela não ocupava mais o de visitas, com passos lentos. Observou também Daniel espalhado na cama e parou por uns instantes admirando o homem que amava, sentindo que ainda precisava fazer uma coisa antes.

— Daniel? — sacudiu o corpo másculo suavemente.

— Oi — ele abriu os olhos calmamente, vendo a mulher à sua frente.

— Preciso que você cuide do Anthony — pediu, sem mais detalhes.

— Por quê? Eu tenho trabalho hoje, mas posso faltar para cuidar dele, sem problema.

— Eu preciso voltar ao meu apartamento.

Daniel ficou calado por alguns instantes, ponderando o que ela acabara de dizer. Por mais que uma parte sua quisesse Nicole ao seu lado, ele sabia que teria que confiar nela novamente. Que nenhum relacionamento funcionava sem confiança e sem compreensão de ambos os lados.

— Você pode ir — respondeu calmo. — Eu cuido do nosso filho, não se preocupe. Vá despreocupada.

— Obrigada Daniel.

E seguiu em direção ao banheiro para tomar um banho e se arrumar. Após fazer tudo isso, verificou o horário. O dia havia começado a clarear, mas seria uma viagem longa e ela queria voltar no mesmo dia.

Aquela seria a primeira vez que Nicole ficaria tantas horas afastada do seu filho e aquela situação a deixava angustiada. Não gostava de ficar longe de Anthony. Quando Oliver levava seu filho para ver ser seu pai, não passava de algumas horinhas. Ou quando ela deixou Anthony com seu irmão nas duas vezes que havia ido atrás de Daniel. Aquela seria uma viagem mais longa.

Quando tudo desmoronou ela havia voltado com Oliver e Heloise, portanto seu carro ainda continuava lá, no antigo apartamento, parado. Sendo ligado vez

ou outra por Julie ou o marido, para não dar nenhum problema.

Nicole teve que chamar um taxi, já que não queria carona nem de Daniel e nem de Oliver. Ela precisava daquele momento só para ela. Iria fazer algo que há anos não fazia, mesmo estando morando na cidade que seus pais moravam.

No caminho todo, a mulher olhava seu celular a cada instante, esperando alguma notícia, mas Anthony ainda devia estar dormindo, juntamente com Daniel. Ela havia deixado os dois na cama antes de partir. A viagem custaria uma fortuna, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Algumas horas depois, ela batia na porta de Julie com um enorme sorriso. Quando a mulher abriu, segurando seu filho no colo, ela se conteve para não abraçá-la com toda força que podia.

— Eu não acredito nisso — Julie comemorou feliz. — Você nem me avisou que vinha, sua safada! — Ela só faltava pular de felicidade.

Cinco minutos se passaram envolvidas em abraços, para que depois pudessem entrar. Nicole olhou ao redor, recordando-se dos momentos que ali elas haviam passado. Momentos bons e momentos tristes, mas acima de tudo, uma apoiando a outra.

— Como está esse pequeno homenzinho? — Nicole perguntou.

— Enorme e me dando muito trabalho — respondeu.

As duas passaram algumas horas conversando. Conversando sobre tudo. Nicole havia finalmente revelado a verdade à sua amiga, que se emocionou sabendo da história e da confiança que ela havia depositado nela. Algumas lágrimas rolaram em um determinado tempo, mas as risadas se sobressaíram.

— Por que voltou agora Nicky? — Julie a chamava pelo apelido.

— Eu precisava fazer algo antes de me entregar totalmente. — Suas bochechas coraram pelo comentário, mas a mulher à sua frente apertou sua mão em apoio e entendeu a que ela se referia.

— Eu estou realmente feliz por você. — Elas sorriram. — Não posso dizer que foi certo o que você fez a Daniel, mas eu sei o quanto você sofreu sem ele. Sei que você errou muito, mas agora precisa olhar para frente. Esqueça o passado amiga, só assim vocês poderão ter um futuro. Daniel perdoou você, agora é você quem precisa se perdoar.

— Ainda há muitas coisas a serem trabalhadas no nosso relacionamento Juh...

— Eu sei Nicky... Não estou dizendo que vai ser fácil e tudo vai ser flores e arco íris, o que importa é vocês tentarem. Eu nem cheguei a conhecer esse

Daniel, mas tenho certeza que ele te ama e se você se permitir ser amada, será muito, muito feliz. Apenas se permita.



Nicole estranhou dirigir após tanto tempo, mas a falta de prática não a afetou em nada. Ela adorava dirigir, sentir o vento em seu rosto enquanto uma música tocava no rádio ao fundo.

As palavras de sua amiga Julie passavam em todo momento em sua cabeça e ela estava finalmente fazendo o que ela pretendia desde o início em sua cidade. Visitar o túmulo dos seus pais.

Travou ao passar no portão antigo, cumprimentando um senhor desconhecido, que deveria ser um cuidador local. Não era nenhum cemitério chique, nem exorbitante. Mas era ali que enterram Richard e Clarice. A tia que cuidou deles depois de suas mortes não possuía muitas condições, mas deu o máximo de si naquela época para fazer um enterro digno para seu irmão e sua mulher, além de cuidar de dois filhos que não eram seus.

Ao chegar em frente aos dois túmulos, um do lado do outro, ela se abaixou depositando um buquê de flores em cada, olhando em seu entorno, verificando se não havia ninguém.

— Mãe... Pai... Eu sei que faz muitos anos... — Engasgou com as palavras em sua boca. — E que eu deveria ter vindo antes. Deveria ter vindo visitar vocês com mais frequência, mas eu não podia. Simplesmente não podia. Vocês compreendem? — Ela colocou uma mão em cima do jazido do pai e a outra no da sua mãe. — Eu fiz muitas coisas erradas nesse meio tempo, não sei se vocês teriam orgulho da pessoa que eu me tornei ou das coisas que fui capaz de fazer, mas eu juro que eu pensei que era a coisa certa... E deus sabe o quanto eu tentei e o tanto que isso me custou. Eu sempre quis que vocês dois pudessem acompanhar todas as minhas conquistas. Queria ter sido mais próxima de você mãe, sei que nunca demonstrei tanto meus sentimentos a você quanto eu gostaria, mas quero que você saiba que eu sempre te amei. Você é minha mãe e ninguém poderia tirar esse lugar de você. Queria poder ter contado a você sobre o meu primeiro beijo ou até mesmo ver você brigando comigo após descobrir que perdi minha virgindade, mas sabia que estaria me apoiando e me acalentando quando algum idiota quebrasse meu jovem coração... Eu sei que você estaria presente em todos esses momentos. Eu queria que você tivesse podido estar.

As lágrimas já molhavam o rosto de Nicole sem parar e ela as deixava cair.

Ela queria tirar todo o peso que segurava em suas costas desde criança.

— Eu tenho um filho pai, você sabia disso? Ele se chama Anthony e cresce mais a cada dia. Ele é um bom garoto, você iria adorá-lo. É tão esperto, tão sorridente... Mas o pai dele é Daniel Campbell. Você me odeia por isso? — A pergunta saiu em voz baixa de forma inocente. — Espero de verdade que você não me odeie. Eu arruinei a minha vida e a vida de quem eu amo para me vingar e honrar nosso nome, mas agora eu creio que nada disso faz mais sentido. — Ela respirou fundo por um momento. — Pai, eu queria ter sido capaz terminar o que você começou, porém eu não posso. Eu escutei um lado, onde você dizia que eles eram culpados e havia outro lado, onde você era o culpado. Eu ainda não sei qual é a resposta para essa pergunta, mas agora não importa mais. Eu o amo pai, amo do fundo do meu coração e eu sei que você me amava e tudo que mais queria era que eu fosse feliz. E ele me faz feliz, me completa, me ama e agora eu quero me permitir amá-lo de volta.

CAPÍTULO 28

Catherine bufou pela segunda vez, andando de um lado para o outro sob o olhar da mais nova. Heloise resolveu fazer uma visitinha à irmã, já que ela sabia da importância que Daniel sentia em relação à família e que ele estava pretendendo fazer um almoço para reunir a todos. Porém Heloise sabia dos sentimentos de Catherine em relação a Nicole e ela esperava resolver a situação antes que as duas se vissem pela primeira vez. A mais nova odiava injustiças e mesmo sabendo que aquele assunto não deveria ser abordado por ela, foi na casa de sua irmã. Alguém precisava tomar uma atitude. Daniel estava atolado de coisas. Agora Nicole morava em casa e ainda por cima havia Anthony no meio.

Heloise não era besta, sabia que nenhuma das duas iria tomar alguma atitude, sabendo disso, encontrava-se diante da loira, após ter contado toda a história para ela. Toda a história que Oliver havia lhe confessado.

— Você pode parar com isso? — A mais nova bufou, imitando o gesto da mais velha.

— Isso não... — A voz grosseira da loira ressaltou o que ela já previa.

— Você poderia se colocar no lugar de Nicole pela menos uma vez? — perguntou indignada.

— Não, não posso. — Cruzou os braços, revoltada. — Meus pais também morreram e nem por isso eu vou atrás de alguém querendo vingança... Nosso pai JAMAIS faria isso. Você deveria saber disso Heloise.

— Mas ela não... — tentava argumentar.

— Eu não quero saber, não quero. Não coloque essazinha de vítima porque não vai colar. — E se jogou no sofá, nervosa.

— Você não tem jeito, não é Catherine? — Olhou com raiva para a irmã.

— Não me faça essa cara — resmungou. — A culpa não é minha. E se você achava que com essa história eu iria cair de solidariedade por ela você está totalmente enganada. Ela está difamando nosso pai, nossa família. Eu não aceito isso. Não aceito!

— Eu sei que nosso pai não tem culpa de nada... Eu sei. — Heloise levantou as mãos em rendição. — Mas se ponha no lugar dela pelo menos uma vez. Não estou dizendo que nosso pai é culpado, jamais. Mas na cabeça dela, ele

é o culpado disso tudo. Você consegue entender? — A loira continuava calada. — Ela era apenas uma criança, assim como a gente. E não se faça de rogada, se fosse você no lugar dela, tenho certeza que faria a mesma coisa... Ou até pior.

— Não quero saber. — Encarou o lado, encerrando o assunto. Mesmo sabendo que sua irmã tinha um pouco de razão.

Após ter perdido os pais logo cedo, Catherine se fechou mais para si e com isso só restou seus dois irmãos. Daniel e Heloise. E ela faria qualquer coisa por eles. Por isso ela sentia tanta raiva. Nicole não tinha o direito de fazer seu irmão sofrer daquele jeito. Oliver ela até aturava, ele nunca fez mal à sua irmã. Apesar de tê-la enrolando por um bom tempo, entendia perfeitamente o porquê de ele ter demorado tanto para tomar uma atitude.



— Estou feliz por ter você em minha vida. — Oliver se permitiu confessar a Heloise.

Ela havia ido em seu apartamento e o mesmo a acolheu prontamente. Ela estava chateada por sua irmã, não havia dito o que aconteceu realmente na conversa entre ela e Catherine, mas sabia que o assunto envolvia Nicole e ela não quis lhe dizer nada para não magoá-lo.

— Eu posso te fazer uma pergunta? — Ela mordeu o lábio nervosa.

Eles estavam no quarto dele, haviam acabado de fazer amor e aquilo estava virando rotineiro já. Às vezes ele dormia no apartamento dela, mas na maioria das vezes ela aparecia em seu apartamento, toda sorridente, ansiosa para encontrar com ele.

— Claro — respondeu olhando-a.

— Porque você demorou tanto? — perguntou o que estava entalado dentro da sua garganta há tempos. Ela precisava de uma confissão dele, mesmo sabendo o porquê.

Oliver suspirou forte antes de responder.

— Eu não queria mais envolvimento com sua família — respondeu com sinceridade. — Eu sentia mais próximo de você a cada dia, mas não era só isso. Algo mais estava acontecendo. Eu estava me apaixonando... Mas eu não podia, entende? Eu só estava ao lado de Daniel porque eu realmente não tinha escolha. Eu já havia procurado por ela em todos os lugares possíveis, havia contratado detetive e nada... Sabendo da história dos dois eu achei que ele poderia me ajudar. Não estava nos meus planos ser amigo dele... Muito menos seu.

Principalmente seu. Seu jeito me encantou desde o princípio — confessou, colando sua testa na dela. — Em um determinado momento, eu não conseguia ficar longe de você... Mas a situação era tão complicada. — Ele fechou os olhos por um instante. — Eu tentei fugir... Tentei refrear meus sentimentos... Mas não dava. Você me encantou, Heloise. — Beijou os lábios com vontade, porém em um beijo rápido. — Você era da família dele... Deles... E eu estava sendo totalmente ridículo, eu sei, mas eu não queria ficar tão próximo assim... E eu não consegui... Eu precisava...

— Você não precisava. — Heloise o cortou, acariciando o rosto másculo. — Tudo que você precisa está bem aqui... — Olhou em seus olhos. — E eu não vou deixar você fugir disso. Não depois de tudo que você me disse.

— Eu não vou — respondeu, atacando os lábios dela novamente.



— Eu não sei se é uma boa ideia... — Nicole se jogou no sofá com uma careta estranha.

— Nicole... Por favor — pediu Daniel, puxando pelo bom senso dela.

Depois de mais uma noite maravilhosa de amor, a última coisa que queria era discutir. Naquele dia ele acordou com um sorriso no rosto, vendo sua amada ao seu lado, dormindo tranquilamente. Ela estava tão cansada que quando Anthony chorou, anunciando estar acordado, ele se levantou prontamente, iria deixar sua mulher descansar.

Uma carranca se formou em seu rosto, lembrando que só então pôde conviver com seu filho. Que perdera a fase inicial do seu pequeno e não podia fazer nada em relação a isso. Mas eles estavam juntos, e era isso que importava. Ele queria esquecer o passado e ele não iria mais perder nenhum momento da vida de Anthony. Quando chegou ao quarto do pequeno, lá estava ele no berço, em uma posição engraçada e fofa. Daniel deu a mamadeira com leite de Nicole e rapidamente ele pegou no sono e o homem pôde voltar aos braços de sua mulher, que era o seu lugar.

— Daniel nós não podemos...

— Esse é o próximo passo Nicole. Já passou meses e você ainda não a conheceu... É apenas minha família, relaxe. — Tentou argumentar, mas ele também estava inseguro.

— Que por acaso não gosta de mim — ela retrucou.

— É claro que gosta. — Ela lhe devolveu um olhar questionador. — Só

preciso que você tente.

— É por você Daniel, estou fazendo isso por você. — enfatizou.

— Eu quero comemorar... Só comemorar... Será um simples almoço.

— E o que você comemorar? — Foi a vez de ela perguntar.

— A vida. — Ela o olhou sem entender. — Eu tenho você... Tenho o nosso filho... Heloise finalmente se entendeu com Oliver... Minha irmã tem o tão sonhado filho dela e do Davis... A empresa está de vento em popa... Está tudo tão bem. Eu só queria um almoço com a família. Só a gente.

Nicole o olhou, mas não respondeu. Bom... Ela estava com o homem que amava também, eles tinham um filho maravilhoso e seu irmão finalmente se entendeu com sua cunhada. Sim, estava tudo bem e perfeito. Não haveria nada demais simples que um almoço em família... Se não fosse Catherine. Daniel também a havia alertado sobre ela, mas mesmo com o passar do tempo, as duas não tinham se visto. E desta vez havia partido de Catherine, que havia descoberto que eles estavam juntos e se recusava a aceitá-los. Nicole também não fazia questão da sua presença, mas isso era inevitável, ela era irmã de Daniel.

— Okay. — Deu de ombros. — Mas se ela vier com provocações eu não vou me calar. — Daniel captou rapidamente de quem ela falara e revirou os olhos.

— Sem brigas okay? — pediu, segurando a mão dela.

— Hum. — Se fez de raivosa, mas Daniel sabia que era fingimento. — Quando será?

— Amanhã... É domingo, dia de família — sorriu feliz, destruindo as barreiras de Nicole com aquele gesto.

CAPÍTULO 29

Por sorte, o sol se fez presente naquele domingo. A mesa estava devidamente posta. Tudo de bom e do melhor. Daniel queria um almoço digno de cinema. E não poupou esforços e nem dinheiro para isso.

Heloise foi a primeira a chegar com Oliver e já abraçou o irmão com vontade.

— Cadê o meu sobrinho? — perguntou animada.

— Oi para você também baixinha. — Se fez de ofendido. — Nem para cumprimentar o irmão direito.

— Mas veja só... — começou com deboche. — Um homem desse tamanho fazendo drama.

— Você quer mesmo falar de tamanho? — Ele riu alto e Heloise fechou a cara para ele, mas era tudo brincadeira.

— Okay... Quero ainda saber do meu sobrinho. — Mudou de assunto rapidamente, mas Oliver e Daniel se entreolharam e caíram na risada.

Bufando, ela saiu da sala e foi em direção ao quarto de Anthony.

— Que cara é essa? — Nicole perguntou observando a mulher entrar no quarto do seu filho com uma cara feia.

— Daniel e Oliver rindo da minha altura. — Colocou as mãos na cintura, indignada. — Você acredita?

— Acredito. — Nicole riu baixinho também e Heloise a olhou feio, ela parou rapidamente, colocando a mão na boca tentando não rir novamente.

— E esse príncipe? — Olhou para o sobrinho que estava no colo da mãe, já todo arrumado e limpo. — Está crescendo tão rápido! — Chegou mais perto e tomou o pequeno para si.

Nicole suspirou cansada. Havia limpado seu filho, dado banho, arrumado... Ela estava um caco e precisava urgentemente de um banho.

— Fica com ele rapidinho enquanto eu me arrumo? — pediu, apontando para si, demonstrando seu estado.

— É claro. — Heloise sorriu e partiu em direção à sala novamente.

Nicole se dirigiu ao quarto de casal, refletindo. Era estranho pensar aquilo

“quarto de casal” quando eles ficaram tanto tempo separados e todos os motivos que levaram para aquilo acontecer. Suspirou, balançando a cabeça. Não queria lembrar daquilo. Ela seguira em frente. Precisava viver o presente. Aceitou de vez que amava Daniel e aquele era seu futuro. O futuro que queria para si. Estar ao lado de seu amado e de seu filho.

Vinte minutos depois ela já estava de banho tomado e passava perfume, indo em direção ao espelho se observando. Não era querendo se achar, mas ela era bonita. Arrumada, mais ainda. Olhou seu reflexo e se viu novamente. Branca, com cabelos longos, lisos, cabelos castanhos e olhos castanhos cor de chocolate. Olhos pequenos e um pouco puxados, maçãs da bochecha proeminentes e um nariz pequeno. Era esguia e tinha belas formas em seu corpo.

O vestido era branco e uma parte com uma estampa floral, sandália simples e brilhosa no pé. Usara pouca maquiagem já que não era necessário, ainda era dia. Sentia falta de algo, mas não sabia o quê. Olhou se corpo de cima a baixo e finalmente lembrou-se. Saiu em direção à sua carteira e retirou de lá a pulseira que Daniel havia lhe dado.

Assim que Nicole havia partido, ela havia tirado a pulseira de seu braço e a guardado. Sabia que um dia voltaria a usar, mas ainda não tinha feito, e não sabia o porquê. Sentia que ainda não era hora. Com um sorriso no rosto ela partiu em direção à sala, escutando vozes conhecidas e a risada gostosa do seu bebê. Seu sorriso murchou rapidamente vendo uma loira com seu filho nos braços. E ele estava sorrindo para ela.

— Nicole... — Catherine a cumprimentou, mas com uma voz dura.

— Catherine... — a cumprimentou de volta, sem mais uma palavra.

— Você está linda. — Daniel, vendo o clima, chamou-lhe a atenção, chegando perto e beijando os lábios da mulher rapidamente.

— Obrigada — agradeceu.

Um barulho atraiu as atenções de todos, que se viraram rapidamente em direção à porta.

— Olha quem chegou! — Davis, de forma escandalosa entrou com seu filho, que sorriu com apenas alguns dentes na boca.

— Que lindo — as palavras saíram da boca de Nicole tão repentinamente que nem ela reparou.

Aproximou-se do bebê, segurando as mãos gorduchinhas dele. O pequeno sorriu para ela e ela devolveu o sorriso para ele. Nicole não percebeu o que acabara de fazer, até escutar um pigarro atrás de si. Catherine olhando de forma estranha para ela.

Não se tocou que havia mexido com o filho de alguém, que claramente não gostara dela. Mas e daí? Nicole não gostava dela também e mesmo assim ela estava ali segurando o seu filho. Então sim, ela poderia muito bem brincar com o filho da loira. Tomou Liam delicadamente dos braços fortes de Davis e o pequeno veio de bom grado, ainda com o sorriso no rosto.

O clima na sala deu uma esquentada e Heloise foi a primeira a quebrar.

— Estou faminta — exclamou, olhando para Daniel. — O que temos para o almoço?

— Bom... Hoje eu quis variedade e mandei fazer vários pratos diferentes... Risoto de frango, com queijo e tomate fresco... Salmão assado... Magret de pato com mel e especiarias...

— Oh céus! — Bateu palmas contente. — Mal posso esperar para comer.

— Podemos ir agora mesmo se vocês quiserem. — Todos concordaram e seguiram para a sala de jantar.

A comida havia sido posta na mesa e o cheiro contagiava todo o local. Certamente estava divino e todos olharam gulosos para a mesa. Após todos se acomodarem, os bebês ficaram cada um ao lado de suas respectivas mães, nas cadeiras apropriadas para eles.

Davis foi o primeiro a atacar e colocar de tudo um pouco. Os outros também provaram, mas moderadamente, apreciando a maravilhosa e saborosa comida. Liam tentava a todo custo pegar o salmão que estava à sua frente e todos riram da tentativa do bebê.

— É claro que puxou ao pai — Daniel comentou, fazendo todos rirem novamente.

— Mas claro que sim — respondeu com orgulho. — Não é filhão? — Partiu um pequeno pedaço do salmão que estava em seu prato e deu para ele.

— Davis — Catherine o repreendeu.

— É só peixe — comentou com inocência e todos riram mais uma vez, fazendo o almoço seguir tranquilamente, sem brigas e sem farpas.

Davis, Catherine e Daniel conversavam sobre um assunto e Nicole, Oliver e Heloise sobre outro. Não houve nenhum sinal de aborrecimento e isso deixou todos felizes ali. Pelo menos o almoço seguiria tranquilamente. Uma hora depois, todos voltaram à sala.

— Eu não aguento mais nada. — O grandão se jogou no sofá depois de ter repetido duas vezes a sobremesa, mesmo depois de ter comido horrores no almoço.

— Como você não engorda? — Oliver riu do cunhado.

— Muita musculação, baby — respondeu, fazendo graça e dando um beijo na bochecha de sua esposa, que o olhava de forma repreensiva em brincadeira.

O domingo passara rapidamente em meio a brincadeiras, risadas e conversas. As únicas que não interagiram diretamente foram Nicole e Catherine, mas pelo menos já era um progresso.

Quando a noite chegou e todos já haviam ido embora, Nicole estava completamente exausta. Daniel havia acabado de colocar Anthony para dormir, depois de ter dado um banho morno nele e esperava que ele só acordasse no outro dia, já que já era tarde e ele brincara com Liam durante o dia e uma parte da noite.

Os dois tomaram banho juntos, sem segundas intenções, e cada um se arrumou devidamente. Nicole se jogou na cama, chamando o amado.

— Vem deitar? — pediu manhosa.

— Vou sim amor. — Ele se jogou na cama também, observando-a tremer bastante.

— Olha como você fez a cama tremer — comentou rindo.

— Eu conheço outro jeito de fazê-la tremer. — Se aproximou e sussurrou no ouvido dela que se arrepiou com o contato.

Os dois ficaram de conchinha, mas não fizeram nada. Sentindo cada um o calor do outro. Daniel beijou com gosto a bochecha da mulher, sentindo a carne macia, abraçou forte e aconchegou-se mais ainda nela. Se permitindo descansar após um dia cansativo. Aquele era seu lugar.

CAPÍTULO 30

Eram três e meia da manhã de mais uma noite e Daniel se balançava com Anthony na cadeira. Ele havia feito de tudo e o pequeno se negava a voltar a dormir. O homem contava uma história para o bebê, que nada entendia, apenas olhava o pai com devoção. Muitas vezes era ele quem se levantava no meio da noite para ver o filho, adorava as horas que ficavam juntos e por trabalhar o dia todo, aquele era um momento especial para eles.

— Eu nunca mais vou te perder de vista pequeno. — Beijou a cabeça do filho com carinho. — Eu te amo.

Voltou a se balançar na cadeira e após meia hora, Anthony foi vencido pelo cansaço e dormiu. Após ter colocado o pequeno no berço, Daniel se levantou, se espreguiçando. Estava exausto e tinha que acordar cedo para trabalhar. Mas com toda certeza aquilo havia valido a pena.

Com sede, foi em direção à cozinha caminhando até a geladeira e, antes que pudesse concluir o ato, escutou um barulho em sua porta. Será que era o que ele imaginava?

Correu, tentando não fazer barulho, observando um papel no chão e não fez questão de pegar. Não naquele momento. Destravou a porta, com o alarme e quando a mesma se abriu, viu um adolescente assustado que tentou correr assim que viu o homem à sua frente. Porém Daniel foi mais rápido. Chegou ao garoto sem ele ter a menor chance e o segurou pela blusa, jogando-o contra a parede.

— Quem é você? — perguntou raivoso.

— Me deixe ir, por favor — implorou sem jeito.

— Por que está colocando essas coisas na minha porta? — Apertava o garoto cada vez mais.

— Eu só faço o que me mandam senhor — confessou assustado. — Agora me solta, por favor.

— Não mesmo. — Daniel o olhou de forma ameaçadora. — Quem te contratou?

Era claro que aquele menino não estava por trás daquelas atitudes. Claramente era apenas um meio de chegar até ele. E Daniel precisa saber quem era o mandante daquelas cartas.

— Quanto te pagaram? — perguntou um pouco mais calmo, mas ainda assim, o segurando.

— Eu não posso dizer... Não posso — balançou a cabeça. — Me deixe ir.

— Se você não me disser, eu irei à polícia e vai ser bem pior, garoto — ameaçou. O moleque era duro na queda. — Então é melhor você começar a falar.

— Mas eu não... — Se atrapalhou tentando falar.

— É dinheiro? — perguntou. — Se for... Eu te dou o dobro... Só preciso de um nome. Só um nome — pediu. — Não seja besta garoto. Eu posso te dar uma boa grana. Você só precisa me dizer o nome.

— Eu digo — se rendeu. — Eu digo! — Então finalmente Daniel soltou-o, fazendo com que ele caísse no chão, esperando saber o que ele precisava.

Daniel não sabia se sentia raiva ou agradecia por essa pessoa — quem quer que fosse — por ajudá-lo a encontrá-la. Pois o mesmo só obteve sucesso com a sua busca para encontrar Nicole por causa dele. Ou dela.

Mil perguntas passavam na cabeça de Daniel naquele momento e depois de obter algumas respostas, o garoto saiu de lá com um cheque gordo que Daniel havia lhe dado. Ele havia voltado para o quarto, encontrando Nicole dormindo serena e pegou sua carteira, tentando fazer o mínimo de barulho possível.

Com o papel em suas mãos, Daniel o encarou confuso, reconhecendo o endereço contido nele. Ele havia passado noites pensando em que poderia ser. Em como aquelas cartas chegavam até ele. Ele não conseguia entender o motivo da pessoa ter feito aquilo. Por que essa pessoa o ajudou? Por que não se revelou? Havia uma razão através de seus atos?

Guardou com cuidado em sua carteira e ao invés de voltar ao seu quarto e tentar dormir, refletiu sobre sua vida. Havia duas questões que para ele estavam sem respostas e, depois de todo aquele tempo, ele havia descoberto a resposta de uma. Porém ainda faltava outra e isso ele resolveria dali a poucas horas.



Na manhã do outro dia, Daniel andava às pressas pela empresa, afoito para estar logo em seu escritório. A dúvida martelava em sua mente lhe pregando diversas peças.

Com o paletó já desabotoado, recordou da noite anterior. Nicole não era besta, sentia que algo havia de errado com ele pela manhã, porém ela resolveu não insistir. Daniel havia passado a noite em claro, tentando tirar alguma conclusão, mas nada vinha à sua mente. Velou o sono de sua amada nas poucas

horas que restavam e quando já estava quase amanhecendo é que conseguiu dormir.

Revirou todos os papéis que estavam em seu escritório da cobertura, apesar de saber que ali não iria encontrar nenhuma resposta. Saiu de sua sala e andou pela empresa, atraindo a atenção de seus funcionários. O que diabos o chefe estaria fazendo caminhando por ali àquela hora? Ele deu bom dia a alguns e rumou para uma determinada sala. Teve que bater na porta, para conseguir entrar no ambiente. Um senhor com uma idade um pouco avançada encontrava-se ali. Ele esbugalhou os olhos vendo quem estava à sua frente.

— Bom dia patrão — saudou a Daniel, surpreso.

— Bom dia — respondeu educado, porém impaciente. — O senhor poderia me dar alguns minutos, por favor?

Sem questionar e nem dizer nenhuma palavra, o senhor saiu do almoxarifado deixando seu patrão sozinho na sala. Mesmo tendo todos os documentos da empresa anexados, ele ainda optou por manter o lugar. Conferindo se estava totalmente sozinho, ele trancou a porta e voltou seu olhar para frente, podendo observar milhares de papéis e pastas. Sendo esperto, começou a procurar logo por ano. Havia uma enorme papelada ali e ele tinha certeza que não sairia cedo daquele lugar.



Daniel ainda encontrava-se no seu escritório, estava chegando ao fim de mais um dia de expediente e daqui a pouco seus funcionários iriam embora, mas ao contrário deles, ele iria ficar mais tempo naquele dia, pois precisava revisar um importante contrato. O que ele havia planejado para aquele dia, havia sido deixado em segundo plano, então optou por ficar mais tempo.

Havia passado uma hora e meia de seu horário e o mesmo ainda continuava nos seus papéis, já que queria terminar aquilo naquela mesma noite. Ele escutava alguns barulhos vez ou outra através de sua porta e aquilo significava que Kate ainda estava na empresa. Concentrado no que estava fazendo, ele só percebeu que a mulher havia entrado em sua sala quando ela já estava em seu campo de visão.

— Desculpe senhor Campbell, eu bati duas vezes, mas o senhor não respondeu. — Ela mordeu os lábios, tentando parecer envergonhada, mas ao mesmo tempo sexy.

— Sem problema Kate. O que deseja? — Voltou-se para os papéis em sua

mesa.

— Eu vim desejar os parabéns pelo seu filho. — Isso sim, chamou sua atenção.

Inicialmente Daniel havia contado a algumas pessoas importantes que ele era pai, mas isso não havia incluído Kate. Ele também não tinha como esconder quem era a mãe da criança e também não queria isso. Não havia motivos para mentira. Ele não deu maiores explicações às pessoas, apesar de todos ficarem curiosos sobre o assunto.

Ele sempre foi um homem sério e correto, era estranho de uma hora para outra aparecer com um filho, ainda mais de uma de suas antigas secretárias, que havia sumido há um ano e ninguém nunca mais ouvira falar dela. Daniel não fez maiores comentários sobre Nicole e nem sobre o que estava acontecendo com os dois, mesmo depois de ter voltado com ela. Apenas disse que eles tinham um filho e isso era o suficiente. Ninguém precisava saber de sua vida pessoal.

— Obrigada Kate — agradeceu sem mais palavras.

— A senhorita Nicole irá voltar a trabalhar aqui? — perguntou curiosa, mas Daniel sentiu que não era apenas isso.

— Não — respondeu. — No momento ela está se dedicando apenas ao nosso filho, não há necessidade de ela voltar ao trabalho agora.

— Vocês estão juntos?

Daniel parou o que estava fazendo e olhou para ela com o semblante sério.

— Agradeço tudo que fez por mim Kate, você provou ser uma funcionária dedicada e rápida, mas isso não lhe diz respeito.

— Desculpe a intromissão, mas é que eu fico preocupada com o senhor. — Kate se aproximou dele, ficando em frente à sua mesa e se abaixando em sua direção, fazendo seus seios ficarem quase em seu rosto. — Me partiu o coração ao saber que ela queria apenas enganá-lo... Foi muita crueldade da parte dela... Sei que é o meu patrão, mas sinto que temos uma forte conexão, então quero o melhor para o senhor. O que eu puder fazer para agradá-lo — Suas mãos pintadas de um vermelho vivo foram parar no peito de Daniel, acariciando-o. — É só me dizer...

Sem impor força, Daniel segurou a mão dela, afastando-a de seu peito. Ele olhou para o convidativo corpo à sua frente, mas não sentiu nenhum desejo por ela. Quando a contratou anos atrás, ela se mostrou ser altamente eficiente e apesar de sua boa aparência, ele não se envolvia com suas funcionárias... Até a chegada de Nicole. Depois de um ano, e ter se afundado em corpos sem nenhum envolvimento, ficar com a mulher que ele amava minou a chance de qualquer

outra. Ele podia ter ficado com a belíssima loira à sua frente, mas sabia que seria apenas mais um corpo e não causaria nenhum efeito nele. Talvez pudesse até ficar com ela, para provar que Nicole não controlava suas emoções, mas ele sabia que aquilo era uma mentira e só atrapalharia tudo, pois sabia que se ficasse com ela, a mulher não desgrudaria mais.

— Eu vou falar apenas uma vez Kate... — Tentou manter seu tom baixo. — Eu nunca tive e nem terei nada com você. Você é apenas a minha funcionária e nunca passará disso. Se preza pelo seu emprego, mantenha suas mãos longe de mim. Não ouse tentar nada novamente, pois se o fizer, estará no olho da rua na mesma hora. Esse é meu último aviso. Então volte quieta para sua casa, que já passou do horário do expediente e você não deveria estar aqui. Eu vou fingir que isso não aconteceu, pelo seu próprio bem, porém sinta-se avisada.

— Desculpe senhor Campbell, acho que o senhor entendeu errado. — Por fora parecia calma, mas por dentro Kate estava morrendo de raiva.

— Boa noite senhorita, feche a porta quando sair. — E voltou sua atenção para os papéis mais uma vez.



Daniel chegou tarde da noite em casa, encontrando Nicole na sala de estar com uma carranca no rosto.

— Boa noite — desejou, aproximando-se da mulher, dando-lhe um selinho.

— Por que chegou tão tarde? — foi direta.

— Tinha que resolver algumas coisas no trabalho — Daniel passou a mão no cabelo, tentando mudar de assunto. — Como está Anthony? E você? Já jantaram?

Nicole arqueou a sobrancelha olhando novamente para ele. Algo estava errado. Ela sabia. Passara tempo suficiente com Daniel para conhecer seus gestos e principalmente, quando ele queria fugir de algo.

— Qual das perguntas quer que eu responda primeiro? — perguntou em deboche. Daniel a olhou de forma repressora e ela continuou. — Está dormindo. E sim, já jantamos, afinal olhe a hora que você chegou — alfinetou.

— Vou tomar um banho, estou exausto. — Bocejou, já desabotoando o paletó e seguindo em direção ao quarto do casal.

Mesmo levemente irritada, Nicole seguiu Daniel. Ele entrou no banheiro, deixando a porta aberta. Alguns minutos depois ela tomou coragem e se levantou da cama, indo para junto dele. Sem que ele percebesse, de forma discreta, ela o

observava no banho, através do box. Observar a sombra de Daniel e seus movimentos no banho, a estava deixando excitada. Seu corpo era másculo e atraente, fazendo-a imaginar loucuras. Sua vontade era entrar no box com ele, mas não o fez.

Ela estava com raiva, não estava? Ele claramente estava lhe escondendo algo e ela queria saber o que era. Não obtendo nenhuma resposta da parte dele, continuou ali parada, esperando o seu homem terminar o banho.

Ele então terminou e pediu que ela pegasse a toalha para ele. Mostrou-se surpreso, por encontrá-la ali. Carinhoso como sempre, lhe deu outro beijo na boca, ainda molhado, e ela voltou para o quarto, sentando-se na cama esperando-o.

Logo ele apareceu enrolado na toalha. Sua boca se movia, e o som que saía dela não chegava aos ouvidos da mulher. Sua atenção não estava voltada para o que ele falava, apenas olhava com desejo o corpo seminu à sua frente, ainda enrolado na toalha.

Daniel começou a se enxugar... O pescoço, tórax, braços... Ela não conseguia parar de olhar com desejo o corpo dele. Ele então começou a perceber, ficando logo com um sorriso faceiro no rosto. Com segundas intenções chegou mais perto, aproximando-se dela. Com uma atitude inesperada, ela esticou o braço, pegando a toalha da mão dele e falando para ele sentar ao seu lado, que ela secaria a sua cabeça.

Ele sentou-se, inclinando a cabeça em sua direção.

— Seu cabelo é macio. — Sussurrou.

Na mesma hora Daniel levantou, deparando-se com aqueles olhos castanhos doces e ao mesmo tempo sedutores brilhando. Ela começou a beijá-lo nos lábios, acariciando a sua nuca. Nessa hora Daniel ferveu de tesão. Dava mordidinhas no seu lábio inferior, enquanto ele acariciava a cintura de Nicole. Tudo carinhosamente, mas com muita intensidade, demonstrando sua real intenção. Ele a fez sentar no colo dele e começou a beijar seu pescoço lentamente e foi descendo para os seios.

Os bicos estavam duros, furando a blusa branca dela. Ele os acariciou ainda por cima da roupa, fazendo-a gemer de tesão. Ela beijava a nuca dele, mordida o lóbulo da orelha, fazendo-o sentir sua respiração começar a ficar ofegante.

— Temos que conversar Daniel...

— Não... Vamos fazer algo melhor.

Ele então tirou sua blusa. Vendo os montes em sua frente com um olhar sedutor, deu um sorriso lindo, olhando em seus olhos começou a morder os

bicos rosados, a segurando forte. Dando beijos nos seios, subindo até o pescoço novamente e descendo, indo de novo para os montes. Ela gemia baixinho, adorando aquilo, acariciando as costas dele, inclinando um pouco seu corpo para trás. Nicole havia perdido aquela batalha, ela não tinha mais forças para lutar e nem queria.

CAPÍTULO 31

Com o bolso pesando toneladas, ele chegou em seu apartamento indo direto ao escritório. Abriu o cofre e deixou o objeto lá dentro bem guardado. Não queria que Nicole o achasse e sabia que, com sua sorte, se ele deixasse em algum lugar pela cobertura, ela poderia encontrar.

— Você me chamou, Daniel? — Oliver entrou em seu campo de visão.

— Sim, entre por favor. — Oliver fechou a porta atrás de si e se sentou na cadeira em frente à mesa do escritório.

— Algum problema? — perguntou preocupado.

— Não, de forma alguma. — Daniel lhe deu um pequeno sorriso de confirmação. — Eu queria pedir uma coisa, se é que eu posso chamar de pedir...

— Pode falar. — Oliver estava curioso.

— Eu quero pedir a mão de Nicole em casamento e quero que você nos dê sua benção.

Oliver ficou calado, observando o homem que parecia radiante à sua frente.

— Você não acha muito cedo? — perguntou, mas não por discordar sobre a ideia do casamento.

— Eu sei que foi tudo muito rápido. — Daniel não levou o que ele disse a mal. — Mas eu amo sua irmã e ela me ama. Nós temos um filho, nós estamos morando juntos, nos amamos e estamos nos dando uma chance de recomeçar. O casamento é o passo mais certo a dar, mas eu não quero fazer isso por ser a coisa certa a fazer e sim porque eu não me vejo casando com mais ninguém além de sua irmã. Eu escolhi perdôá-la e vamos fazer dar certo. Nós somos uma família agora, não posso e não quero esperar mais. Quero que ela seja minha esposa.

Ouvindo tudo que ele falou, Oliver se emocionou. Não havia marido melhor para sua irmã do que Daniel.

— Eu fico feliz por vocês, de verdade. Vocês têm toda a minha benção.

— Eu sei que nossa amizade ficou abalada com a volta de Nicole e não quero relembrar tudo o que passamos para chegar até aqui, mas eu te agradeço por ter ficado ao lado dela e ter dado o apoio que ela precisava naquele momento. — Ele se referia à guarda do filho. — Agora entendendo toda a situação, sei que você nunca aprovou o que Nicole fez e mesmo não caindo de

amores por mim no início — os dois sorriram — você deu o braço a torcer e veio até a mim pela sua irmã. Isso não tem preço.

— Apesar dos pesares, acho que eu tinha consciência que você era o melhor para ela — admitiu.

— Eu espero que possamos retomar nossa amizade...

— Mas forte que antes, amigo.

Oliver foi o primeiro a se levantar e ir em direção a Daniel, que levantou também dando um abraço rápido no seu cunhado. Oliver demonstrou todo o seu apoio e torcia pelos dois.



Daniel não queria fazer o pedido de qualquer maneira, ele era um cara romântico e queria que tudo fosse feito da melhor forma possível. Com isso, ele traçou todo um plano em sua cabeça, para que o pedido saísse perfeito.

Encontrando Nicole e Anthony na cama, ele se encostou na porta do quarto do casal, admirando o momento mãe e filho.

— Atrapalho?

Nicole sem se dar conta da sua presença antes, sorriu para ele.

— Olha quem resolveu aparecer, meu amor — falou para seu filho que, mostrando um sorriso banguela, reconheceu o pai. — É o papai, não é?

Daniel foi em direção à cama e deu um beijo rápido na boca de Nicole e um beijo no rosto gordinho de Anthony, pegando-o em seu colo e curtindo um pouco com ele, que gargalhava com as brincadeiras do pai.

Em meio a risadas e toda aquela bolha em família, Daniel jogou verde.

— O que você acha de um dia só nosso meu amor? — Nicole adorava quando ele a chamava assim. Agora ela sentia que tudo se encaixava novamente.

— Eu acho uma excelente ideia — comentou. — No que você está pensando?

— Poderíamos voltar para aquele chalé. Aquele final de semana foi tão bom, porque não repetir?

— Mas e Anthony? Voltaríamos no mesmo dia?

— Agora ele está maiorzinho, pensei que podíamos deixar ele apenas uma noite com Heloise e Oliver.

— Eu não sei Daniel... — respondeu indecisa, ponderando sobre a ideia.

— Vamos lá meu amor, vai ser só uma noite e ele vai adorar estar com os dois e garanto que não há lugar mais seguro do que com eles. O que me diz?

— Okay... — Aceitou, ansiosa em ter um tempo sozinha com Daniel. — Mas eu quero pelo menos uma mensagem a cada hora, dizendo como nosso filho está!



Quando o fim de semana chegou, Nicole separou algumas roupas e sua melhor camisola e guardou em uma pequena mala que levaria. Oliver e Heloise ainda não moravam juntos oficialmente, mas era quase como, já que sua cunhada vivia na casa do seu irmão quase todos os dias. Agora oficialmente eles namoravam e aos poucos e com muita calma, ela foi se aproximando de Heloise.

O que Heloise tinha de pequena, compensava com sua alegria. Era engraçado ver seu irmão tão alto e a mulher tão baixinha em comparação a ele. Enquanto Heloise falava alto, brincava, era super carismática, Oliver era exatamente o oposto, sempre com sua postura séria de advogado. Mas ele era completamente apaixonado pela mulher e ela por ele. Nicole não tinha como não ficar feliz pelos dois. Oliver merecia a felicidade, assim como ela.

Após deixarem Anthony lá, o casal rumou em direção à estrada. Após algum tempo dentro do carro, Nicole estranhou o caminho, olhando Daniel algumas vezes e o mesmo continuava sério no volante, sentindo a mulher inquieta, mas achando graça na situação.

— Nós estamos indo para o Brooklyn? — perguntou surpresa.

— Algum problema com isso?

— É claro que não, mas você... O todo poderoso Daniel Campbell está indo me levar para passear no Brooklyn? — brincou.

— Para a senhorita que não sabe, eu já estive lá diversas vezes.

— Essa é novidade. — Ela riu. — Agora me conta para onde estamos indo.

— Jamais.

Ela olhou indignada para ele, mas ele apenas deu de ombros e continuou a dirigir. A viagem foi silenciosa, enquanto uma música tocava no carro e Nicole cantarolava baixinho vez ou outra.

Demorou algum tempo até chegarem, já que a cobertura que eles moravam ficava em um dos mais caros bairros, do outro lado da cidade. Quando a mulher avistou a placa anunciando onde eles estavam chegando, ela abriu a boca

estupefata.

— Prospect Park? Você está brincando com minha cara! — Bateu no ombro dele de leve, alegre. — Eu nunca tive chance de vir aqui.

— Eu sei. — Daniel ficou feliz pela mulher ter gostado da surpresa. — Você me disse uma vez, enquanto conversávamos.

— Você lembra de tudo que eu disse esse todo tempo? — O encarou surpresa.

— Eu me lembro de tudo referente a você Nicole.

Nicole o olhou de lado e assentiu, sentindo uma paz interior. Ele realmente estava dando uma chance a ela e a cada dia tinha provas disso. Tentava sempre demonstrar seu amor por ele também, mas à sua maneira.

— Esse lugar é maravilhoso!!!

— É um dos maiores parques aqui do Brooklyn. Eu tive chance de vir aqui duas vezes, mas foi a negócios e tive que ficar horas preso no restaurante.

— Negócios aqui? — perguntou, confusa.

— Não negócios daqui, mas para discutir com um empresário que morou perto por muitos anos e sua paixão era esse lugar, então vínhamos almoçar e tratar de trabalho aqui. Mas não quero falar de negócios aqui, quero aproveitar. Com você, venha. Segurou sua mão, caminhando em direção ao parque.

Prospect Park possuía uma riqueza natural com lagoas e vegetações. O lugar era absurdamente lindo e os dois caminhavam observando tudo com atenção. Por ser um final de semana, estava cheio, mas não a ponto de não conseguirem um espaço para ficarem, mas Daniel queria mais. Então eles andaram, andaram e andaram até encontrarem um lugar só para eles.

Na outra mão, o homem carregava uma cesta que ele mesmo havia preparado com frutas, queijos, bolo e outras comidas. Uma toalha foi posta em cima da grama, na sombra de uma enorme árvore que havia ali. Os dois sentaram-se e começaram a colocar as coisas para comerem.

— Isso está uma delícia. — Ela referia-se ao bolo.

— Está mesmo? — Então Nicole deu um pedaço pequeno em sua boca e ele mastigou experimentando, acenando com a cabeça em positivo. — Realmente está!

Após comeram tranquilamente, conversando sobre amenidades, a mulher deitou-se colocando sua cabeça nas pernas de Daniel, que estava sentado.

O dia não estava frio e ela estava apenas com um casquinho fino e um vestido longo simples. Como era dia, não queria estar com uma roupa pesada.

Ela sentiu seus cabelos sendo acariciados e o vento batendo em seu rosto. Olhou para o céu, vendo o sol aquecê-los e sentindo o cheiro de natureza. O único barulho perto que era ouvido era da natureza.

— Obrigada. — Sussurrou.

Em resposta ele curvou-se e beijou os lábios com delicadeza.

Assim eles passaram o dia. Ficaram algumas horas naquele mesmo local e se dirigiram para o restaurante que Daniel tinha comentado e almoçaram por lá. Logo depois foram usufruir do ambiente, pedalaram juntos e só pararam quando se cansaram.

Nicole não conseguia expressar em palavras a felicidade que estava sentindo. Eles conversaram, riram, brincaram entre eles, até usaram um pedalinho e ficaram observando o sol se pôr nele, abraçados.

— Eu amo você Daniel. — As palavras saíram naturalmente.



No fim da tarde, eles voltaram para o carro, levando as coisas que trouxeram com eles. Mais uma vez, pegaram a estrada. Nicole estava tranquila e não se importou de pegarem um pouco de trânsito, por conta do horário.

Daniel estacionou o automóvel e ela pôde observar o conhecido lugar. Estava do mesmo jeitinho que antes. Se alguém contasse a ela o que aconteceria após o fim de semana que havia passado ali, ela nunca acreditaria. Havia sido ali que os sintomas de sua gravidez se apresentaram e ela lembrou que ainda havia tomado anticoncepcional, mas que por um milagre não causou nada em seu filho. Assim que descobriu, parou com o remédio na mesma hora.

Falando em seu filho, Oliver e Heloise haviam mandado mensagens o dia todo, assim como ela havia pedido, até foto com ele enviaram. Ela sabia que ele estava em boas mãos.

Nicole sentia Daniel inquieto na volta e um até um pouco aéreo algumas vezes no dia, mas quando ela perguntava se estava tudo bem, ele afirmava que sim, então ela deixou para lá.

— Você não vai entrar? — perguntou vendo-o parado na porta, após tê-la aberto.

— Porque você não vai primeiro? — pediu e ela estranhou novamente.

O lugar estava escuro, mas ela foi arrebatada por um cheiro maravilhoso na casa. Sabendo onde estava o interruptor, ela ligou a luz e viu a sala cheia de

pétalas de rosas no chão, e algumas rosas espelhadas estrategicamente pelo lugar. A lareira estava acesa, mas com um fogo baixo. Tudo estava impecável.

— Mas o que... — ela estava sem palavras.

Daniel apareceu em sua frente e tomou sua mão, levando-a até o meio da sala. Ela não entendia o que estava acontecendo, mas havia adorado a surpresa. Ninguém nunca tinha feito algo assim por ela.

— Nicole Sullivan...

— Daniel Campbell... — Brincou.

Ele tirou uma caixa do seu bolso e segurou-a entre suas mãos.

— Desde que você entrou na minha vida Nicole, eu tinha certeza que você era a mulher certa para mim. Eu te amei desde aquele primeiro momento. Quando você entrou no meu escritório, naquele dia, te segurei antes de você cair e eu me perdi nesses seus olhos castanhos. Quando você sofreu aquele acidente de carro, foi inevitável não pensar que eu podia te perder... E eu perdi. Nesse ano em que você esteve longe, eu morri um pouco a cada dia. Não posso dizer que muitas vezes não quis matar você. — Ele sorriu, balançando a cabeça. — Mas apesar de tudo isso, eu continuei a amar você. Todos os dias desde que eu te conheci eu amei você. Você me deu o melhor presente que eu poderia receber na minha vida, nosso filho. E apesar da nossa história conturbada e de todas as tragédias que aconteceram conosco, ainda é com você que eu quero dormir e acordar todos os dias. Eu tentei negar a mim mesmo por um longo tempo, mas o amor que eu sinto por você é maior que qualquer coisa. — Então abriu a caixinha, mostrando duas alianças. — Nicole Sullivan, eu amo você com todo meu coração... você aceita se casar comigo?

Naquele instante, a mulher prendeu a respiração, tamanha surpresa. Seu coração acelerou e suas mãos tremiam, e após um pequeno minuto de tempo, ela respondeu.

— Eu sinto muitíssimo Daniel, mas minha resposta é não.

CAPÍTULO 32

O único som ouvido após sua resposta foi o baque da caixinha com as alianças se fechando. Daniel olhou para Nicole com tanta dor que ela deu um passo para trás.

— Deixe-me explicar Daniel... — implorou.

O homem deu as costas para ela e ficou parado, passando a mão pelos cabelos em forma de desespero.

— Eu quero um motivo Nicole — exigiu ainda sem olhar para ela.

— Porque eu ainda não estou pronta para você. Porque eu ainda não sou a pessoa que eu quero ser para me entregar totalmente a você.

— Se você não quer se casar comigo, apenas tenha a decência de dizer isso na minha cara. Droga!!!

Nicole foi em sua direção e, tocando em seu braço, virou-o.

— Eu preciso que você me entenda Daniel. Olha para mim. Olhe para dentro dos meus olhos — implorava novamente. — Eu amo você. Eu nunca amei tanto alguém da forma que eu te amo Daniel Campbell. E a cada dia que eu passei longe de você, eu também morria por dentro. Eu cometi muitos erros, inúmeros na verdade. Eu fodi com a sua vida de uma forma que eu jamais me perdoarei e mais uma vez você me aceitou de volta, mas acabamos de voltar... Estamos a alguns meses juntos novamente e eu estou dando o meu melhor para ser a melhor para você, mas se eu não conseguir... Não quero te machucar novamente...

— Eu estou vendo todos os dias o quanto você está tentando...

— Mas isso não é o bastante ainda Daniel. Eu não sinto que é o bastante, eu quero fazer mais por você e pelo nosso filho e nesse momento eu ainda não estou preparada para esse passo. Deus sabe que se um dia eu casar com alguém, esse alguém vai ser você, mas eu te peço um pouco de calma.

Afastando-se dele, ela foi em direção à sua bolsa que estava junto das coisas que Daniel havia trazido no carro, enquanto eles estavam vindo. Ainda com as mãos trêmulas ela se atrapalhou tentando achar sua carteira. Abrindo-a ela pegou a pulseira que ele havia lhe dado no passado.

Daniel olhou para ela segurando a pulseira em suas mãos e não entendeu o

porquê.

— Você se lembra dela? — perguntou e voltou para perto dele, que apenas acenou com a cabeça, ainda confuso. — Você me deu quando eu saí do hospital, depois do acidente que tive... O primeiro objeto é uma garrafa de bebida, representa a segunda vez que você me viu e de como eu estava completamente bêbada. — Ela segurou o objeto que o representava e depois passou para o próximo. — O segundo é um sapato, porque naquela mesma noite eu vomitei nos seus sapatos caros italianos favoritos. — Ela sorriu com a lembrança e ele lhe acompanhou, recordando-se também. — O terceiro é um barril de petróleo, que significa nosso vínculo com a empresa e tudo que passamos nela e o quarto é uma chave. — Ela olhou para o objeto por um instante e voltou seu olhar para ele. — Você disse que essa chave significa a chave do seu coração.

— Eu ainda não entendi aonde você quer chegar Nicole.

— Quero dizer que eu ainda não aceito essas alianças e te peço que as guarde por um ano. Enquanto isso, essa pulseira vai representar o nosso compromisso e eu vou usá-la todos os dias, para me lembrar da promessa que eu vou fazer.

— E qual seria essa promessa?

— Daniel Campbell, eu prometo que todos os dias daqui para frente eu vou tentar ser uma pessoa melhor pela nossa família. Que quando eu tiver com medo, eu não vou ter vergonha de procurar você e me abrir. Que eu vou fazer de você meu porto seguro e vou me apoiar em você todas as vezes que eu precisar. Que eu não vou precisar enfrentar todas as batalhas sozinha, porque você vai estar comigo em todas elas. Eu prometo te amar todos os dias daqui para frente, porque você merece todo o amor do mundo.

— Um ano? — perguntou Daniel, emocionado com as palavras de Nicole, mas fez o máximo para não demonstrar.

— Um ano — repetiu Nicole e ela mesma colocou a pulseira em si. — Agora temos um acordo e não vou quebrá-lo.

Sem mais delongas, Daniel pegou Nicole em seus braços e ela assustou-se, sem esperar por aquela atitude. Ela não fazia ideia que ele iria pedi-la em casamento e não aceitar o pedido, não só magoou a ele, como também a ela, mas sentia que tinha que estar cem por cento bem consigo mesma, para dar aquele passo tão grandioso.

— Isso não é só para a lua de mel? — perguntou, se permitindo fazer a brincadeira, querendo ver a reação dele sobre o assunto.

— Eu tenho que ir treinando. — Subiu com ela sem muitas dificuldades

para o andar de cima. — Um ano passa rápido, mas eu não quero perder a prática. — sorriu.

Quando eles chegaram à suíte principal do chalé, Nicole abriu um enorme sorriso vendo o quarto todo enfeitado no mesmo estilo da parte de baixo, a única diferença era uma iluminação mais baixa, enquanto havia algumas velas decorando, duas taças e um champanhe caro em um balde com gelo.

Nicole foi colocada em cima da cama, de forma cuidadosa e antes que fizessem algo, ela pediu para tomar um banho rápido e Daniel concordou, eles haviam passado o dia todo fora e não estavam tão limpos assim.



Nicole apareceu alguns minutos depois, havia tomado um banho de chuveiro, pois não queria demorar. O homem já havia tomado banho primeiro que ela e a aguardava com as taças cheias em suas mãos.

Ela estava de lingerie preta e de cinta liga completando o visual, deixando Daniel babando com a visão. Ela aproximou-se tomando uma das taças para si e bebericando de forma sensual, deixando escapar algumas gotas que iam descendo pelo seu queixo e Daniel prontamente a lambeu.

Ele a fez sentar-se em seu colo. Só que de costas para ele. Em uma forma de tortura, Daniel acariciava seu ventre. Beijando sua nuca, costas, ombros, descendo a mão para sua calcinha. Depois reiniciando tudo novamente. Seu pênis estava já duro na cueca e implorava para ser liberado e tocado.

Colocando a mão dentro da calcinha, ficou acariciando ela, massageando sua feminilidade. A intimidade de Nicole estava inchada e molhada. Daniel a sentia, estremecendo de tesão por ela, adorando aquela sensação. Sua mulher era maravilhosa e era totalmente dele. Só dele. Ter essa confirmação no papel era só uma questão de tempo.

Ele levantou-se, deixando-a na cama. Sem paciência, ele retirou a única peça que lhe restava, revelando todo seu corpo nu para ela, que o olhava de forma desejosa. Aproximou-se e ela se levantou, indo em sua direção, ainda de lingerie. Beijou a boca de seu amado com gosto, por uns bons minutos e depois foi descendo para o pescoço, peitoral, abdômen, descendo mais, parando antes de chegar lá.

O segurando firme com as mãos, passava o polegar na cabecinha rosada, fazendo movimentos de vai e vem. Ela observava sua reação, vendo o quanto ele estava adorando aquilo tudo.

— Continua — implorou cheio de tesão e ela o fez, mas parou quando ele estava quase em seu limite.

Nicole o olhava com um sorriso sarcástico no rosto, Daniel entendeu que ela estava provocando-o. Então ele a jogou de volta para cama e se deitou, deixando seu corpo másculo por cima, sem impor seu peso. A abraçou, beijando todo o seu corpo, descendo até sua intimidade, lambendo-a de cima a baixo. Nicole virou os olhos, tamanho o prazer que estava sentido.

Como era bom sentir a língua quente dele nela. Ele lambia, chupava, beijava suas coxas e voltava a chupar com carinho e vontade, mas assim como ela fizera há pouco, ele também parou. Assim como ele não teve sua libertação, ela também não teria. Não ainda, pelo menos.

Ele subiu, apreciando cada parte do corpo dela com a boca novamente. A virou, beijou seu bumbum, apalpou, beijou suas costas. Ela teria seu corpo todo beijado aquela noite. Depois de alguns minutos virou-a mais uma vez, olhando-a nos olhos, passando o polegar na sua boca, acariciando seu rosto, beijando-a fortemente.

Ela olhou nos olhos dele, mordendo o lábio inferior sentindo seu pênis ainda muito duro. O homem a pegou pela cintura, ajudando-a a sentar nele. Devagar, sentindo todo seu comprimento, ela gemeu. Daniel a ajudava, segurando sua cintura.

Nicole começou a cavalgar devagarinho, sentindo-o apertar em seu centro, deslizando, entrando e saindo, entrando e saindo. Ela arranhava carinhosamente suas costas, massageando a nuca dele e os cabelos. Ele descia as mãos para o bumbum, apertando e a trazendo para mais perto do corpo dele.

Os corpos estavam suados, se querendo, numa verdadeira fusão. Ele olhava nos olhos dela também, beijando seus lábios, o canto de sua boca. Beijava seu pescoço, chupava, sentindo o cheiro da sua mulher, que continuava a se movimentar.

Necessitando da libertação, aumentaram a velocidade. Daniel foi ficando com a respiração mais ofegante, abraçando-a. Os dois gemiam, como numa sinfonia. Até que ele sentiu a intimidade de sua mulher o apertando cada vez. Nicole cravou suas unhas nas costas dele, mordendo seu ombro de leve e gemeram juntos, gozando. Os corações disparando. Sentindo explosões dentro de si. Os movimentos foram ficando mais leves, até finalmente parar, enquanto respiravam forte. Se beijaram. Os lábios se acariciando de forma terna, recuperando o fôlego.

Ele deitou-se, puxando-a para si, fazendo-a deitar sobre seu peito,

acariciando seus cabelos e costas de uma forma carinhosa e única. Ficaram ali, se sentindo, com ele ainda dentro dela, esperando os corações se acalmarem.



— Você não ficou chateado comigo?

Os dois estavam na banheira, ele sentado com Nicole em suas costas. Abraçando vez ou outra, mas sempre acariciando seu corpo, sem segundas intenções, já que eles haviam acabado de fazer amor por horas.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não, mas eu consigo entendê-la um pouco. Ainda está muito recente e ainda temos muitas coisas que aprendemos juntos. Você ainda é muito nova...

— Não... — se explicou. — Não se trata de idade, eu acho que desde o início eu te amei também — confessou. — Eu só não tinha coragem de assumir para mim mesma. Eu estava tão perdida naquela época Daniel, não que isso fosse uma desculpa para os meus atos, mas era difícil para mim... Eu tinha que escolher entre você e o meu pai.

Daniel gostava quando Nicole falava de seu passado, fazendo assim com que ele a entendesse um pouco mais. Não era sempre que a mulher falava sobre o assunto, mas quando ela o fazia, ele a escutava sem julgamentos.

— Nós sofremos tanto separados... Eu não consigo imaginar mais a minha vida sem você.

— Eu desisti uma vez...

— Desistiu? — perguntou Daniel surpreso e atento. Seus sentidos em alerta.

— Quando eu descobri que estava grávida do Anthony... Eu disse a você que ia para a universidade, mas na verdade fui ao médico e ele confirmou o que eu já havia suspeitado, mas achava que era coisa da minha cabeça... Eu tomava remédio regularmente e aquilo não fazia sentido, então ele me explicou que os remédios que eu estava tomando por causa do acidente, cortaram o efeito do anticoncepcional e eu tive sorte que Anthony não nasceu com nenhum problema. Nosso filho é completamente saudável.

— No dia da nossa briga?

— Sim — respondeu, perdida nas lembranças daquele dia. — Tanto sofrimento poderia ter sido evitado... Eu sinto tanta culpa Daniel...

— Eu quero que você olhe para mim. — E então ela virou em sua direção, com olhos tristes. — Nós combinamos de deixar o passado para trás, não foi?!

Então, é isso que vamos fazer. A partir de hoje teremos um novo começo. — Segurou no braço da mulher, levantando e mostrando a pulseira que ele havia dado a ela. — Como você mesma disse, isso representa nosso futuro e o sinal do nosso amor. Agora vamos olhar para frente e o passado vai ficar no passado de vez.

— Eu amo você Daniel, hoje começa o nosso futuro e eu sei que vamos ser muito felizes. — Sorriu.

— Eu amo você Nicole e sei que enquanto eu tiver você e o Anthony do meu lado, eu serei feliz.

CAPÍTULO 33

Daniel

364 DIAS DEPOIS

Era sábado à noite e eu tomava um vinho escorado na porta, observando Nicole com Anthony sentada em uma cadeira de balanço, contando histórias para ele dormir. Agora que ele estava mais crescido, era difícil fazê-lo dormir como antes.

Ele estava maior e mais sapeca, naquela fase onde estava andando e falando querendo pegar em qualquer coisa e colocar na boca. Me enlouquecendo e enlouquecendo sua mãe de preocupação. Tivemos que tirar todas as coisas importantes que estavam acessíveis a ele e colocar proteção em todas as tomadas.

Quando a respiração de Anthony se acalmou, ela o colocou no berço com cuidado, conferindo uma última vez. Ligou o abajur e desligou a luz do quarto, vindo em minha direção e me abraçando, enquanto caminhávamos em direção ao nosso quarto.

— Parece que alguém te venceu hoje, amor. — Brinquei com ela enquanto deitávamos.

— Ele está impossível — comentou dramática, fazendo-me rir. — Eu tive que ler duas histórias para ele finalmente pegar no sono. Antigamente meia história bastava, então passou o tempo e era uma, agora foram duas e ele está apenas com um ano e meio. Acho que teremos que comprar aqueles livros grossos para o futuro...

— Nosso filho está crescendo e alguém está com dificuldades em aceitar isso... Cof cof... — Fingiu tossir. — Talvez daqui a pouco esteja trazendo uma namoradinha para conhecermos. — Observei-a arregalando os olhos e ri novamente.

— Daniel Campbell, você nem ouse dizer isso... Ele é apenas um bebê... Meu bebê, e nenhuma menininha assanhada vai tomá-lo de m...

Tentando acabar com a discussão, beijei seus lábios com paixão, trazendo-a para perto de mim, já que estávamos na cama agora. Senti sua língua brincando com a minha, com vontade. Aproveitando a deixa, mordi seu lábio inferior e puxei seu cabelo com vontade, mas sem impor força, fazendo-a suspirar.

— Do que nós estávamos falando mesmo? — perguntou, quebrando o clima do beijo.

— Eu não consigo lembrar... Mas talvez se você me beijar de novo eu consiga... Vem cá. — Atacou minha boca e eu não reclamei.

A vida a dois não era fácil, mas conseguimos tirar de letra. Depois do dia do chalé, nossa vida havia realmente mudado. Nós realmente estávamos seguindo em frente. Quando a propus em casamento na época, eu fiquei sem palavras, quando ela disse não e, apesar de não ficar com raiva dela, eu não tinha como não sentir um sentimento ruim dentro de mim, mas hoje eu realmente compreendi que ela precisava daquele tempo. Que ela precisava amadurecer mais.

Ela havia crescido em uma casa, onde seu pai era seu herói e ela culpava minha família por tudo que havia acontecido com eles. Demorou um tempo para ela contar como realmente havia sido a morte de seus pais e que ela viu o carro que eles estavam explodindo em sua frente e de seu irmão. Qual criança não cresceria traumatizada com isso?

Vendo que aquele era um assunto no qual ela preferia não conversar muito, apenas soltava algumas informações e depois fugia, mudando para outro, eu respeitava isso. Foi com cautela que eu fiz uma sugestão, para ela se consultar com um psicólogo. Ela ficou bastante receosa no início, se recusando a ir e, vendo que tudo não passava de medo, eu me prontifiquei a ir com ela, ficando do lado de fora, enquanto ela se consultava.

Na primeira vez em que fomos, Nicole saiu com uma careta estranha, se sentindo incomodada com tanta exposição. Afinal, se comigo era difícil falar, imagina com uma estranha? Ela optou por uma psicóloga animada e bastante simpática.

As vezes seguintes foram complicadas, pois ela não conseguia ser totalmente sincera e até cogitou uma vez parar com o tratamento, na mesma hora eu me posicionei apoiando-a, dizendo que se ela realmente não se sentisse bem, ela poderia deixar de ir, mas que eu achava que isso seria bom para ela, bastava que ela se permitisse.

E foi o que realmente aconteceu. Aos poucos e gradativamente. Nicole estava mudando e nem percebia. As consultas estavam dando um significado

superpositivo e foi nessa hora que eu decidi revelar algo para ela. Quando ela me explicou pela primeira vez o real motivo por traz de todas suas atitudes, ela havia me pedido que eu deixasse aquilo quieto, porém era algo impossível de se fazer.

Eu também necessitava de respostas e quando fui naquele dia para o almoxarifado descobri informações importantes. Eu as guardei no cofre do meu escritório e os deixei lá para mostrar a ela em uma situação melhor. Foi o certo a se fazer na época.

Quando eu mostrei os documentos a ela, primeiramente Nicole havia paralisado e depois, em um ato que não me deixou surpreso, chorou como se não houvesse amanhã. Eu fiquei ao lado dela todo o tempo que ela precisou e não saí do nosso quarto. Naquele dia, ela agarrou-se a mim como se sua vida dependesse daquilo, mas não ousou falar nada na hora. Ela apenas chorou e chorou, coisa que há muito tempo ela não fazia.

Antes de ela fugir, nosso relacionamento era mil maravilhas e ela não era alguém de chorar, não que eu visse ao menos. Quando um ano se passou e veio a descoberta que eu tinha um filho, as coisas realmente ficaram feias e por diversas vezes eu a vi se derramar em lágrimas, coisa que me partia o coração toda vez. Mas depois que nos acertamos, eu só conseguia ver sorriso em seu belo rosto. Aquela fase tumultuosa havia passado e estávamos realmente bem.

Tudo havia se ajeitado. Oliver e Heloise moravam juntos e não demoraria muito para ele a pedir em casamento. Nós já havíamos ido comprar a aliança e tudo. Assim como eu fiz anteriormente, ele veio pedir minha benção e eu a dei sem pestanejar. Eu ainda me recordava de suas palavras.

— Agora é um fato cunhado, eu com certeza vou me casar antes de você — alfinetou, brincando.

— Bom... Se depender da sua irmã realmente vai.

Nós no entreolhamos e rimos.

— Você acha que ela vai gostar do anel? — perguntou inseguro, depois de um tempo.

Minhas irmãs sempre foram criadas com mimos e luxos, então eu entendia sua preocupação. O anel que ele havia comprado era caro, já que ele trabalhava na minha empresa como advogado e por isso ganhava bem, mas não se comparava à fortuna da família, apesar de isso nunca ter sido um empecilho. Mas como homem eu entendia seu lado.

— Eu garanto que se isso fosse de lata, mas viesse acompanhado de um

pedido de casamento ela estaria tão feliz quanto... Ela ama você homem, deixe de besteira. — Bati em seus ombros e ele acenou a cabeça concordando, sabia que eu tinha razão.

Não demorou muito para o pedido acontecer e quando Oliver o fez, na frente de todos nós, após dar um jantar em seu apartamento, Heloise quase desmaiou vendo o homem à sua frente se ajoelhar. Ela chorou de felicidade e todos nós nos abraçamos felizes, menos duas pessoas. Foi naquela noite em que Nicole havia tomado uma atitude e não sei o que ela e Catherine conversaram sozinhas na varanda, mas ao saírem de lá, o clima estava mais ameno. Não que elas fossem melhores amigas hoje, mas aquela relação comparando-se a antes, era aceitável.

Nicole ainda era jovem e não havia acabado a universidade por conta da nossa briga e por ter fugido, como um casal nós nos sentamos e discutimos o assunto. Como Anthony tinha alguns meses quando nos reconciliamos, concordamos que quando ele fizesse um ano, ela retornaria e acabaria seu curso, que estava quase completo. Ela se formou com louvor, sentindo-se feliz por não ter finalizado com sua antiga turma, na qual ela não fez questão de manter contato, apenas com Juliet.

Eu dei a opção de ela não trabalhar mais, mas isso não foi negociável da parte dela. Ela não se via apenas como dona de casa. Não que isso fosse algo ruim, mas ela adorava estar em movimento. E claro, amava nosso filho, mas eu percebia que ela sentia saudade do ritmo de antes. Entramos em acordo que quando ele tivesse dois anos, ela voltaria ao trabalho. Ainda não havia chegado esse tempo, porém Nicole se preocupava com a questão de voltar ao escritório, ainda por cima se Kate estivesse lá.

Não havia como eu esconder o que havia se passado e quando ela descobriu, a vi ficar em diferentes tons de vermelho. Não era justo demitir Kate, então a transferi para outro setor, bem longe de mim. Não agradou cem por cento Nicole, mas ela aceitou. Eu tinha uma nova secretária agora, já que eu tinha outros planos para quando minha mulher voltasse. Ficou acertado também que ela trabalharia apenas meio período. Assim ela poderia se dedicar à empresa, trabalhando ao meu lado, como chefe também e estar perto do nosso filho. Era incrível como ele havia crescido em tão pouco tempo.

Eu podia ouvir sua voz no fundo da minha mente, me chamando de papai e me fazendo recordar do dia em que eu escutei essa palavra pela primeira vez.

Ouvi meu celular pessoal tocando e atendi sem pensar duas vezes. Não era comum Nicole me ligar, sem que fosse algo importante. Ela tinha mania de me mandar mensagens, desejando uma boa tarde ou bom dia, perguntando como estavam as coisas na empresa ou apenas dizendo que me amava. Atitude que me deixava bobo, a cada mensagem lida, mas ligação não era comum.

— Oi Daniel. Atrapalho? — sua voz estava estranha e eu comecei a me preocupar.

— Não, pode falar — respondi. — Aconteceu algo?

— Podemos fazer uma conferência pelo celular?

Fiz o que ela me pediu na mesma hora, sentindo meu coração bater mais rápido, cada vez mais preocupado. Aquilo nunca havia acontecido antes.

Sua imagem apareceu na tela, segurando Anthony em seus braços que tentava a todo custo pegar o celular da mão de sua mãe, que dizia não, balançando com a cabeça para ele. Quando o mesmo focou sua atenção na tela, conseguiu me ver através dela.

— Pa... pa — pronunciou as palavras que eu ansiava em ouvir. — Papa...

Eu senti uma sensação estranha se apoderando do meu corpo, algo que eu não havia sentido antes. Quando me descobri ser pai, não podia ter tido uma revelação melhor, mas tanta coisa na época estava ao redor, que eu não pude aproveitar da forma que eu queria. Mas agora eu podia. Eu podia aproveitar casa etapa da vida do meu filho ao lado da mulher que eu amava.

— Eu carrego nove meses esse menino na barriga e é assim que ele me retribui? — Nicole tentou parecer zangada, mas eu sabia que ela estava tão feliz quanto eu. — Ele chamar papai primeiro do que mamãe?

— Você me deu o melhor presente que eu podia receber Nicole, eu amo você. — Foi tudo que consegui responder na hora.

Voltando à realidade, ela parou nosso beijo, olhando-me de forma apaixonada.

— Podemos dormir? — pediu fazendo biquinho. — Eu estou tão cansada.

Fazia algumas semanas que Nicole saía com frequência, apesar de não saber exatamente o que ela fazia nessas saídas. Eu confiava nela e quando eu recebia uma mensagem, dizendo que ela iria sair com Anthony, eu não tinha a necessidade de saber para onde. Eu esperava ela vir me contar e ela o fazia sempre, enquanto jantávamos e ela contava o seu dia e eu contava do meu. Porém nos últimos tempos eu sentia que algo estava acontecendo.

— É claro amor — respondi, sem ter nenhum problema quanto a isso.

Apesar de termos um filho pequeno, quase todas as noites, depois de botá-lo para dormir, íamos para nossa cama e nos amávamos como se não houvesse amanhã. Nossas vidas eram corridas, mas sempre arrumávamos tempo para nós.

— Amanhã será um longo dia. — Ela olhou para mim com tanta intensidade, passando a mão pelos meus cabelos rapidamente e voltando a acariciar meu rosto.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei olhando-a de volta com curiosidade.

— Amanhã, Daniel... Amanhã. — E beijou meus lábios pela última vez antes de se aconchegar em mim e relaxar em meus braços, em um sono profundo.

CAPÍTULO 34

Nicole

— Eu estou muito orgulhosa de você Nicole — ouvi a voz da minha psicóloga após quase um ano fazendo tratamento, já que eu insistia em não o fazer e havia demorado a começar.

Quando Daniel veio com essa ideia, eu o barrei na hora, dizendo que não havia necessidade e perguntando se eu não estava me esforçando o bastante por ele. Lembro de ter ficado preocupada, por não estar fazendo o suficiente, mas eu não conseguia imaginar nada que tivesse feito, que o levasse a fazer aquele pedido. Porém ele se sentou comigo e explicou que aquilo não se tratava dele e sim de mim, que apesar de todas as minhas atitudes, eu ainda precisava cuidar das minhas feridas por dentro.

Quando eu escutei aquelas palavras pela primeira vez, eu não entendi o que ele queria dizer, mas hoje eu vejo o quanto Daniel queria meu bem e o quanto ele estava certo. Quando eu entrei em seu consultório, disposta a provar que eu não precisava daquilo, que eu estava apenas fazendo um favor a Daniel, ela olhou em meu rosto e me deu um sorriso faceiro, como se estive rindo de mim. Foi o que eu havia pensado no dia.

Eu a olhei espantada por sua atitude. Indignada que ele tivesse pagando tão caro por alguém que fizesse aquilo. Quando a sessão acabou, Daniel esperava por mim ansioso e eu tentei fazer a minha melhor cara para não demonstrar o quão ruim havia sido. Foi com muito custo, tempo e dedicação que consegui aos poucos confiar na mulher que estava na minha frente. Seu nome era Carmen e ela era tão alto astral, que muitas vezes minhas barreiras se abaixavam porque o seu jeito me encantava.

Eu conquistei uma amiga que me fez enxergar que eu não estava doente psicologicamente falando e sim que o aconteceu no meu passado havia afetado quem eu era hoje e o que aquilo era mais comum do que eu pensava. Que não só eu, mas que isso acontecia com todas as pessoas, umas com uma proporção maior e outras com uma proporção menor. Que aquele sentimento dentro de mim eu não devia esconder. Que eu tinha um homem que me amava ao meu lado e que compartilhar meus sentimentos era mais uma prova do quanto eu o amava

também.

Em uma noite qualquer, Daniel me chamou para conversar em nosso quarto e quando eu cheguei lá, havia vários papéis espalhados na cama e ele à minha espera.

Olhei para ele, fazendo um pedido silencioso para que me esclarecesse o que estava acontecendo. Daniel se aproximou de mim, pegou em minhas mãos e me levou em frente à nossa cama, mas não me permitiu ver o que continha nos papéis.

— Você sabe melhor que ninguém o quanto eu te amo, não é? — perguntou receoso.

— Eu sei que você me ama mais que tudo, mas eu preciso que você me fale o que está acontecendo agora — pedi, dando um sorriso nervoso.

— Eu creio que não deva me desculpar pelo que eu fiz... — começou, fazendo meu coração bater mais rápido. — Mas eu quero que saiba que você tem uma escolha... Assim como você ama o seu pai, eu amo o meu e quando você me contou sua história, foi impossível não querer esclarecer tudo que aconteceu... Eu precisava saber e foi isso que eu fiz...

Eu não ousei respirar naquele momento.

— Continue... — implorei quase sem voz.

— Nesses papéis você vai fazer algumas descobertas, mas como eu disse antes... Você tem uma escolha. Você quer deixar todo esse assunto morrer ou quer saber a verdade?

— A verdade...

Então ele pegou em minhas mãos novamente, me fazendo sentar em um lado da cama que estava vago e sentou ao meu lado, trazendo alguns papéis para si e me entregando depois de alguns segundos.

— Aqui está uma cópia do planejamento que meu avô havia feito... Como você sabe, foi ele que fundou a empresa há mais de 50 anos, mas foi meu pai e eu que realmente impulsionamos para ela estar onde ela está hoje. Eu quero que você olhe para esses papéis e me diga o que vê — pediu e eu olhei para onde ele apontava, reconhecendo o modelo antigo que era usado na época, mas não consegui responder. — Agora quero que você veja no que meu pai trabalhou no início da sua carreira. — Então me mostrou novos papéis, apontando sempre onde eu devia olhar. — Ele seguiu à risca o que o meu avô estava fazendo, no mesmo caminho... — Parou, pegando outros. — Aqui está o planejamento que ele havia feito para trabalhar nos anos seguintes. — Então, por longos minutos

eu estudei o que estava à minha frente, mas sem me pronunciar ainda.

Ele me deu um tempo, fazendo-me aos poucos assimilar tudo que estava escutando.

— Onde vocês moravam era uma área em que não havia muitos habitantes e era uma parte rural. Meu pai não só comprou sua casa, mas muitas outras para começar a realmente procurar petróleo. Nesses outros papéis, você pode ver que também foram compradas várias casas e terrenos em várias outras regiões, diferentes da sua. Aquela era uma época em que ele estava inovando e procurando novos lugares que contivesse o produto. Sua cidade foi a primeira a dar resultado Nicole. Então nada do que meu pai fez, foi com intenção de causar algum mal às famílias... — Acariciou minhas costas enquanto falava. — Todas as propriedades foram compradas pelo valor que elas realmente valiam na época. E sim, depois suas terras passaram a valer milhões, mas não antes do meu pai descobrir isso. Não foi nada intencional e esses papéis provam isso. Eu queria que você soubesse disso.

Quando sua voz finalmente cessou, eu ainda estava de cabeça baixa e só senti que uma lágrima correu pelo meu rosto, quando a mesma caiu nos papéis que eu segurava, agora de forma forte, fazendo-os se amassarem. Juntamente com aquelas lágrimas, muitas outras vieram. Eu chorei tão profundamente que Daniel apenas me segurava em seus braços, sem dizer mais uma palavra. Eu sentia uma dor profunda me rasgando ao meio sabendo que tudo que fiz foi baseado em uma mentira.

Eu havia acreditando tão fielmente ao meu pai, que eu não conseguia quebrar a promessa que eu tinha feito. Eu perdi anos da minha vida remoendo todo aquele ódio em meu coração. Noites planejando um ataque perfeito. Estudando anos uma universidade que nem era minha opção, só para poder me aproximar de Daniel e me vingar dele. Eu chorei tanto naquela noite, que eu não conseguia nem respirar.

Quando amanheceu e eu abri os olhos, sentindo minha cabeça doer horrores, a primeira coisa que eu vi na minha frente foi Daniel e ele olhava para mim de um jeito carinhoso, mas não com pena. Com pena não.

Depois daquilo, eu percebi o quanto eu realmente precisava me tratar. O quanto de coisa eu ainda mantinha guardado dentro de mim e foi trabalhando cada dia com o Daniel me apoiando que eu consegui superar aquela verdade. Não havia sido fácil, tinha noites que eu acordava chorando e ele não me fazia perguntas, apenas me abraçava e me consolava até que eu dormisse novamente.

Eu havia prometido ser melhor por ele, mas ele não fazia ideia do quão maravilhoso ele era para mim. Eu que havia mentido para ele, enganado, destruído, fugido e escondido que nós tínhamos um filho. Eu que o havia quebrado, deixando-o sem chão. Mas ele me perdoou aos poucos, ele permitiu que eu fizesse parte da sua vida mais uma vez, mesmo eu não merecendo. Ele estava ali o tempo todo para mim.

O dia em que seus pais morreram havia chegado e ele e suas irmãs os visitavam todos os anos. Eu não tinha mais um sentimento ruim em relação a eles. Era um sentimento diferente, assim posso dizer, mas não ruim. E quando ele se arrumou, vestido todo de preto e foi em direção à porta, eu o chamei e ele parou na mesma hora. Então eu perguntei se queria que eu fosse com ele até o cemitério.

Não tinha como ele não ficar supresso com minha atitude. Deixando Anthony com Heloise, que haviam ido mais cedo com Oliver, Catherine e Davis, nós partimos em direção ao local onde eles haviam sido enterrados. Ao contrário de onde meus pais se encontravam, aquele era um ambiente luxuoso, onde todos os túmulos eram bem cuidados e ao contrário de muitos cemitérios, havia só o bom perfume de várias flores que se encontravam ali.

Eu fiquei ao lado de Daniel todo o instante. Ele fez um discurso para seus pais na minha frente e em voz alta, porém ao invés de ele chorar, quem o fez fui eu. Então ele me abraçou mais uma vez, me confortando e passamos uma hora ali, apenas demonstrando o luto, que mesmo após anos, ainda era sentindo. Podia se passar cinquenta anos, mas a falta que os pais fazem, continuam a mesma. Eu melhor que ninguém, entendia o que ele sentia.

Quando foi a vez do aniversário dos meus pais, Daniel prontamente se ofereceu para ir comigo também e eu não recusei. Quando ele viu o cemitério onde eles estavam enterrados, perguntou a mim se eu queria mudá-los para outro melhor. Mas eu não podia. Aquela cidade era o último lugar em que estivemos todos juntos e apesar da simplicidade, eu sabia que eles estavam bem onde estavam.

Muita coisa havia mudado. Quando Oliver pediu Heloise em casamento e todos se abraçaram menos eu e Catherine, eu vi ali que eu que tinha que tomar uma atitude. Então eu a chamei no canto e tivemos finalmente uma conversa sincera.

Na varanda do apartamento de Oliver, eu olhava a bela loira à minha frente, que apesar de não me tratar mal, não tinha uma relação boa comigo.

— O que você que falar? — Catherine perguntou sem ser agressiva, em um tom normal.

— Eu amo seu irmão — confessei sem rodeios e ela me olhou com olhos esbugalhados. — Nada no mundo vai apagar todo o mal que eu fiz a ele. E eu sei o quão mal eu causei. Mas eu o amo Catherine. Amo mais que tudo na vida e eu estou tentando. Eu tento todos os dias ser uma pessoa melhor para ele, porque ele merece. E eu sei o quanto você é importante para ele, então hoje, aqui e agora, eu peço que você me perdoe também, por tudo que eu causei a vocês. Eu não quero que você seja minha amiga, mas eu quero que acabemos com esse clima. Eu não merecia uma segunda chance, mas ele me deu. Seu irmão é o cara mais decente que eu conheci em toda minha vida e eu vou passar o restante dela tentando me redimir com ele.

A partir daquele dia, nossa convivência havia melhorado significativamente. Eu comparecia em sua casa e ela na nossa, sem um clima tão pesado quanto antes. Daniel não disse com palavras, mas eu senti o quanto ele ficou feliz com minha atitude.

Meu relacionamento com Daniel não podia estar melhor. Brigas todos os casais têm e nós não seríamos diferentes. Mas combinamos de quando algo do tipo acontecesse, nós sentaríamos e conversaríamos como dois adultos e isso realmente deu certo. Depois de nos acertarmos, fazíamos as pazes na cama e não havia nada melhor.

A cada dia eu via Anthony desabrochar para a vida e cada descoberta era uma alegria para uma mãe de primeira viagem como eu. Qualquer atitude, por mais besta que fosse, me deixava encantada. Havia dias que eu parava em frente ao seu berço e imaginava o quão sortuda eu era por ser mãe dele. Ser mãe não era fácil, mas era um trabalho que eu amava. Havia noites em que eu estava tão cansada que não conseguia nem levantar da cama direito e Daniel o fazia por mim. Não só nesse caso, mas em muitos outros. Ele era um pai exemplar e tão babão quanto eu.

Meu mundo azul me enchia de felicidade e com Anthony crescendo, eu pensava, em um futuro próximo, tentar preencher o mundo com mais uma cor. Daniel não teve o prazer de me acompanhar em nenhuma fase da minha gestação, mas ele estaria nessa com toda certeza. Eu o queria segurando minha mão na primeira consulta do pré-natal, na descoberta do sexo e principalmente que ele se mantivesse ao meu lado quando eu estivesse tendo o nosso segundo filho ou filha. O que viesse eu estaria feliz, mas quando eu gritasse o seu nome na hora do parto, ele estaria ali e nós escolheríamos o nome juntos.

Balancei a cabeça, pensando na possibilidade de isso acontecer e encarei a mulher na minha frente.

— Eu que tenho que agradecer tudo que você fez por mim, doutora. Obrigada. — E nós no abraçamos.

— Nos veremos brevemente Nicole. — Trocamos um olhar cúmplice, onde nada precisava ser dito. — Creio que tem alguém te esperando lá fora. — E me acompanhou até a porta, onde do outro lado estava Daniel e Anthony, que gritou “mamãe” assim que me viu. Os dois sorriram para mim e eu não tive como não sorrir de volta.

Daniel me abraçou de um lado, com nosso filho do outro. Eu olhei para o céu, vendo o dia claro e radiante à minha frente, me perguntando se alguém poderia ser tão feliz assim. Com esse pensamento, fomos em direção ao carro e ele colocou o nosso filho na cadeirinha, depois abriu a porta e me deu um beijo rápido, mas cheio de significado.

— Para onde, meu amor? — perguntou, olhando carinhosamente para mim.

— Para o nosso lar.

BÔNUS 1

NOITE DO ACIDENTE

(Richard e Clarice)

O céu nublado escurecia ainda mais a cidade de noite, Clarice havia colocado o cinto de segurança, na mesma hora em que havia entrado no carro e após muita reclamação, seu marido colocou o dele também.

Richard dirigia em alta velocidade, fazendo-a enxergar as ruas apenas como borrões, ela ainda estava com uma roupa simples, após chegar em casa depois de um dia árduo de trabalho.

Preocupada em ter deixado seus dois filhos pequenos em casa, a mulher pegou o celular do marido e discou o seu próprio número deixando uma mensagem na caixa postal.

— Oi, meus amores, aqui é a mamãe. — Clarice falava com a voz entrecortada. — Nós estamos bem, não se preocupem. Voltaremos log... — A mulher não pôde terminar a frase, pois Richard tirou o telefone de sua mão. — Eles vão pagar, minha pequena. Eu estou fazendo isso por nós e não descansarei até que eles paguem. Volto logo, eu prometo.

Após isso a mulher olhou raivosa para seu marido, indignada com o que ele havia acabado de fazer. Ela estava farta daquela situação.

Ela não soube dizer quanto tempo havia se passado ou como o seu marido sabia o endereço da pessoa que havia comprado a antiga casa deles. Por mais simples que fosse, ela adorava aquela casa e apesar das dificuldades que os dois tinham, ela nunca se arrependeu de ter deixado sua família mesquinha para trás, ela estava com o homem que ela amava e havia tido dois filhos maravilhosos com ele.

Clarice tinha um enorme afeto àquela casa, havia sido ali que ela começara sua vida ao lado do marido e foi ali que ela viu Oliver e Nicole crescerem. Eles não puderam dar as melhores coisas aos filhos, mas haviam dado algo que dinheiro nenhum comprava, amor.

Ela apenas lamentava o seu marido ser tão apegado à filha mais nova,

enquanto o mais velho também necessitava de atenção. Atenção essa que ela tentava suprir de todas as formas. Ela e Nicole tinham uma boa relação, mas não se comparava a que ela tinha com seu pai. Ele era seu herói e Clarice nunca quis tomar o lugar dele. Apesar de tudo, ela sabia o quanto sua filha a amava também, disso ela não tinha dúvidas.

Quando chegaram a uma enorme mansão, ela observou o grosso portão e reparou que não seria tão fácil assim falar com o dono da casa. Richard estacionou o carro em frente a uma guarita, enquanto os portões continuavam fechados.

— Boa noite senhor. Como se chama? — perguntou o funcionário educado.

— Quero falar com Campbell — conseguiu falar sem gaguejar, mas o cheiro forte da bebida era notável a quilômetros de distância.

— Eu preciso saber seu nome senhor.

— Quero falar com Campbell — repetiu.

— Sem essa informação, não será possível ajudá-lo senhor.

— Diga que é Richard Sullivan, ele sabe quem é.

— Um minuto, por favor. — A contragosto, se dirigiu para dentro e pegou um telefone em suas mãos, discando alguns números no aparelho. — Boa noite doutor Campbell, há um homem aqui, querendo falar com o senhor, seu nome é Richard Sullivan. Como devo proceder? — Um silêncio se fez por alguns instantes. — Entendido senhor, tenha uma boa noite.

— Podemos entrar ou não? — Richard perguntou, impaciente.

— O doutor Campbell proibiu sua entrada. Sinto muito senhor Sullivan, mas o senhor terá que se retirar daqui agora.

— Mas eu preciso falar com ele agora!!! — perdeu a paciência.

— Eu não posso fazer nada senhor, sou apenas um funcionário. Peço que se retire. — Vendo que o homem no carro não saía do lugar, ameaçou. — Se o senhor continuar a insistir, terei que chamar a polícia.

Clarice até então calada, ao escutar que ele chamaria a polícia, se pronunciou.

— Não será necessário, nós iremos embora agora mesmo. Desculpe o incômodo.

— Mas Clarice...

— EU DISSE AGORA, RICHARD!

O homem olhou para mulher assustado, não era do seu feitio gritar. Ele deu meia volta no carro e seguiu na estrada por alguns minutos, depois ela pediu para

que ele parasse para que eles pudessem conversar.

— Você me fez parecer uma idiota na frente daquele homem Clarice. — Ele estava irritado e ainda um pouco bêbado.

— Idiota fui eu por não ter tomado nenhuma atitude antes! — Se aborreceu, chegando a ficar vermelha de raiva. — Escute aqui Richard, chega. EU DISSE CHEGA!!!

Ele olhou para ela novamente assustado.

— O que deu em você mulher?

— Olhe para mim como sua esposa e veja o quanto estou falando sério. Você vai parar com essa merda de bebida, você está me entendendo?

— São só uns goles...

— Eu nunca falei tão sério na minha vida Richard. — Pegou o marido pela camisa puxando-o para perto de si, enquanto ele ficava boquiaberto. — Se você não parar com essa merda de bebida o nosso casamento está acabando. E Deus sabe que eu não estou brincando. Você ultrapassou os limites, primeiro quando você começou com essa bebedeira, depois vendeu nossa cara... A nossa casa Richard... Pegou dinheiro com quem não devia... Se afundou ainda mais no álcool... Apesar de tudo isso que você fez eu estava do seu lado. Droga Richard, eu estava do seu lado em todos os momentos e é assim que você me retribui? Se afundando e afundando nossa família? — O homem continuava calado, sem reação frente à atitude de sua mulher. — Responda-me, droga!

— Eu não queria causar mal à nossa família.

— Mas causou!!! E agora cabe a você decidir o que vai ser... Você vai parar de beber e vai voltar a ser o homem que eu sempre amei ou podemos terminar nosso casamento agora?

Assim como qualquer casal, eles também já tiveram milhares de brigas antes, mas nenhuma tão séria a ponto de sua mulher chegar a ameaçá-lo de separação. Com um pouco de álcool ainda em seu corpo, Richard tentou voltar a si e encarar o que estava à sua frente. Ele iria perder a mulher que ele amava e seus filhos.

— Eu sinto muito Clarice.

— Eu sei que você sente, mas eu preciso de mais Richard, pela nossa família. Aqui e agora, depois dessa vergonha e humilhação que você nos fez passar, eu quero que você prometa que vai mudar.

— Eu vou.

— Não da boca para fora... Não por medo de me perder e sim porque você

entende que você está se destruindo.

— Eu quero ser um homem melhor para você e para os nossos filhos Clarice. Eu não quero jurar que eu vou mudar da noite para o dia e isso pode não acontecer e posso acabar decepcionando você novamente, mas eu prometo tentar. Você estaria disposta a tentar comigo?

— Apenas dirija. — Segurou a mão do marido, em sinal de positivo. Aquele era um recomeço para eles. Ela sorriu, olhando Richard, que parecia estar caindo em si. Ela se manteve quieta durante muito tempo, mas havia realmente explodido e se sentia mais leve. Richard iria mudar, nem que para isso ela lhe desse umas boas palmadas.

— Ligue para os meninos — ele pediu. — Eles devem estar assustados com nossa saída repentina. Ainda estou um pouco bêbado, acho melhor você falar e quando chegarmos lá podemos ter uma conversa em família.

— Já estamos voltando... Deixe para falar com eles quando chegarmos em casa. Quero contar a boa notícia da nova mudança do pai deles pessoalmente.

— Certo, querida. Assim que nós chegarmos em casa, iremos resolver tudo.

Sem mais palavras, Richard dirigia de volta à sua casa pisando forte no acelerador querendo chegar o mais rápido possível. Tinha chovido, depois parado por um tempo, mas voltou, e caía uma tempestade. Entretanto isso não impediu o homem de continuar pisando o acelerador com força.

A chuva ficava cada vez mais forte e o limpador do para-brisa não dava conta de conter o tanto de água que caía fortemente. Ansioso com seu retorno, continuava na mesma velocidade, por isso que quando um animal invadiu a pista, o homem não tinha como frear para impedir que o carro colidisse com o animal. Então ele tinha duas opções, bater de frente ou tentar mudar de pista. Richard escolheu pela segunda opção e, escutando o grito de sua mulher ao seu lado, não pôde fazer mais nada. Ele perdeu o controle da direção e o carro capotou várias e várias vezes. E o único pensamento dos dois pais antes de perderem a consciência, havia sido seus filhos.

BÔNUS 2

A DESCOBERTA

Daniel

Por mais que eu soubesse que era errado, dirigi apressado, pois pretendia voltar logo à minha empresa. Eu havia perdido o ritmo de trabalho com tantas reviravoltas nos últimos meses e apesar de poder me dar ao luxo de fazer isso, afinal eu era o chefe, não era algo que eu gostava. Depois que Nicole havia fugido eu havia criado um hábito terrível de beber e de trabalhar demais.

Parte de meu dia e a noite me mantinha focado no trabalho, mas quando chegava no apartamento, sozinho na imensa cobertura, era no álcool que me refugiava. Se não fosse por minhas irmãs, era capaz de eu ter me entregado totalmente, mas nenhuma delas, assim como Davis e Oliver, permitiram. Com o passar do tempo eu consegui largar a mania de beber, já que não era nenhum vício e apenas o fazia para esquecer Nicole. Ri sem humor lembrando disso.

Quando eu bati na porta antiga, a pessoa não demorou a atender.

— Oi Dona Mari... — abriu sem verificar o olho mágico, com um bebê em seu colo.

— Eu não sou a Dona Maria — falei olhando sério, enquanto a mulher abriu a boca sem palavras. — Eu me chamo Daniel Campbell e você deve ser a Julie.

— Sim... Isso... Sou eu. — Ela se atrapalhava, sem reação.

— Posso entrar? — Tomei uma atitude.

— É claro. — Deu uns passos para trás permitindo minha entrada.

— Você sabe quem eu sou, não sabe? — perguntei sem rodeios.

— Sim. Você é o pai do Anthony.

— Você e Nicole são grandes amigas, apesar da distância, não é? — joguei verde.

— Sim. Eu simpatizei com ela, desde que ela voltou a morar aqui. Não foi fácil conquistar a sua amizade, mas eu não sou uma pessoa que desiste fácil,

não é filho? — Sorriu para o bebê. — Acompanhei todas as fases da sua gravidez e a apoiei da melhor forma que pude, afinal eu estava grávida na época também, então juntamos o útil ao agradável...

— Eu sei que foi você — confessei, vendo a mulher ficar de vários tons.

— Nicole sabe? — Foi a única coisa que ela ousou dizer.

— Não.

— Por que você não contou a ela? — perguntou curiosa.

— Porque primeiro eu queria saber de você o motivo de ter enviado todos aqueles bilhetes.

— Ela era minha amiga e ao contrário de mim, que tinha meu marido para me apoiar e apoiar a minha gravidez, ela não tinha ninguém. — Ouvir aquilo me causou dor, pensando no quanto Nicole havia sofrido também. — Você não faz ideia de como é estar grávida e ainda ter que trabalhar para se manter. Ela trabalhou arduamente do início da gestação até o final dela, para ter algum dinheiro sobrando quando tivesse o bebê.

— Eu não sabia que ela estava grávida. — Tentei me defender.

— Eu sei que você não sabia. Nós no aproximamos ainda mais no final da gestação e ela comentou que o pai do seu filho não sabia que ela estava grávida. Eu era absolutamente contra isso, mas ela não aceitava nenhuma outra opção. Eu sempre achei que era um direito seu saber. E eu respeitei sua vontade até Anthony nascer.

— Eu queria ter podido ter acompanhado toda sua gestação — confessei, estando atordoado com tanta revelação. — Queria ter acompanhado todas as fases... As consultas, o pré-natal, a escolha do enxoval e principalmente ter podido estar presente no dia em que meu filho nasceu.

— Depois de um tempo em que Anthony havia nascido, eu pude observar que mesmo assim, aquilo não a completou realmente. Faltava algo para que ela fosse totalmente feliz. E Deus que me perdoe, mas eu sabia que esse algo era você e comecei a mandar os bilhetes... Na verdade, foi o meu marido, então posso culpá-lo também? — E riu, sem graça.

— Eu agradeço o que fez por mim — agradei de coração. — Se não fosse por você eu nunca a teria achado. Todas as pistas que eu e o irmão dela havíamos dado aos detetives que contratamos, eram direções completamente apostas. Eu nunca imaginaria que ela estaria aqui, então eles nunca tiveram sucesso nas buscas.

— Eu fiz porque queria ver minha amiga feliz.

— Agora eu tenho uma dúvida... Como você conseguiu deixar aqueles bilhetes?

— Eu fui até onde você mora e falei com o seu porteiro.

— E como conseguiu convencê-lo?

— Uma mulher com olhos tristes e com um bebê no colo consegue o que quiser — explicou-se dando de ombros e sorrindo. — Estava ele e seu neto no dia, então eu deixei com eles alguns bilhetes e avisei sobre as datas, mas depois Nicole voltou a morar com você e eu pedi para o senhor parar de enviar e mandei algumas lembranças em agradecimento.

— Creio que o garoto não recebeu seu recado então, pois em uma madrugada ele deixou mais um bilhete... — expliquei achando graça da situação.

— O senhor deve ter esquecido de avisar ao neto... Não acredito que o moleque me dedurou.

— Então... Todos temos nossos truques... Nada que um suborno não fizesse o garoto falar.

Nós dois rimos, achando graça da situação. Eu seria eternamente grato àquela mulher por ter me dado aquelas pistas e me ter feito achar a Nicole. Não imagino como seria minha vida sem ela. Toda aquela mágoa, eu tentei deixar para trás e trilhar novos caminhos ao seu lado. Antes de ir embora, Julie me olhou uma última vez e me fez um pedido.

— Cuide bem dela Daniel... — pediu séria.

— Sempre. — E fui embora.

Um sorriso escapou dos meus lábios, fazendo-me recordar de toda conversa que tive com Julie, a amiga de Nicole, naquele dia. Por mais que estivesse errada, a mulher não demonstrou nenhum arrependimento em ter mandado todos aqueles bilhetes para mim. Ela sabia que era a coisa certa a se fazer e tudo que queria era ver sua amiga feliz.

Não pude deixar de reparar em seu minúsculo apartamento, idêntico ao dos pais de Nicole, mas com condições mais precárias. Apesar da simplicidade do local, estava tudo muito bem arrumado e limpo. Havia alguns brinquedos espalhados pela sala, mas isso era só. Não senti nada estranho, estando com meus trajes caros e a mulher com um simples vestido. Não havia aquela questão de rico ou pobre ali, éramos iguais. Alguém que queria o melhor para a mesma pessoa.

Eu soube que seu marido trabalhava os dois turnos sem descanso, deixando-a sozinha na maioria das vezes, para garantir o sustento dos dois. Ele era

segurança em uma antiga fábrica da cidade e trabalhava como porteiro algumas noites para ganhar um pouco mais. A mulher falou do seu marido com orgulho e amor. Havia sido uma pena que eu não pudesse conhecê-lo, mas quando eu vi um porta-retratos deles em família, eu o reconheci de imediato. Havia sido ele quem estava no apartamento de Nicole no dia em que eu a reencontrei. E eu apenas sorri, deixando-a sem entender.

Julie relutou por alguns meses uma oferta de emprego para o esposo em minha empresa. Eu havia feito aquilo não como forma de pagar o que ela fizera, mas sim para ajudar aquela família e Nicole ainda poderia ter mais contato com sua amiga. Ela moraria na mesma cidade, mas em outro bairro. Eu havia ido pessoalmente a seu apartamento fazer com que ela aceitasse e tive o prazer de conhecer seu marido e ele era uma ótima pessoa, simpatizei com ele de imediato.

Não havia problema para ele aceitar, mas Julie ainda estava um pouco receosa. Mas seus pais estavam velhos e precisavam da ajuda financeira dela, que não tinha como ajudá-los da forma necessária. Além de dar uma condição de vida melhor para eles, para ela e seu filho também, poderia ter mais tempo ao lado de seu marido.

Quando Nicole descobriu o que eu fiz, me abraçou inúmeras vezes e agradeceu sem parar, parecia uma criança que havia acabado de receber um presente novo. Ela havia me falado de Julie algumas vezes e elas sempre se telefonavam, a distância não era um problema para a amizade das duas.

A pergunta de como nós havíamos nos conhecido era algo que eu já esperava. Então contei que um dia fui à sua casa fazer uma visita e ela havia me recebido de braços abertos. Era um sábado à noite quando eu trouxe ela e seu marido para visitar Nicole, já que ela não havia voltado lá para vê-la, depois de ter visitado o túmulo dos pais naquela data. Quando eu e ela fomos juntos, ficamos apenas aquele tempo e voltamos.

Sim. Ela havia me contado sobre sua visita aos pais e eu não pude não me sentir orgulhoso dela. Não só por sua atitude em ter tido coragem de ir vê-los depois de tantos anos, como de sua atitude de ter se aberto para mim. Aquilo era algo que trabalhávamos com calma, era um assunto ainda delicado, mas não proibido de falarmos.

Naquela mesma noite Julie e o esposo dormiram em nosso apartamento, depois de um jantar especial e jogos, onde competíamos em casal. Eles passaram o domingo conosco, onde visitamos vários pontos turísticos por Nova York e quando estava perto do fim da tarde, fomos levá-los em sua casa. Os homens na frente e as mulheres e os bebês atrás.

— Como você reagiu ao ver Daniel parado em sua porta? — perguntou Nicole curiosa, em um dos nossos momentos no fim de semana. — Deve ter ficado assustada, não foi?

— Eu me senti apavorada quando ele me confrontou naquele dia. — E todos nós sorrimos, os dois sem saber o real motivo por detrás daquelas palavras, mas a mulher piscou para mim, de forma amigável. Eu não havia contado a Nicole sobre os bilhetes. Não havia necessidade. E eu sorri, após ter a certeza de ter achado uma nova amiga. Aquele agora era um segredo meu e de Julie.

EPÍLOGO

Parada no altar, eu sentia a areia tocar os meus pés e o sol acariciar meu rosto. Eu suava nervosa, sozinha em pé ali, enquanto meu coração pulava dentro de mim sem freio. Os convidados estavam sentados à minha frente e alguns me observavam e eu retribuía o sorriso, mesmo a ponto de desabar a qualquer momento.

Heloise apareceu em minha frente, ansiosa e já sem fôlego também.

— Ele está vindo! — Foi tudo que ela disse, enquanto eu segurava a respiração por um breve momento.

O juiz de paz e o padre estavam perto de mim, esperando ele chegar. Quando as palavras foram ditas por minha cunhada, eles se levantaram rapidamente e se puseram nos seus lugares. Uma música começou a tocar e eu olhava para frente, sentindo a ansiedade me consumir. Então eu o vi.

Ele estava em seu traje formal, de terno e gravata, muito bem arrumado, porém descalço. O que não era comum para ele. Eu havia dito que tínhamos uma festa na praia e que eu iria com Heloise me arrumar no salão e estaria levando Anthony comigo. Nós nos encontraríamos lá porque não daria tempo de voltar para a cobertura e eu iria direto com eles.

O observei andar no local, mas ele ainda não tinha me visto. O vi me procurando entre os convidados que agora estavam se levantando em sincronia. Percebi o olhar dele confuso por não me encontrar. Oliver havia chegado alguns minutos antes dele e já se encontrava em seu lugar, ao lado de Heloise.

O pé de Daniel perdeu o equilíbrio quando ele subiu seu olhar para o alto e lá estava eu. Vestida toda de branco, em um vestido de noiva espetacular. Ele não era estilo princesa por causa do ambiente, era simples, porém todo detalhado, tornando-o singular. Eu segurava um buquê de flores em minhas mãos que tremiam sem parar. Tentava controlar isso, mas era uma reação natural.

Agora ele estava parado no lugar onde a noiva deveria começar a andar, porém eu não o esperei vir até mim. Eu fui até ele. Caminhando em sua direção, apenas o enxergando à minha frente. Não havia mais ninguém à minha volta. Ele levou a mão à boca em um gesto automático e surpreso, então eu estava realmente diante dele.

A mão que ele havia colado na boca cobriu seu rosto, enquanto eu vi descer lágrimas dos seus olhos.

— Eu achava que quem chorava na entrada era a noiva — pronunciei, vendo-o balançar a cabeça várias vezes, não acreditando que aquilo estava acontecendo. Dei mais dois passos ficando cara a cara com ele. — Há exatamente um ano você me pediu em casamento e eu disse não. — Então sorri. — Eu achava que depois da minha resposta, você nunca mais iria querer olhar para mim, mas te pedi uma chance. Te pedi um ano e você me deu.

Juntamente com o buquê, eu estava segurando as alianças que ele havia comprado e depois daquele dia, ele as guardou no cofre do escritório da nossa cobertura, mas eu sabia a senha. Então pegá-las não havia sido nada difícil. Eu abri a mãos que elas estavam e ele as observou na minha palma direita, ainda desacreditado.

— Um ano se passou Daniel... — Segurei uma de suas mãos. — E se antes eu tinha certeza que eu te amava, agora, aqui nesse momento eu quero confirmar isso na frente de todos. Eu não tenho palavras para descrever quão bom pai você é, o quão maravilhoso você é e principalmente não tenho como descrever em palavras o quanto eu te amo. Então eu estou na sua frente... Espero que você não queira que eu me ajoelhe. — Sorri novamente e ele também. — Eu estou aqui para firmamos o nosso amor, então eu te pergunto... Daniel, você quer se casar comigo?

Sem me dar uma resposta ele atacou meus lábios, sem ser importar com mais nada. Ouvimos palmas e assovios e paramos, observando todos os olhares para nós.

— Você vai ficar aqui meu amor — disse, emocionado. — Enquanto eu vou te esperar lá no altar.

E ele foi.

Entreguei as alianças que estavam na minha mão a uma pessoa responsável pela organização e fiquei de frente ao tapete vermelho, esperando-o chegar ao lugar que eu estava anteriormente.

Não sei de onde Oliver saiu, mas ele estava parado perto de mim, esperando. Então eu levantei meu braço em sua direção, chamando-o. Ele parou na minha frente, olhando-me com os olhos brilhando.

— Nosso pai não pode estar presente aqui hoje Nicky... E eu sei que você queria que fosse ele que te levasse até o altar, mas eu espero que você fique contente que eu seja seu substituto nessa data tão especial.

— Eu não poderia querer outra pessoa irmão. Eu amo você. — E então ele

beijou minha testa carinhosamente.

Uma nova música começou e eu estava pronta para ir. Segurando firme nele, dei o primeiro passo.

*Se eu falar bem devagar
Se eu realmente tentar
Esclarecer meu pensamento, querido
Que você tem meu coração
Aqui vou eu.*

O caminho pareceu ser uma eternidade, enquanto eu olhava para Daniel, sorrindo para mim. Foi impossível meus olhos não lacrimejarem e eu trincar os lábios, para não começar a chorar. Eu vi vários rostos conhecidos ali. Julie, seu marido, o filhinho deles, minha psicóloga — na qual eu havia me consultado dois dias antes —, Catherine, Davis, Liam, Heloise...

Oliver me entregou a Daniel e sussurrou algo em seu ouvido, mas eu entendi.

— Parece que se depender da minha irmã, você casa primeiro. — E eles riram, apertando as mãos em cumplicidade. — Cuide dela.

Um grito fino foi ouvido e viramos nossa cabeça na mesma hora. Anthony vinha correndo todo de branco. Seu cabelo castanho liso estava todo para o lado e ele estava usando um suspensório, deixando-o ainda mais fofo. Todos suspiraram, observando ele vir com a aliança e entregar nas mãos de Daniel, que o segurou em seu colo e deu um beijo em sua bochecha direita, enquanto eu me aproximei e dei um beijo na esquerda. Heloise veio rapidamente, tirando-o dos nossos braços e voltando para sua cadeira, sorrindo para nós.

Estávamos frente a frente. O padre começou a falar, fez um sermão incrível sobre o que era o amor. Suas palavras tocaram a todos que estavam ali, mas eu não conseguia fazer outra coisa além de sentir as mãos de Daniel segurando as minhas, acariciando-as.

*Se você me ama, com todo o seu coração.
Se você me ama, eu farei de você uma estrela no meu universo.
Você nunca terá que trabalhar.
Você passará todos os dias, brilhando sua luz em meu caminho.*

A música que eu escolhi a dedo, tocava ao fundo suavemente e eu não podia deixar de pensar que ela era minha e do Daniel. Eu me apaixonei por ela, desde a primeira vez que eu a ouvi e ele, de tanto me ver ouvindo-a, se apaixonou por ela também. Aquela era nossa música.

*Se eu falar bem devagar,
Se eu segurar sua mão,
Se você olhar bem perto, meu amor,
Você pode entender.
Aqui vou eu.*

Quando o padre acabou, era nossa vez de falarmos e Daniel fez questão de ser o primeiro.

— Nicole, há uns três anos, eu vivia minha vida tranquilamente até você entrar no meu escritório e roubar meu coração para si. A primeira vez que eu senti você em meus braços, eu sabia que não havia espaço para nenhuma outra mulher. Você minou todas as chances de qualquer uma. E quando nos separamos... — Ele tentava não dar tantos detalhes, mas eu sentia o peso de cada palavra e o que elas significavam. — Minha vida havia realmente acabado ali. Eu fiquei completamente devastado sem a sua presença e apesar de ter sido tumultuada a nossa volta, eu sentia que daquela vez era para sempre. Você cometeu muitos erros... Eu também cometi, mas juntos nós tentamos ser melhor um para o outro. E mesmo que você não perceba, não houve um dia sequer sem que você provasse seu amor por mim. Você é uma pessoa incrível Nicole e aos poucos eu descobri o quão maravilhosa você é e quantas inúmeras qualidades você tem. Sempre me surpreendendo e me fazendo me apaixonar cada dia mais por você, se é que isso é possível. Esse casamento representa bem nossa relação. Fora do comum. Fora dos padrões. E isso é algo que eu acho incrível na gente. Hoje e aqui vamos confirmar o que já sabíamos... A gente se pertence, independentemente de qualquer coisa. Eu amo você e sempre vou amar.

Lágrimas já rolavam sem parar nessa hora e foi impossível impedi-las. Eu amava tanto o homem à minha frente, que não cabia dentro de mim.

— Daniel, eu cometi muitos erros nesses anos. Erros que nos devastaram e nos feriram. Mas eu agradeço todos os dias da minha vida por você ter dado uma chance de eu colocar todos os caquinhos que eu quebrei de volta. Assim como você me colou enquanto eu estava quebrada. Enfrentamos coisas que eu achava

impossível, mas juntos fomos mais fortes que qualquer coisa. Você sempre foi muito mais carinho, amoroso, atencioso e tudo que há de bom, a mais que eu. Suas qualidades me fizeram amá-lo, mas seus defeitos me fizeram te admirar cada vez mais por ver o quanto você consegue lidar com eles. Eu não sou boa em lidar com meus defeitos, mas você me fez enxergar uma luz no fim do túnel. Você me fez perceber que ainda existia algo bom dentro de mim e eu tentei a cada dia demonstrar isso. Por Anthony. Por você. Vocês são tudo para mim. Você, Daniel, é o homem da minha vida. O homem que eu quero que esteja ao meu lado em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. — Eu levantei meu braço mostrando a pulseira que eu usava todos os dias. — Nosso compromisso já foi selado há muito tempo. E talvez tivemos que passar por tudo isso, para provar que o nosso amor é capaz de resistir a qualquer coisa. Com você ao meu lado eu sei que sou capaz de enfrentar o mundo. Não há nada que eu queira mais do que ser sua esposa. Então quero repetir algo que li um dia: O amor não é um lugar para ir e vir quando desejamos. É uma casa que entramos e nos comprometemos a nunca mais partir, então tranque a porta e jogue a chave fora. Eu amo você Daniel Campbell.

Quando dissemos sim e as alianças foram colocadas um no dedo do outro, mais um beijo cheio de significados foi trocado. Eu chorei. Ele chorou. Era tanta emoção naquele momento que eu não conseguia nem respirar.

No tapete mais uma vez, agora de mãos dadas e oficialmente casados, andamos pelo caminho. Sentindo chuva de arroz batendo em nossos corpos, mas não ligamos. Sorrimos uma para o outro sentindo que tínhamos uma vida toda pela frente e que nada mudaria aquilo. Que nos pertencíamos e nos amávamos de uma forma que era impossível explicar. Eu olhei mais uma vez para Daniel, seu sorriso era verdadeiro e contagiante. Sentindo que nada poderia nos abalar. Com Anthony e com Daniel, meu futuro estava traçado. Com eles, eu iria **até o fim**.

Table of Contents

<u>CAPÍTULO 1</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>
<u>CAPÍTULO 14</u>
<u>CAPÍTULO 15</u>
<u>CAPÍTULO 16</u>
<u>CAPÍTULO 17</u>
<u>CAPÍTULO 18</u>
<u>CAPÍTULO 19</u>
<u>CAPÍTULO 20</u>
<u>CAPÍTULO 21</u>
<u>CAPÍTULO 22</u>
<u>CAPÍTULO 23</u>
<u>CAPÍTULO 24</u>
<u>CAPÍTULO 25</u>
<u>CAPÍTULO 26</u>
<u>CAPÍTULO 27</u>
<u>CAPÍTULO 28</u>
<u>CAPÍTULO 29</u>
<u>CAPÍTULO 30</u>
<u>CAPÍTULO 31</u>
<u>CAPÍTULO 32</u>
<u>CAPÍTULO 33</u>
<u>CAPÍTULO 34</u>
<u>BÔNUS 1</u>

BÔNUS 2
EPÍLOGO